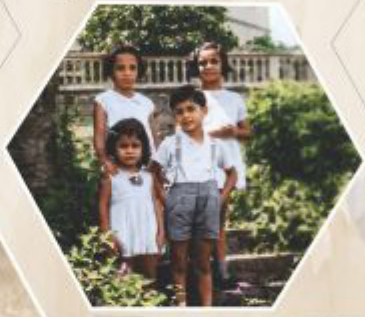
ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

RECORDAÇÕES DE MUQUI

Cidade menina em prosa e versos











editora NAMÍBIA

Copyright by © 2026
Ester Abreu Vieira de Oliveira

Copyright by © desta edição
Editora Namíbia

Coordenação editorial:
Silvana Marino Gomes

Projeto editorial:
Eros Cícero de Oliveira

Revisão:
Da autora

1ª edição
Maio de 2026

editora NAMÍBIA

Avenida Paulista, 726, Sala 1202,
Bela Vista, São Paulo, SP
CEP 01310-910
www.namibiaeditora.com.br
E-mail: namibiaeditora@gmail.com
Instagram: namibia editora

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito, da autora. Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais Lei 9.610/98.

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

O48r

Oliveira, Ester Abreu Vieira de .-

Recordações de Muqui: cidade menina em prosa e versos. Ester Abreu Vieira de Oliveira. São Paulo: Namíbia editora. 2026. 324 p.

ISBN 978-65-83805-20-1

1. Literatura: miscelânea. 2. Memórias. 3. Reminiscências. 4. Muqui: História I. Oliveira, Ester Abreu Vieira de. II. Título.

CDD 808.883

Índice para catálogo sistemático
1 Literatura: miscelânea - 808.883

Dedico esta obra aos meus pais, Ataulpho Vieira de Almeida
e Maria da Penha Abreu Vieira, “in memoriam”,
pois me transmitiram o seu amor por Muqui
e me ensinaram a valorizar a família e os amigos

Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está em uma caixa de bombom.

[*Carlos Drumond de Andrade*]

SUMÁRIO

Ester Abreu e seu livro de memórias, 7
Francisco Aurelio Ribeiro

Introdução, 14

Maria da Penhae a Folia de Reis, 19

Um dia de uma professora rural, 29
Clóvis Abreu Vieira

Nada grandioso no mundo foi realizado sem paixão, 32
Clóvis Abreu Vieira

Uma lição de amor, 36
Clóvis Abreu Vieira

**A fundação de Muqui: rincão capixaba
onde o verde toca o azul, eu e os Pedros**, 38

Cidade menina, 45

Um cantar a Muqui, 55

Recordação de uma igreja em construção, 69

Um exemplo de vida, 77

Palacete dos Rambalducci, 79

O fantasma ladrão, 90

O casamento de meu tio, 93

Os tamancos e uma guerra, 96

O leque, 103

La buena dicha, 109

Temor e encantamento, 113

Dia dos pais, 116

Pão e circo, 120

Em uma casa, cercada e verde, repleta de luz, 123

O despertar de um fascínio, 127

Colégio de Muqui, 132

O ciclo das águas e a seca do rio Muqui, 146

Do carnaval à Semana Santa, 156

Um copo d'água que frustra..., 164

Assombrações e perfis, 167

Casos e causos, 172

Momento de angústia, 176

Prainhas e praias, 180

A morte ronda a tigela no silêncio da casa, 182

O despertar de um fascínio musical, 188

Um reino de fascinação e informação, 191

Do carnaval à quaresma, 194

Silêncio onírico da casa, 197

Saídas e retornos, 203

Sob as hélices do destino (Tragédia nos ares de Muqui), 210
Josina Drumond

Pânico no milharal, 214
Josina Drumond

Infância no Caparaó, 217
Francisco Aurelio Ribeiro

Reminiscências de Muqui, 222

Referências, 230



Ester Abreu
e seu livro de memórias

Francisco Aurelio Ribeiro

Ester Abreu Vieira de Oliveira, capixaba de Muqui, a "Cidade Menina" do sul do Espírito Santo, um dos berços do folclore capixaba, é uma das pessoas mais queridas de nosso tempo. Todos os que a conhecem aprenderam a admirar sua força de trabalho, sua delicadeza, sua ternura, seus olhos inquietos de menina, seus lábios sempre a sorrir, com uma palavra de elogio, de incentivo e até um puxão de orelhas, de vez em quando. Ela tem uma legião de seguidores no Espírito Santo, pois ensinou a língua de Cervantes a milhares de alunos, em mais de cinquenta anos de magistério, em todos os níveis de ensino. Com 77 anos, continuou a trabalhar, no Mestrado em Estudos Literários da Ufes, como Professora Voluntária, após muitos anos como efetiva. Sempre a pesquisar, teve sempre um livro no prelo, outro no computador e outro na cabeça. Em 2009, publicou seu estudo de Panic, uma peça teatral de Valejo, dramaturgo espanhol contemporâneo, seu estudo de pós-doutorado em Madri, e a tradução de Panic. Ester me solicitou um "Prólogo" para seu livro de memória, um misto de prosa e poesia, escrito sobre sua cidade natal, a Muqui da minha mãe e dela. Resistir, quem há de?

J. L. Borges, escritor cujos escritos compartilhamos há muito tempo, escreveu em sua conferência sobre "O Tempo" que o tempo presente não existe, só o passado, e que só a memória permanece. Mas a memória é individual e, em grande parte, feita de esquecimento. "Nós somos feitos, em boa parte, de nossa memória". Para ele, a eternidade é a soma de todos os tempos passados dos seres conscientes, e não se sabe quando começou. Citando Plotino, ele afirma que a memória é o presente do passado. Para Platão, "o tem-

po é a imagem móvel da eternidade" e, para William Blake, "o tempo é a dádiva da eternidade", ambos citados pelo grande escritor argentino. Mais à frente, em seu ensaio - conferência, Borges afirma que "O eterno é o mundo dos arquétipos" e, quando esse absoluto deseja manifestar-se, manifesta-se no tempo, pois o tempo é a imagem da eternidade".

Todas essas considerações encontradas em Borges sobre tempo, eternidade, memória e arquétipo me vieram à lembrança quando li o livro da Ester, para fazer, a pedido dela, essa Introdução, pois, como ela afirma: "os textos que aqui se encontram repetem e recriam situações de uma época ou de um conjunto de fatos que se tornam arquétipos. O passado que aqui revive toma vida no momento da escritura e no momento da leitura, porém ele não está copiado, mas presentificado" (p. 18 deste livro). Borgeana, minha amiga, quase uma paráfrase esses textos, duplos de si mesmos.

Ester nos conta, em prosa e verso, a história de seus antepassados, desde o bisavô Pedro João Vieira Machado, de origem nobre, vindo de Valença, RJ, terra dos barões do café, para fundar, "Entre Boa Esperança, São Francisco e Entre Morros", o Arraial do Lagarto, mais tarde, o povoado de São João do Muqui. A Fazenda de Entre Morros desse longevo bisavô, cuja lembrança concreta é um quadro na parede da sala do "Solar da Ester", não faz parte, apenas, do imaginário dela, menina, que visitava a antiga senzala dos escravos, pegava as frutas no pé ou brincava no grande terreiro; também faz parte do meu, anos mais tarde. Meu avô morava em frente da casa dos pais da Ester, "casa cercada de verde, repleta de luz"; era início dos anos sessenta, e passava minhas férias lá, na chácara do vovô, em "Entre Morros". Após a longa viagem, de jipe, de Ibitirama, na serra do Caparaó, até Muqui, o anúncio da chegada à cidade mágica, para mim, era a vista do velho solar da fazenda do seu bisavô. Tentava contar as janelas, mas era impossível! Para que tantas, perguntava meu coração, mas meus olhos não respondiam nada.

Seu poderoso bisavô foi o pai do seu avô, o coronel Pedro João Vieira Machado, que gerou seu pai, Ataulpho Vieira de Almeida, que, na ausência prematura da mãe, foi criado por sua tia-avó, a Tia Cinica, precursora de uma geração de matriarcas

do século XX. Tia Cinica, Maria da Penha Abreu Vieira, Ester Abreu Vieira de Oliveira, três gerações de mulheres fortes, professoras, sensíveis, que sobreviveram aos maridos, criando suas proles, ensinando-lhes os seus valores de honra, respeito, virtude, fortaleza, crença e fé. Mulheres bíblicas, mulheres arquetípicas. Mulheres nascidas para carregar bandeira nas folias de reis da vida, já que, no folguedo popular representativo de sua cidade natal, não havia lugar para as mulheres, no passado. Hoje, sim, pois mudaram-se os tempos, mudaram-se as vontades, cambiaram-se os papéis, inclusive os masculinos e femininos. E o principal motivo dessa mudança foram as mulheres, quando saíram de casa, mesmo contra a vontade masculina, e foram estudar, trabalhar, abrir novas frentes, revolucionando a história da humanidade. Ser "marido da professora" passou a ser profissão desejada por muitos homens, pelo novo papel ocupado pela mulher na sociedade surgida no século XX.

O livro de memórias da Ester não é apenas um rico depositário das suas lembranças. É, principalmente, um testemunho lúcido, ainda que sentimental, das tradições de um povo, documento de uma época, relato de uma geração, aula de cidadania. Crônicas como a dos "Tamancos" mostram o preconceito contra alemães e italianos, na época da segunda guerra mundial; a dos "leques" dá uma aula sobre esse objeto mágico e sedutor divulgado pelas espanholas; tipos populares como Seu Antenor, o sineiro, Dr. Dirceu, o célebre professor, advogado e político de Muqui, Sebastiana, a empoada, Padre Pedro, o espanhol, são personagens - símbolos da "Cidade Menina", revividos pela cronista e seu olhar de menina.

"Nasci à beira linha". Poucos leitores entenderão essa afirmação tão simples, tão certa, tão fácil. Para mim, que só fui conhecer trem de ferro aos seis anos, o mesmo à beira do qual nasceu a menina Ester, foi como voltar ao passado, também, e recordar como era forte a influência da chegada e da partida dos trens , para quem nasceu à beira linha.

Todos sabiam que, um dia, também pegariam sua malinha, seu guarda-pó e, como a tia - madrinha chic do Rio de Janeiro, um dia, embarcariam para a capital do Estado ou para a Capital do País, as duas estações ligadas pelas linhas do trem. Ninguém mais estaria condenado à prisão domiciliar, como viveu minha avó, do outro lado da rua. Presa pelo casamento aos "laços matrimoniais", e isso não era somente uma metáfora, foi impedida de estudar, de sair, de viver. A crônica "Saídas e retornos" mostram a Ester nascida à beira linha, que estudou na capital, foi para a Espanha e participou de congressos no mundo todo, falando de donjuanismo e de qualquer tema que uma mocinha antes dela não ousaria, sequer, pensar.

Minha avó era da mesma tribo do "Seu Armênio e a mulher", que Ester conheceu menina, na fazenda do tio, ditos macumbeiros, pois conheciam o segredo das ervas e das orações, feitos numa linguagem incompreensível, temidos por todos, os últimos "Puris" dizimados pelos conquistadores brancos. Minha mãe nasceu na Fazenda Cachoeira Alta, filha de um daqueles imigrantes italianos de que todos gostavam, por sua alegria, e que gostavam de cantar suas canções napolitanas. A mãe da Ester, no primeiro texto do livro, cita que as folias de reis vinham da Fazenda Cachoeira Alta.

Ler as memórias de Ester, neste domingo ensolarado de quase abril, despertaram as minhas memórias, pois elas se cruzam em vários momentos. Também fui contagiado pela sedução do trem e aprendi, como ela, a sair e a voltar, pois, onde havia caminhos, encontraria novos horizontes. Gostaria de continuar falando do livro da Ester, pois, lendo-o, estou relendo, também, a minha infância e revivendo com ela o meu passado. Da mesma maneira que ela se pergunta, poeticamente, "Onde a senzala,/a goiabeira,/o paiol,/ o sino,/ a chave de Pedro?", num "Ubi sunt?" à maneira de Manuel Bandeira, também perdi a fazenda, a goiabeira, o paiol, o sino da igreja da aldeia, a chave de Pedro, que, no meu caso, não era o avô, mas o Pai, morto em uma enchente, como a Tia Cinica. Somos irmãos de destino, pai e filha, mãe e filho, irmãos de ideais, sonhamos os mesmos sonhos, nossas memórias são arquétipos de um mesmo inconsciente. Cito-a: "Há aqueles que, como Marcel

Proust, reconstroem um mundo perdido com base em sondagens "involuntárias", metamorfoseando memórias. Diferente dele, nós não estamos "em busca de um tempo perdido". Encontramo-nos, nele. E, retomando Borges, para fechar este Prólogo, que se alonga demasiado, "Que seria de cada um de nós sem a memória?"

Rua Vieira Machado, centro, Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora





Igreja de São João Batista - Muqui - ES
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Introdução

Nesta obra reuni, a pedido de alguns familiares e amigos, os textos que escrevi e fazem emergir acontecimentos do passado de minha cidade Natal, Muqui, quando ali vivi, até antes de me casar, em 1960.

Nesta edição modifico sequências apresentadas na obra anterior, acrescento alguns textos meus inéditos ou publicados em internet e ou em algum livro ou revista que façam referência a alguma situação ocorrida em Muqui em tempos idos, pois a memória continua a fluir com a vida, e acrescento outros textos nesta edição: três de Clóvis Abreu, um de Francisco Aurelio, um de Wilbett Oliveira e dois de Jo (Josina) Drumond.

Meus textos foram produzidos sem procurar documentar-me nos alfarrábios, mas na memória do que vi e ouvi. A maioria deles, publicada em antologias ou livros, reproduz, com um toque de minha visão, o fluir de vidas em contos, em crônicas ou em poesias.

Muitos fatos relatados aqui só servem para a memória da cidade, ou da sua história, pois muitas pessoas que lá vivem não encontrarão ecos nos acontecimentos que menciono que anteciparam ao seu presente.

Os ecos da recordação, de aqui e ali, retratam a saudade. Mas não quero dizer que pretendo voltar à minha infância e juventude para recomeçar a caminhada, nada disso. Todo o meu percurso de vida, desde que adquiri a consciência do dever, está pautado em um procedimento de retidão, espelhado em ensinamentos familiares, o qual segue uma meta pensada por mim, sob a proteção Divina. Porém, nesse trajeto, os arquivos da memó-

ria foram-se inchando de dados e estes que vêm à tona, em um momento presente, são as saudades do tempo passado os quais pretendo que retornem em um futuro como registro do que ficou para trás.

A palavra saudade, bem portuguesa, é um sentimento que cada povo o interpreta com vocábulos ou expressões diferentes. Cito, como exemplo, em espanhol: nostalgia, "añoranza", "echar de menos." Saudade é tema de poemas e de livros, contém um sentimento de tristeza nas lembranças de ausências de alguém que se quer perto ou de alguma coisa ou de algum animal. Na saudade há carinho, paz, recordação.

Saudade é associada a lágrimas, a crueldade, pois quem tem saudade chora pelas situações que se perderam.

Rua Vieira Machado de Muqui, ES
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Ai ecos de antigamente
tempo de dias felizes
quando nas noites estreladas
São Jorge no seu cavalo
passava jogando prata
Três Marias e Cruz do céu
adornavam o velho véu,
quando de outras galáxias
nada se ouvira falar,
quando todos conheciam
o nome de seus vizinhos,
quando os velhos violões
cantavam em serenatas,
quando o pequenino mundo
era de outro e esmeralda,
quando a poluição chegava
com o rodar da ciranda
e com a alegria do pique
pique, pique, pique, quem será?

Finalmente, os textos que aqui se encontram repetem e recriam situações de uma época ou de conjuntos de fatos que se tornam arquétipos. O passado que aqui revivo toma vida no momento da escritura e no momento da leitura, porém ele não está copiado, mas presentificado.

A lembrança abre a porta do sonho e do devaneio, onde estão os arquétipos: fogo, água e luz, mas na infância reside a superabundância deles os quais geram o entusiasmo que nos ajuda a acreditar no mundo, a amá-lo e a criar o nosso espaço (Bachelard (1980, p. 21).

Contudo, quando se revivem os arquétipos da infância, as forças dos paradigmas maternos e paternos retornam e o mundo se modifica e o tempo passado se faz presente com todos eles. Essa realização, na concepção freudiana representa realizações disfarçadas de um desejo querido.

Folia de Reis de Muqui e seu cortejo com bandeira indo para a Igreja Matriz
Fonte: Secult (https://secult.es.gov.br/)





Maria da Penha e a Folia de Reis

Para falar de Muqui e das recordações que desta cidade tenho, não poderei deixar de mencionar minha mãe, dona Maria do seu Ataulpho, assim conhecida no Entre Morros e por algumas pessoas da cidade. Além de ser professora de uma grande geração, de se dedicar à catequese, à criação e manutenção da irmandade para crianças de São Tarcísio e de ajudar ao próximo, gostava de flores e gostava de cuidar delas. Por isso fiz o poema "Cromo":

Coroa cinza.
Azul. Flores.
Hortênsias!?
Numa ilusão simétrica
zelo e matizes mesclam.
Move-se todo o azul
entre o vermelho e o roxo.
Agita-se o azul!
Reflete-se nas cãs a luz.
Brilha o cinza olhar,
a prateada auréola.
Colorem-se as mãos
ondeia o móvel azul!
Caminha. Sorri.

- E a irreal hortênsia?
Levou-a Maria.
Mas no jardim continuam
verde, roxo, vermelho
sem o azul e a prateada auréola...

Maria da Penha Abreu Vieira veio de Minas Gerais com seu pai, Cornélio Abreu, para Muqui, numa época de efervescência do café. Logo ao chegar, lecionou no Colégio das Irmãs e, depois, passou a dar aulas na escola da fazenda do senhor Alcino Vieira Machado, no alto da Boa Esperança, onde esteve o interventor João Punaro Bley e ela pôde recepcioná-lo com seus alunos.

Minha mãe se casou com Ataulpho Vieira de Almeida, irmão do fazendeiro Alcino Vieira Machado, proprietário da Fazenda da Boa Esperança, onde ela lecionava. Ele era agricultor, e tinha, na ocasião de seu casamento, uma barbearia na Rua Vieira Machado, a principal da cidade.

Folia de Reis (Muqui,ES)
Fonte: Acervo da Autora



Ataulpho era filho do Cel. Pedro João Vieira Machado e de Firmina Vieira de Almeida. O pai nasceu em Muqui e a mãe em Castelo. Minha mãe, Maria da Penha, amou a cidade e os muquienses e nela contribuiu, com seus conhecimentos, para a educação de muitos jovens. Ela fundou, no Entre Morros, a sua escola e depois trabalhou como professora, durante muitos anos, na Escola Rural da Cachoeirinha. Religiosa, atuava na igreja como membro do Apostolado da Oração, e como catequista e fundadora da Cruzadinha, contribuindo para estimular a devoção a São Tarciso. Além da profissão de professora, ela ajudava na confecção de doces e salgados das festas de casamento e costurava para os filhos e para fora. Quantos sábados víamos caminhões parando em frente de nossa casa e dele descer moças que entravam em casa e saiam vestidas de noiva!

Maria da Penha Abreu Vieira, aos 19 anos.
Fonte: Acervo da autora

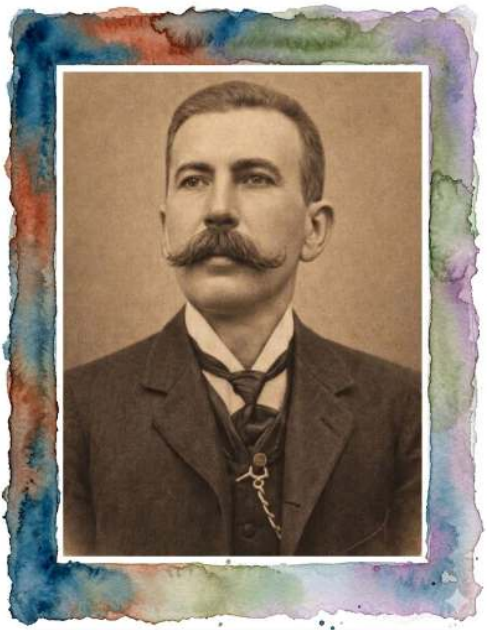


Os vestidos nos finais de semana, principalmente nas vésperas da festa de São João Batista, 24 de junho, adornavam com suas variadas cores as camas e os cabides, principalmente o cabide de chifre de veado galheiro, na sala de jantar, onde papai colocava pendurado o seu relógio de bolso e de ouro, cujo tic... tac se fazia ouvir por toda a sala.

Quando meus pais se transferiram para Vitória, foram impressos alguns textos de minha mãe em *A Tribuna* e, quando fez 80 anos, ela publicou o livro *Retalhos de Uma Vida* e *Reminiscências*. Mas o texto sobre a Folia de Reis de Muqui, que aqui coloco a seguir, foi o último que ela escreveu, em 2000, poucos meses antes de morrer, com 91 anos. Ele é um exemplo de seu amor pela cidade de Muqui. Em 2021, organizei e publiquei sua obra póstuma Reminiscência, coletânea de algumas crônicas onde ela relata fatos do cotidiano e retrata pessoas, durante a sua vivência em Muqui. Minha Mãe teve seis filhos: Estela Abreu Vieira Manso, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Pedro João Abreu Vieira Machado, Maria da Gloria Abreu Vieira, Clóvis José Abreu Vieira e Danilo Abreu Vieira.

Maria da Penha Abreu Vieira, meninos e meninas da Cruzadinha
Fonte: Acervo da Autora





Pedro João Vieira Machado
e Firmina Vieira de Almeida (abaixo)
Fonte: Acervo da Autora



Chegando o tempo de Natal, aparece sempre, nesses lugares simples, a antiga e tradicional Folia de Reis, simbolizando o natal do nascimento do menino Jesus. Morei em Muqui, onde todos os anos aparecia a Folia de Reis, vindo do interior, da fazenda da Cachoeira Alta, chegando a qualquer hora, até altas horas da noite, sempre tocando sanfona, viola e pandeiro. Na frente da comitiva, vinha a Bandeira do Divino Espírito Santo toda enfeitada de fitas coloridas, seguida por homens que cantavam e tocavam. Eles batiam nas portas, pediam licença para entrar cantando:

"Ó de casa Santos Reis. o divino está na porta".

Algumas pessoas os deixavam entrar e os recebiam oferecendo-lhes um lanche, quando eram avisados de sua chegada. O dono da casa recebia uma espórtula e eles agradeciam a acolhida com músicas e versos.

Havia outras pessoas que não abriam a porta para eles e os recebiam só com a espórtula. Na frente da Folia ia um palhaço fazendo cambalhotas e, às vezes, corria atrás das crianças, mas, quando recebia espórtula, agradecia cantando:

Ester Abreu Vieira de Oliveira com seus pais, irmãs e irmãos
Fonte: Acervo da Autora



Deus lhe pague a bela esmola
dada de boa vontade
lá do céu terás o pago
pela Santíssima Trindade

O grupo de Folia de Reis corria as casas e sempre terminava de percorrer a cidade nas vésperas de Natal.

No fim da novena, sempre os participantes das Folias de Reis recebiam um jantar no Colégio de Muqui, oferecido pelo Dr. Dirceu, que sempre prestigiou esses feitos que alegravam o povo. As variadas Folias iam-se encontrar no Colégio onde seriam classificadas pela fantasia, pela atuação do palhaço e da cantoria.

Folia de Reis - Muqui, ES
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Folia de Reis.

Chegando o tempo de Natal, aparece sempre nesses lugares simples, a antiga e tradicional Folia de Reis, simbolizando o Natal do nascimento do menino Jesus. Morei em Muqui onde todo ano aparecia a Folia de Reis vindo do interior, ~~sempre~~ da Fazenda da Cachoeira Alta, chegando qualquer hora, até altas horas da noite sempre tocando sanfona viola e pandeiro. Na frente vinha a Bandeira do Divino Espirito Santo toda enfeitada de fitas coloridas e todos homens cantando, e tocando. Batiam nas portas para licença para entrar cantando:

Ô de casa Santos Reis! O divino está na porta. Uns duravam entrar e eram recebidos com um lanche quando eram convidados. Recebiam uma espórtula e agradeciam com músicas e versos. Outros não abriam a porta e despediam só com a espórtula. Na frente ia um palhaço fazendo cambalhotas e às vezes, corria atrás das crianças.

Quando recebiam espórtula agradeciam cantando:

Deus lhe pague a boa esmola,
Dada de boa vontade.
Lá do céu virá o pago.
Pela Santíssima Trindade.

Corriam as festas e sempre terminava nas vésperas de Natal. No fim da novena sempre recebiam um jantar no Colégio de Muqui, ofercido pelo Dr. Dirceu

que sempre prestigiou esses feitos para alegrar o povo.

Essas folias iam se encontrar no Ginásio de Muqui, onde eram classificadas pela melhor fantasia - melhor palhaço e melhor aria cantada

Esses encontros eram protigiados pelo Dr Dirceu Cardoso

Maria da Penha Abreu Vieira

Original do texto de Maria da Penha Abreu Vieira
Fonte: Acervo da autora





Um dia de uma professora rural

Clóvis Abreu Vieira

Dez e meia: hora da comida familiar. Onze horas: a professora recolhe a sacola com livros e cadernos, revistos à noite. Diante de um sol incandescente, abre a sombrinha e, entre os trilhos da estrada de ferro, caminha em direção à escola. Seguem-na alegres e tagarelas as crianças e o Duque, o cachorro da casa. Passam por pontes e pontilhões, sem cremes solares, sem protetores para o futuro da pele, desconhecendo esses cuidados.

Meio dia: meninos e meninas, formados de acordo com a série, entram na escola e tomam os seus lugares. Depois da oração, a professora distribui conhecimentos entre os diferentes níveis: Português, Matemática, Ciências, História e Geografia do Brasil, mostrado num mapa na parede. Aos do 3º e 4º ano, a professora oferece informações e tarefas mais aprofundadas que aos do 1º e 2º, que, contudo, aproveitam também dos ensinamentos, enquanto vão desvendando das palavras outras vidas e lugares - simbiose auditiva própria do saber humano e capacidade da mulher de direcionar a sua atenção para diversos segmentos processam-se ali.

Hora do recreio. A professora não deixa de distribuir uma merenda a essas crianças, na maioria filha de colonos da fazenda. Momento de animação. Correm os meninos. Cantam algumas meninas, cantigas de roda. Sentaam-se outras perto da professora para ouvir causos e doutrinamentos que modelarão os seus caracteres e farão sempre se lembrar dela. Mas há um dia na semana para as atividades artísticas: desenho, bordados, diversos trabalhos manuais, canto cívico e folclórico, ou a representação de uma história dramatizada.

Na sala, de antigas gretas, nas rústicas paredes, sente-se, ainda, o cheiro da palha de café, que a máquina de pilar fazia explodir ao retirar o grão de café, que seria amontoado na eira, mas dela partem vozes "Ouviram do Ipiranga", "Qual cisne branco em noite de lua", "Salve lindo pendão da esperança", e risadas com encenações do Lobo Mau, da Gata Borralheira..., animações que destoam do ruído antigo produzido pela máquina tlhem..tlhem.. tlhem...

Quatro horas: a aula termina para os alunos, pois a professora recolhe os cadernos de tarefas para correção em casa e o do plano de aulas. Todos têm que voltar antes de passar o trem das quatro e meia, mas a conversa entre professora e aluno continua e caminhando continua o conhecimento entre os trilhos, pontilhões e pontes. Esse foi o percurso por décadas de minha mãe.

Um olhar do passado onde se pode vislumbrar a então Escola Singular de Cachoeirinha, em Muqui (ES), onde a lendária professora Maria da Penha Abreu Vieira, ensinava os seus alunos do primeiro ao terceiro ano, desde a alfabetização até os conhecimentos básicos para aplicação em suas vidas.

Muitos saíram de lá para se dedicar as atividades profissionais básicas, mas alguns foram complementar os seus estudos e abraçaram profissões nobres.

Foi lá que fui alfabetizado, lendo a Cartilha do Povo, junto com os demais alunos, todos juntos sem distinção, joviais e alegres, como que embriagados de sonhos e esperanças mágicas que nos alimentava. Durante um espaço de tempo a "Escolinha" funcionava na pequena construção assinalada, fotografada durante o horário do recreio de seus alunos.

No mais, fica a lição: É impossível conceber a felicidade humana sem algum sentido de realização.

Nada grandioso no mundo foi realizado sem paixão

Clóvis Abreu Vieira

A trajetória da professora Maria da Penha Abreu Vieira confunde-se com a própria história da educação em Muqui, Espírito Santo. À frente do magistério primário na Escola Singular da Cachoeirinha, dedicou sua vida à nobre missão de educar, formando gerações de alunos não apenas no campo do conhecimento, mas também nos valores cívicos e humanos que moldam o caráter e o futuro de uma sociedade.

Entre suas marcantes contribuições, destaca-se a memorável participação da escola no tradicional desfile de 24 de junho, data maior do calendário cívico do município. Com espírito inovador e elevado senso pedagógico, a professora idealizou uma apresentação inédita para uma escola rural, elevando o padrão das celebrações e promovendo a integração entre as instituições de ensino.

Com esmero e determinação, selecionou e preparou a aluna Ana Luiza Bastos para exercer o papel de baliza, função até então restrita a grupos escolares urbanos. Para tanto, contou com a valiosa colaboração das professoras do Grupo Escolar Marcondes de Souza, que acolheram a jovem nos ensaios e contribuíram para o êxito da iniciativa.

O resultado foi um momento de rara beleza e significado. Na segunda metade dos anos cinquenta, a pequena Ana Luiza Bastos, então com apenas oito anos de idade, destacou-se de forma brilhante no desfile cívico, apresentando-se com graça, disciplina e notável desenvoltura, encantando o público presente e enriquecendo as comemorações que reuniam escolas rurais, grupo escolar, ginásio e Tiro de Guerra.



Visita do Interventor João Punaro Bley à Escola da Boa Esperança, recepcionado pela profa. Maria da Penha A. Vieira e autoridades locais (1930)
Fonte: Acervo da Autora

O feito ganhou reconhecimento público ao ser registrado nas páginas do tradicional jornal O Município, sob a direção de Dirceu Cardoso, que enalteceu o caráter inovador e o elevado nível da apresentação.

Este episódio permanece como símbolo do compromisso, da criatividade e da paixão que nortearam a atuação da professora Maria da Penha Abreu Vieira - um legado que honra a educação capixaba e inspira, ainda hoje, o espírito cívico e a valorização do ensino como instrumento de transformação social.



Ana Luiza Bastos
Fonte: Acervo da autora



Visita do Interventor João Punaro Bley à Escola da Boa Esperança, recepcionado pela profa. Maria da Penha A. Vieira e autoridades locais (1930)
Fonte: Acervo da Autora

Uma lição de amor

Clóvis Abreu Vieira

A bela e pequena Muqui, também denominada "Cidade Menina" em versos de seus inúmeros poetas, localizada no sul do Espírito Santo, se tornou conhecida por seu casario histórico datado do auge do período cafeeiro, alguns com magníficos desenhos atribuídos ao pintor Monti, um italiano que se casou com Alice Vieira Machado, filha do coronel Pedro João, e então lá se radicou.

Também se destacou pela qualidade de seu ensino, alicerçado pelo Colégio de Muqui, que ganhou notoriedade nacional com seu sistema de internato e externato, recebendo estudantes de várias partes do país, dirigido pelo atuante e enérgico Dirceu Cardoso, que abraçava o lema esporte e educação.

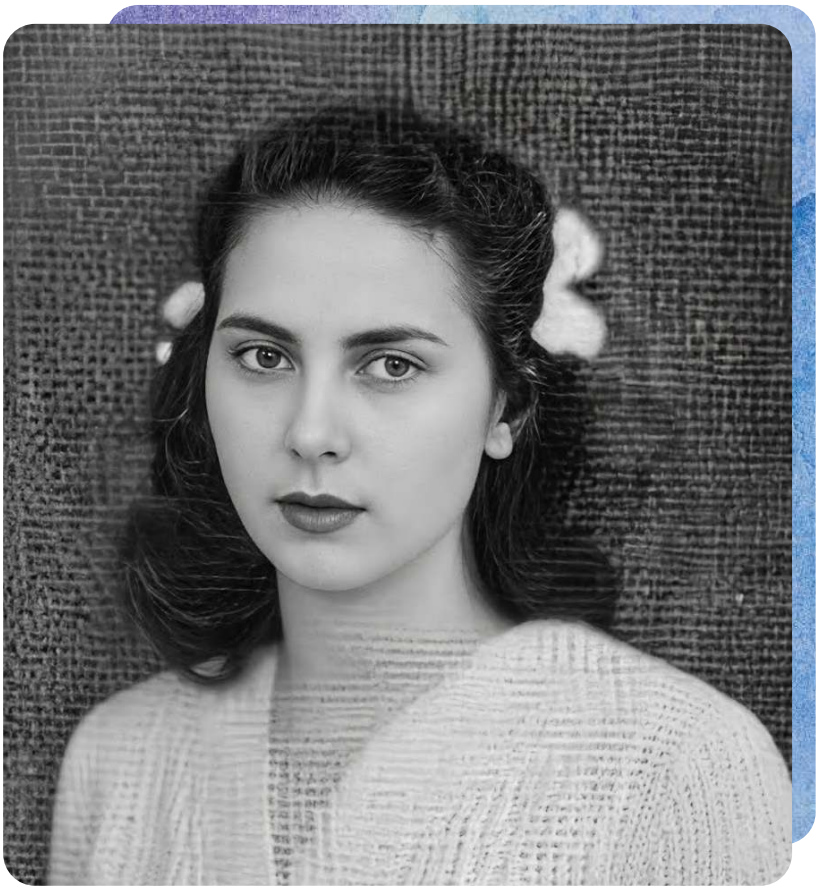
Como um referencial à parte, mas não menos importante, Muqui também se tornou conhecido pela beleza de suas mulheres, que garbosamente desfilavam por suas ruas com os uniformes escolares, no vai e veem da rua Vieira Machado, como também nos encontros de seu clube social.

Como um referencial à beleza de suas mulheres, temos um registro histórico que, em 1947, Muqui elegeu a sua primeira Miss, Juracy Aride, filha de tradicional família de comerciante libaneses, moradora de um dos belos prédios históricos, um sobrado ao final da rua Vieira Machado. Posteriormente, Juracy Aride conheceu o engenheiro Jacob Ayub, também de tradicional família libanesa da cidade, se casou, e veio fixar residência em Vitória, onde o doutor Jacob presidia a Administração do Porto de Vitória (APV), que mais tarde

se transformou em CODESA-Companhia de Docas do Espírito Santo, hoje privatizada.

Em sua vivência na cidade de Vitória, Juracy Ayub teve uma brilhante atuação na presidência do Asilo dos Velhos de Vitória, também auxiliada por sua vice-presidente a ex-deputada e senadora Luzia Toledo, que imprimiram uma administração séria e competente. Com o seu falecimento, foi Luzia quem assumiu a direção da instituição, dando prosseguimento ao competente e inestimável trabalho do Asilo dos Velhos de Vitória, reconhecido como um exemplo de política social e assistencial aos idosos carentes.

Juracy Aride (foto), eleita a primeira Miss de Muqui em 1947
Fonte: Família Vieira Machado





A fundação de Muqui: rincão capixaba onde o verde toca o azul, eu e os Pedros

A Fazenda do Entre Morros foi edificada por João Pedro Vieira Machado, no século XIX, a foto é da década de 30, quando nela habitava o filho de João Pedro, César Vieira Machado.

Na foto seguinte, abaixo da sede da fazenda, à direita, vê-se o local onde se pilava o café. A grande roda movida pela água da montanha ficava do outro lado da casa. As palhas eram lançadas para o lado, onde hoje está o início da rua Leonarda Fraga. Ali elas se amontoavam e serviam para as crianças pularem. Era preciso ter cuidado, pois se umedecida podia queimar, era o temor dos pais daqueles que se atreviam a brincar ali. À esquerda da fazenda, vê-se a casa de residência de empregados, ou colonos. Foi a primeira moradia antes da construção da sede. Há vestígios de senzala. Na parte superior ficava o terreiro de secar o café. No fundo da casa havia um rico pomar com variadas frutas e na frente um viveiro com aves de espécie variadas.

A fazenda do Entre Morros estava localizada num outeiro, na entrada da cidade e, como uma atalaia, parecia proteger a descendência de João Pedro, homem de têmpera férrea. Voluntarioso, mas magnânimo. Em uma homenagem do Município, dá nome à principal via da cidade: Rua Vieira Machado.

Na construção da sede, João Pedro despendeu muitos esforços, auxiliado pelos braços escravos. No entanto, vontades destruidoras desfizeram essa obra sem preocupação de deixar registrada a memória de uma estirpe, que encheu a história do Município de destacadas figuras que contribuíram para o seu crescimento, desempenhando diversas atividades: na agropecuária, na política ou nos cargos administrativos.



Reprodução da Fazendo do Entre Morros.
Pintura em tela por Maria da Glória Abreu Vieira.
Fonte: Acervo da autora

Muitos descendentes de João Pedro Vieira Machado receberam o nome de Pedro, de João, de João Pedro ou de Pedro João e herdaram dele os negros olhos, com exceção de um, dos que conheço, que possui esplendorosos olhos azuis.

Muitos de seus descendentes, em Muqui, deram nome a ruas e a instituições. Os filhos desse casal são: Idalina, Imerina, Joaquim, Júlia, João (Conhecido como Janjão), José do Carmo, Pedro João, Pulcina (Conhecida como Cínica), Maria José (conhecida como Bitoca) e Genésio. No romance sobre Muqui no poema, "O despertar", revivo a rua Coronel Pedro João, nome do meu avô, mostrando, poeticamente, a vida que se desenvolve entre o rio e a estrada de ferro e a figura meiga de Mãe Cínica, Pulcina Vieira Machado, irmã de meu avô. Ela criou meu pai, órfão poucos dias de seu nascimento, daí ser chamada por mim de Mãe, deve ser imitando meu pai, acrescentada de Cínica o apelido, como era conhecida.

O DESPERTAR

Cedo passa
o coronel Pedro João
pela ponte:
bengala na mão
relógio no bolso
andar orgulhoso.
(Ninguém mais o conhece –
As guardiãs da ponte:
Amélia Iiaiá e Bebé
entre as altas palmeiras
num recanto florido
dormem.)

O rio manso margeia chácaras e pomares.
Na chácara de Dona Ana
há pitangas maduras...
O alto comércio de Dayer & filhos suas portas abre.
Seu Jorge toma café e Inhorinha
Sonha na alta varanda.
(No pomar os abios apodrecem
e as jabuticabas caem)
As amoreiras sombreiam o rio
na casa de Seu Ruiz Bastos.
(A casa de Seu Ruiz está sangrando
A bala tampou todos os ouvidos.
Um rio de lágrimas molhou
as fachadas das casas.

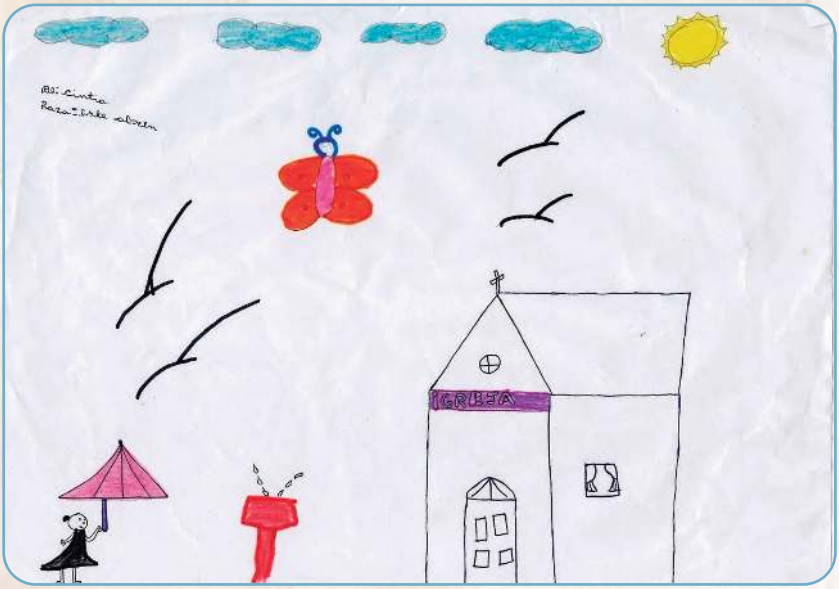
O sangue inundou a rua e a casa do
Sonhador do moto-contínuo.)
O rio manso margeia chácaras
e molha as amoras maduras.
A vida flui mansamente à beira rio.

Descendo o rio,
miudinha, vestida de negro
Mãe Cínica
(mãe de brancos e negros)
sapatos altos
cabelos brancos
presos em coque
vestido longo
sombrinha aberta
meias pretas
terço na bolsa
cedo caminha
vai à igreja
reza mansinho
alma branquinha
ninguém o nega toque
– totoque
todas as manhãs
desperta a cidade
no passo mansinho.



Comércio de Dayer & Filhos à Rua Cel. Pedro João (Entre Morros)
Foto: Acervo da autora

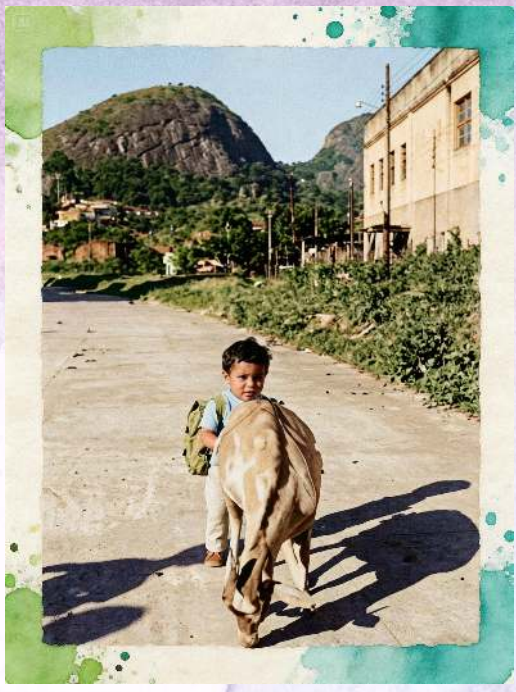
Desenho de uma aluna de 8 anos de São Pedro, Vitoria ES, homenageando Mãe Cinica, depois de ler o poema.
Fonte: Acervo da autora.



Mãe Cinica (avó da autora), 1944
Fonte: Acervo da autora



Clóvis, irmão da autora, na rua Coronel Pedro João em Muqui. Fonte: Acervo da autora





Cidade menina

A cidade de Muqui foi alcunhada, na primeira metade do século 20, de a "Cidade Menina" devido à beleza arquitetônica e ao desenvolvimento menor que o de Cachoeiro do Itapemirim, cidade vizinha, chamada de "A Princesa do Sul".

Na metade do século XIX, de Valença, passando por Itabapoana, os Vieira Machado, oriundos de ilustre família fluminense, chefiados por João Pedro Vieira Machado, o clã, de têmpera férrea, vieram para uma localização entre montanhas, no atual bairro do Entre Morros, na entrada de Muqui, de quem vem pelo sul, e construíram, como uma fortaleza, a sede da fazenda que daria impulso à fundação da cidade de Muqui.

O casal teve vários filhos e filhas. Sua descendência se destacou na agricultura, na vida política e no empreendedorismo. Filhos e netos de João Pedro exerceram o cargo de prefeito no município.

João Pedro Vieira Machado e Leonarda Josepha da Fraga, sua esposa, são, propriamente, os primeiros moradores da Vila de São João do Muqui, e se tornam um dos fundadores da cidade, hoje, homenageados pelo município com designação de ruas.

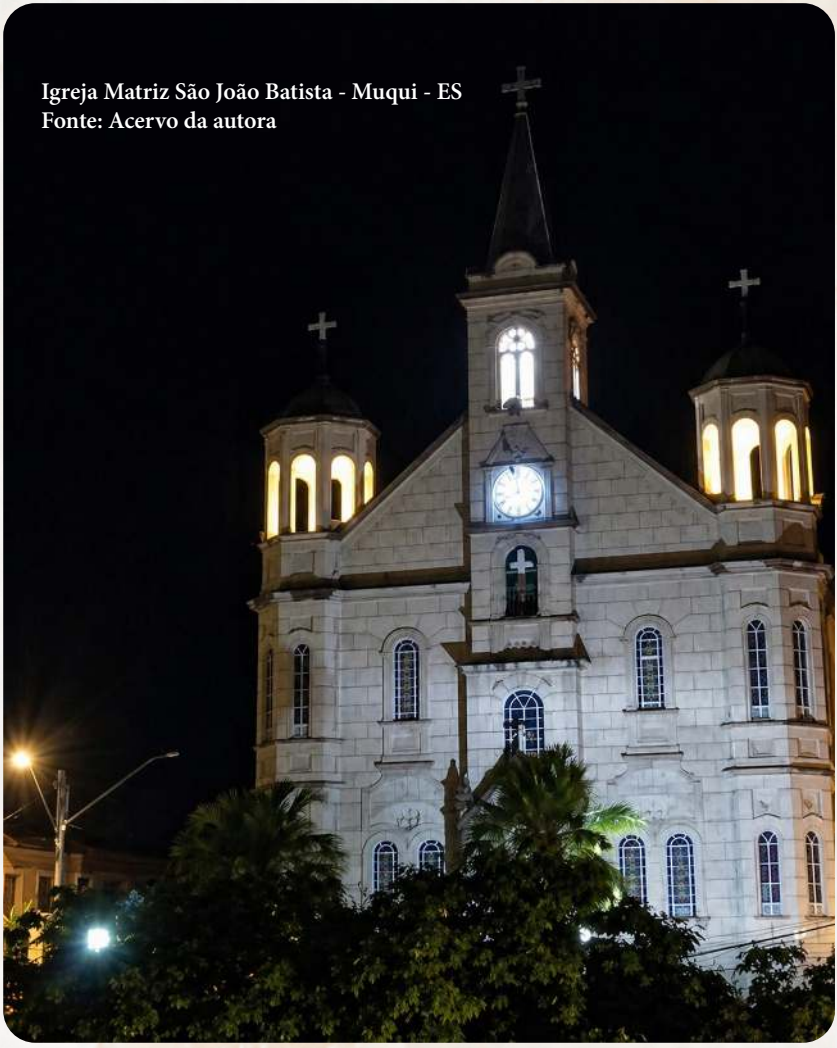
A fazenda de João Pedro, no Entre Morros, foi o local onde funcionou a primeira escola do então arraial. Quando foi definido o Arraial do Lagarto, pretendeu-se construir uma capela e o terreno foi cedido por João Pedro Vieira Machado. Escolheu-se como padroeiro São João Batista, em sua homenagem. A construção da capela, em 1987, deu início à construção da bela igreja neogótica da cidade.



João Pedro Vieira Machado
e Leonarda Josepha da Fraga, sua esposa (abaixo)
Fonte: Acervo da autora



Mais tarde coube a esta família a doação do terreno da estrada de ferro Leopoldina. E, além do terreno para a construção da estação da estrada de ferro na cidade, facilitou o tráfego ferroviário oferecendo a água que, aquecida pelo carvão, produzia vapor em alta pressão, que impulsionava os cilindros das locomotivas, para movimentar as rodas. Segue uma foto tirada da Fazenda de Pedro João, a da Cachoeirinha.



Igreja Matriz São João Batista - Muqui - ES
Fonte: Acervo da autora

Em homenagem a João Pedro, a principal rua da cidade tem o nome de Vieira Machado e, no bairro Entre Morros, depois da rua com o nome de seu filho Coronel Pedro João segue a rua de Leonarda Josepha da Fraga, a esposa de João Pedro, mãe de Pedro João, meu avô.

Se quisermos fazer um passeio pela história do Município de Muqui, com base em documentos, é obrigatório ler as obras **Muqui: cidade menina 1850-1989** (Vitória, 1989), de Paulo Henriques de Mendonça, e **Muqui: passado de glória... futuro de esperança...**, de Ney Costa Rambalducci ([1999 ?]).



Caixa d´água da Estrada de Ferro Leopoldina na fazenda da Cachoeirinha em Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora

Paulo Mendonça resgata 106 anos da história de um município que foi colonizado por fluminenses e mineiros, por desbravadores "de boa cepa, famílias de elevado timbre moral que aqui continuaram as tradições avoengas, formando clãs que são o nosso orgulho". Oriundos de famílias tradicionais, principalmente de Valença, possuíam títulos nobiliários de condes, barões e viscondes, como testemunham os documentos e as lápides do cemitério va-

lenciano, dos parentes que continuaram a viver nessa cidade fluminense, tanto os dos troncos dos Werneck quanto os da família dos Vieira Machado. Atualmente, a Cidade Menina tornou-se Patrimônio Histórico, pela conservação de seu casario, modelo de arquitetura da primeira metade do século XX, pelo encontro festivo das Folias de Reis e pelo Boi Pintadinho. Mas é relevante ainda hoje, como no passado, sua importante contribuição ao Espírito Santo na área social, política, econômica, cultural e educativa. A partir de 2012 é considerado importante os festivais de cinema de Muqui os FECIM.

Em sua obra, Mendonça (1989) faz observações sobre aspectos da geografia e da cultura muquiense: sobre o solo, a agricultura, a pecuária, o comércio, a religião, a cultura, o ensino, a saúde e o transporte, e sobre aspectos históricos, registrando a política, o poder judiciário e as pessoas ilustres do município. Esta última informação fica nos capítulos "Galeria dos desbravadores do município" e "Galeria dos ex-prefeitos".

Consoante esse pesquisador, se é importante o povoamento do Espírito Santo feito pelos pioneiros imigrantes estrangeiros (alemães e italianos, principalmente) enfrentando as intempéries da terra, não deixa de ser relevante, nesse processo, a participação dos brasileiros oriundos de outros Estados, como aconteceu em Muqui. Pois, quando as famílias fluminenses chegaram a um vale espremido entre montanhas da Serra do Mar, antes da fundação da vila, arraial ou da cidade de São João de Muqui, se encontraram uma terra rica com abundantes águas cristalinas a correr por suas vertentes, fertilizando as terras de plantio e indo desaguar no rio Muqui hoje umas pobres águas cheias de detritos -, tiveram que enfrentar, vigorosamente, os problemas que trazia a formação granítica que aninhava as matas formadas das espécies mais raras: cedros, jequitibás e perobas. E essa opulência verdejante, que ocultava os primeiros raios de sol, foi um empecilho para que os operários, da futura estrada de ferro, recebessem o calor solar. Por isso, esquentavam-se acocorados nas toras, que serviriam para a construção dessa estrada. Foi esse procedimento dos obreiros que levou o lugar a ser cognominado Arraial do Lagarto.

Contava-nos Mãe Cinica, minha tia avó, que eles ali ficavam a chupar limas e laranjas, o que resultou em grandes plantios dessas saborosas frutas. Em 1901, a estrada de ferro foi inaugurada e, segundo Mãe Cinica, foi meu bisavô João Pedro quem doou as terras da Estação de Ferro e da Capela, e meu avô Pedro João o que concedeu o direito de utilização das águas da Fazenda da Cachoeirinha. Dois melhoramentos para o Arraial que os Pedros proporcionaram. E, em meu poema "Chega o trem", procuro reviver a vida beira-linha: "Foge gente, vem o trem!/ Camelo sedento/ de língua de pano/ enche a caldeira/ com água da serra". Porém, a penetração no Município, segundo Mendonça, remonta ao "século XIX, por volta de 1850", como consequência do esgotamento do plantio do café na Província Fluminense; mas o seu nascimento, propriamente, foi "na bacia do ribeirão Sumidouro", sendo José Pinheiro de Souza Werneck "[...] o primeiro marco humano do início do desbravamento [...]. Descendente dos Barões de Ipiabas, família tradicional da terra fluminense [...], era pessoa afável, educada e fina, [e] possuidor de grande caráter" (1989, p. 25).

Muqui teve um povoamento tranquilo se o comparamos com o das regiões Norte e Oeste do Espírito Santo, atacadas constantemente pelos indígenas, principalmente pelos botocudos. Os indígenas Puris, que habitavam a região muquiense, segundo Mendonça (1989), eram "de estatura mediana, fortes, de famílias numerosas, bons dentes e manejavam o arco com maestria" (p. 28). Eles não aceitavam determinações de tarefas. Conheci seus descendentes na fazenda da Cachoeirinha de meu tio João, mas construída por meu avô Pedro João. Seu Armênio e a mulher prestavam pequenos serviços, mas não se prendiam à fazenda como colonos. Tinham a sua cabana, coberta de sapê, na beira da estrada, perto da vargem, vendiam na cidade esteiras, cestos e vassouras. Gostavam de beber. E, quando voltavam da cidade para a sua casa iam tropeçando. Eram curandeiros. Ele orava para exterminar pragas, como as lagartas que devastavam os pastos, fazer os bernes saírem de dentro da pele dos animais e caírem ao solo e para acabar com as doenças arrasadoras dos galinheiros. Conhecia xaropes e sementes milagrosas. Suas orações, ditas na língua de seus pais, ninguém as entendia. Sua mulher o acompanhava com um passo arrastado. Nós, crianças,

sempre tínhamos receios deles. Um dos seus filhos trabalhou para meu pai no sitio que ele possuía na Cachoeirinha.

Por falta de braços, os colonizadores trouxeram os escravos negros, que contribuíram para o desbravamento das terras, para o crescimento da agricultura e, depois, da pecuária. Seus descendentes encontram-se, ainda, nas fazendas e na cidade de Muqui, dando vida ao grupo de Folias de Reis e contribuindo para o progresso da região. Conforme Mendonça, houve fazendas que chegaram a possuir 80 a 100 escravos: "As propriedades que tiveram braço servil foram as de Santa Rita, Floresta, Entre Morros, Bom Destino, Sumidouro, Verdade, Desengano, Saudade, Primavera e Providência. [e ...] examinando-se os instrumentos de suplício, [...] recolhidos, chega-se à conclusão de que os [...] senhores de escravos foram humanitários, pois nenhum deles revela a índole bárbara e sanguinária que predominou na mentalidade daquele tempo" (1989, p. 29).

Segundo Mãe Cinica, seu pai, João Pedro, filho de um dos barões de café de Valença, quando dali saiu, trouxe dois escravos, que o ajudaram na construção da fazenda do Entre Morros. Mas, tanto nessa fazenda como na da Cachoeirinha, eu brinquei nas repartições das senzalas, que, nessa ocasião, estavam sendo ocupadas por famílias ou usadas como tulhas, e toquei o sino que servia de comunicação entre os da fazenda e os trabalhadores. Pelo tamanho das construções acho que foi habitada por várias famílias.

Mãe Cinica nos dizia que nem seu pai, nem seus irmãos castigavam os seus escravos. Fato que podíamos constatar pelo carinho que tinham para com a família e pela maneira como ela tratava os seus inúmeros afilhados. Por isso era conhecida como Mãe Cinica. Mas li, algum tempo atrás, numa nota de um jornal do séc. XIX, de Cachoeiro de Itapemirim, de uma procura de um escravo fugitivo com o nome de meu bisavô como o autor da solicitação.

Mãe Cinica nos contava sobre a viagem de Valença a Muqui, o cruzamento do rio em barco, a cavalgada por meio de matas e o cuidado que tinha ao trazer o seu objeto de mais estimação, que hoje conservo: um bauzinho e uma xícara de porcelana da china, banhada de ouro, que sua madrinha lhe havia dado ao despedir-se. As histórias que ouvi de Mãe Cinica sobre o nascimento do

Entre Morros e as de suas viagens ao Rio e às estações de águas térmicas e minerais de Minas e Goiás, suas descrições do Imperador e da Princesa Isabel, a quem muito admirava, e das carruagens nas quais ela os via passar e aquelas em que ela e o marido viajavam, me enchiam a cabeça de desejo de viajar e me davam asas para uma visão além da realidade cotidiana. Na década de oitenta, dando vazão à minha inquietude e saudade de Mãe Cinica, escrevi, no meu livro de poemas **Momentos** (1989), no poema "Os pioneiros", resumo o percurso dos Vieira Machado de Valença a Muqui e menciono a construção da Fazenda do Entre Morros, que, propriamente, deu início à cidade.

OS PIONEIROS

No porto de Itabapoana
Ainda brilha a estrela Vênus
E mil pirilampos dançam
Num descampado ao longe
Quando forte voz se eleva
Juntando tropa e criança
Para a dura cavalgada.

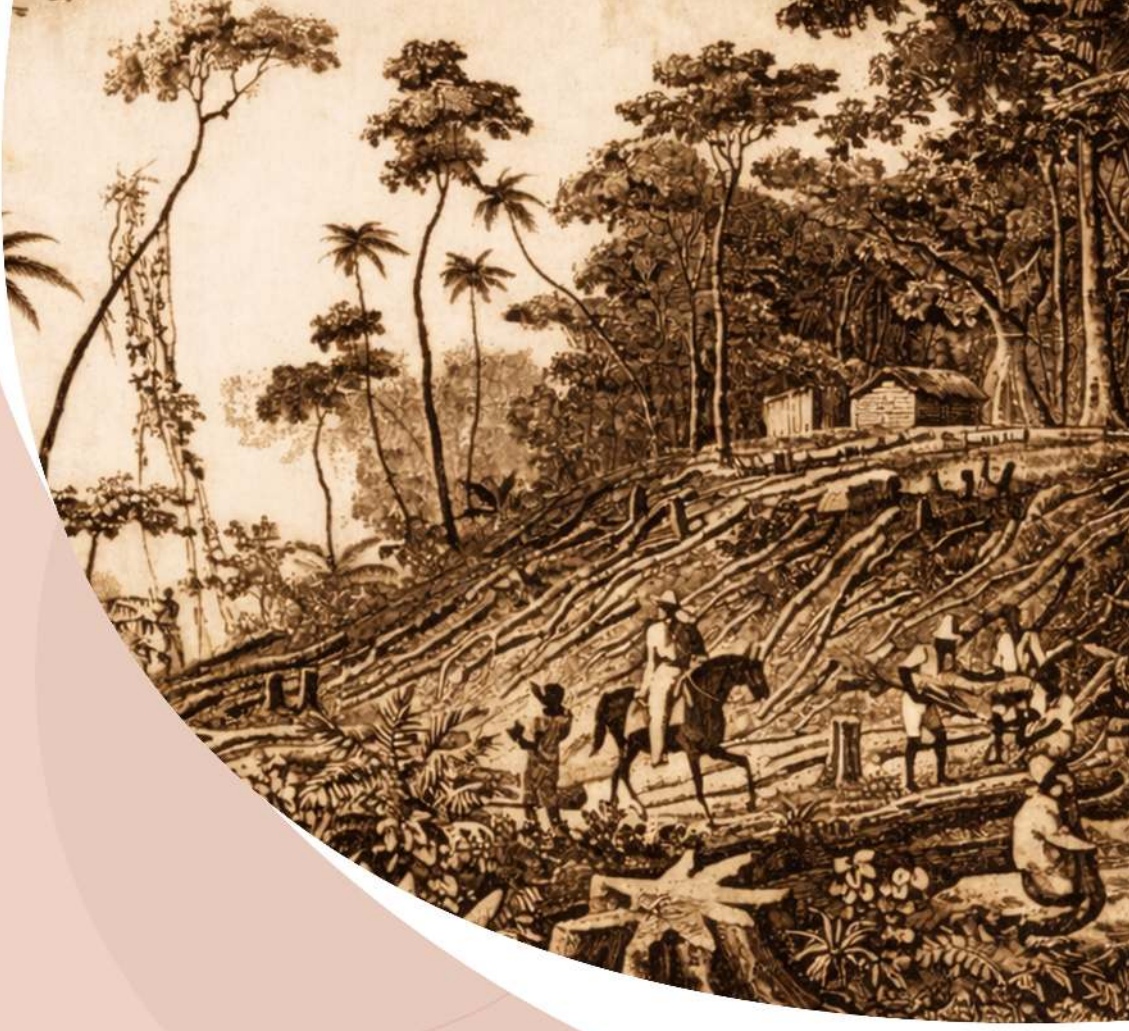
Enquanto Valença perdia
Uma família abastada
Muqui ganhava a herança
Do sangue de nobre raça.
Por altos montes passando
Por várzeas encachoeiradas
Cruzando mil precipícios
Esses pioneiros chegaram
À margens de um ribeirão
Ao pé da formosa mata.
O verde-escuro da mata
E a água toda de prata
Formam o limite da casa
Da família de João Pedro.
Pelos escravos amigos

Iniciada a derrubada
A tora era colocada
Lado a lado no caminho.
Edificado o solar
E com os morros cercados,
João bebia a água da serra
Colhia as fresquinhas frutas
Das limeiras do caminho

Nas derrubadas da serra
Plantava o café em fila
De sua família cuidava
Não mais temia o porvir.
- A vida - feliz rodar.

Baú da bisavó da autora quando veio de Vassouras para morar onde seria Muqui, no final do séc. XIX
Fonte: Acervo da autora





Um cantar a Muqui

Entre Mimoso do Sul, Jerônimo Monteiro e Atílio Viváqua localiza-se o município de Muqui, sintetizado nos versos de Rosário Rizzo: "Ó! Terra fascinante! ó sacrossanta terra!".

SIMPLICIDADE NOS ANOS 50

Em Muqui,
rincão capixaba
onde o verde toca o azul e
a vida é calma e clara –,
há colégio, igreja, jardins
e amizade beira linha.

Em tardes infinitas
um povo amigo
vem passear e ver
o Noturno
sob verdes alamedas.

Por quintais silenciosos
mansamente passa
um rio
que até o mar leva
o cantar amigo
dessa terra.

Em Muqui,
o povo alegre
e hospitaleiro
se diverte em festas cívicas
e em domingueiras.

Em Muqui,
do vale à serra
a luz sorri
e voam colibris
em algum recanto de um jardim.

Rua Vieira Machado, centro de Muqui
Fonte: IJSN (biblioteca.ijsn.es.gov.br)



VIDA

Pelos caminhos dos montes
Passa boi,
Passa boiada
E passam também os carreiros
Com fortes e saudáveis juntas
Levando sentidos carros.



Vagarosas
E mansas
Vão as juntas
Pelos montes
Levando no duro couro
Alfinetadas agudas
E mansas
Mui mansamente
Vão cortando os caminhos
Levando
Um rico tesouro
Levando
O peso do carro.

Vagarosas
E firmes
Vão as juntas
Pela estrada
Levando
O peso do carro
Levando o peso
Do ouro.
Do ouro daquelas serras
Do ouro verde dos montes
Do ouro que tão forte cheira
Nas fresquinhas manhãs.

O ARRAIAL

Entre Boa Esperança
São Francisco e Entre Morros
Crescia o arraial
do Lagarto.

Os coronéis Joões,
Amigos dos Puris
Viam florescer
As flores dos cafezais
Dormiam com cafunés
Abriam portas e janelas
Enchiam seus baús
Com o ouro verde da serra.

Imagem baseada no poema "O Arraial"
Fonte: Ingrid Antonelli (2026)



A VILA

[A São João do Muqui]

Os forasteiros chegavam
Do Piemonte e da Síria
Da Galícia e Alentejo
E com muita garra
A igreja fundaram.

Nos vinte e quatro de junho,
Os Pavani iluminavam
A noite com mil estrelas
Que ruidosas e a correr
Alegravam a criançada
Que já estava agarrada
Nos paus de sebo
Fincados bem
Em frente da igreja.

Nesse dia a vila se engalanava
Para ver São João Batista
E o seu cordeirinho branquinho
Pelos caminhos empedrados
Em um florido andor passar

O povo antigo rezava
Rezava com muito ardor,
Mas... enquanto ele rezava,
Os cavaleiros de Campos,
De Cachoeiro e Mimoso
Roubavam o coração
Das ricas filhas da Vila
Todas bordadas de flores.



São João Batista
Fonte: Domínio Público

PERFUMES DE OUTRO TEMPO
(Crônica de Corpo Cristo)

Junho.
Era inverno.
De madrugada saíamos
do Entre Morros,
guiados pelas mãos de nossa mãe,
para irmos à igreja de Muqui.

Sonhávamos ainda e seguíamos
o dourado pálio
que cobria o Corpo de Cristo
e o nosso pároco querido,
o espanhol Pedro Domingos.

Com nosso hálito esfumaçado
saía o Glóoriaaa. Criistoo Jesuus
Céeus e teeerra
Bendizeiii ao Senhooor...
E nas montanhas ecoava o canto .
Louvor e gloria a ti
ó Rei da Glóoriaa.
Amor para sempre a tiii
Ó Deus de amoor.

Majestosa, nas mãos sacerdotais,
percorrendo as solitárias portas,
ofuscava a custódia.

O ar frio serrano se envolvia
numa nuvem perfumada
que vinha do incensório
e dos perfumes suaves
das folhas de mangueiras
e flores coloridas que atapetavam
os improvisados altares
diante das fachadas
de algumas casas senhoriais
adornadas com rendas e bordados.
Ali se fazia silêncio
E se ouvia o "Tamtum ergo sacramento"...

Das mãos dos rubros coroinhas
as sinetas vibravam
o turíbulo voava.
Passo a passo o povo desfilava:
A risonha Cruzadinha,
branca e amarela
levava o mimoso Tarciso.

Com passos firmes e voz juvenil
os Congregados Marianos,
seguidos pelas tímidas filhas de Maria
brancas e azuis-,
preparavam o caminho do pálio.

As irmandades da Liga Católica
e do Coração de Jesus,
em passo nobre,
cantavam seriamente
seguindo a custódia.
Os círios guiavam a procissão
pelo caminho do amor.

Duas vezes paravam os devotos
na Rua de Cima, já despertos
pelo canto e o cheiro do incensório,
cruzavam a linha de ferro,
entre as montanhas,
para seguir
pela dormida Rua Central
até a gótica igreja
que se adornava
e crescia a cada ano
com mais um detalhe...
depois das festas juninas,
dos incessantes pedidos da igreja
e dos famosos leilões de gado...

(Porque não chegavam
esses piedosos cantos até o Entre Morros?)

O TREM DE FERRO CHEGA: PIUÍ, PIUÍ, PIUÍ...

LÁ VEM O TREM!...

Passa gente passa gente
passa até a passarada
vem contente
vem trazendo seu tenente.
PIUÍ, PIUÍ, PIUÍ.

MINHA GENTE,
VEM O TREM!

Camelo sedento,
enche a caldeira
com a água da serra
reforça a força.
PIUÍ, PIUÍ, PIUÍ...

Maquinista,
bota fogo
bota fogo
na fornalha.

Pega fogo,
pega fogo,
pega fogo,
na estrada
PIUÍ, PIUÍ, PIUÍ...

FOGE GENTE, VEM O TREM

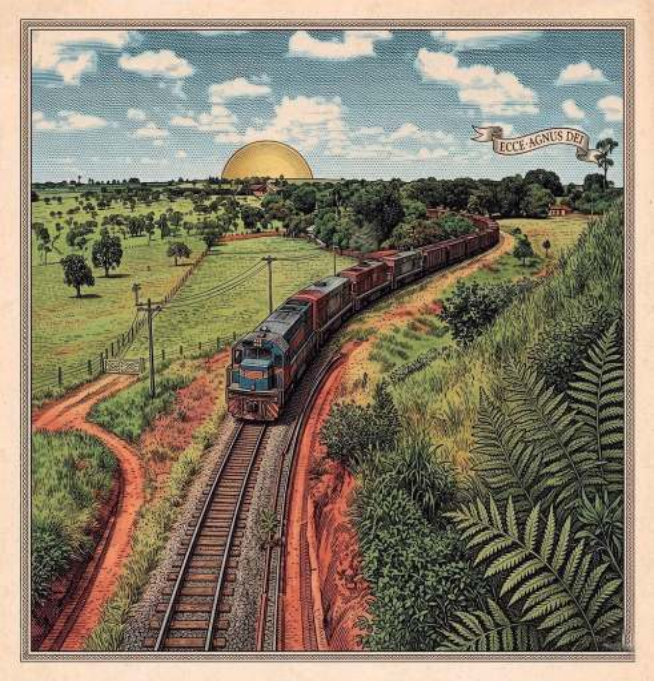
Vem depressa
vem zangado
vem dar parte
ao delegado.
PIUI, PIUI, PIUI...

- LÁ VEM O TREM!

Pegue o pão
manteiga não.

GUARDA FREIO, VEM O TREM!

A correr
e a passar
as mulheres
a acena
cobra grande
vai levando
vai levando
vai trazendo
vai trazendo
bem pra aqui
passageiros
pra Muqui.



TERERECO-TECO-TECO

Nheco...nheco.. necho-nheco...
Depois ele e sua sanfona.
Dela tirava rancheiras e marchas.
Era a cigarra dos sábados.

Quem da gente miúda
não conhecia
o terereco-teco-teco?

Terereco-teco-teco
da ladeira do melado!...
Sua alegria ébria e suas pernas
longas e cambaleantes
eram o sábado.

Terereco-teco-teco
da ladeira do melado!...

A música envolvia
o Entre Morros
por todos os lados.

Depois ....
as compridas pernas caíam de cana
em qualquer canto.
Silenciava a sanfona,
mas o canto continuava
com a meninada:
Terereco-teco-teco
da ladeira do melado!...

Terereco-teco-teco
Terereco-teco-teco

SEBASTIANA

Fechem a janela.
Olhem pela fresta.
Bastiana a empoada
está a passar.

Meias de seda
chinelos nos pés
vermelha a boca
em coração.

As faces vermelhas
de papel de seda
pecado nas costas
velhice no peito.

No Entre-Morros deixada
por um capitão,
ardendo em desejos,
com muito dinheiro.

— Mulata, acabou
todo o ouro
e a faca de prata
do capitão.

Não restam senão
a cara empoada
a boca vermelha
e as meias de seda...

REQUIEM PARA UM MUQUIENSE

Hoje
não ecoou
o sino da matriz.

Hoje a torre
não chorou
o sino
não dobrou seu Antenor
não tocou
o enterro passou
o silêncio restou,

Blém..blém.. belém...blém..
- Para o céu sobe alguém.
- Quem vem?



Se o sino toca bem
de Muqui vem alguém.
Seu Antenor
sabe bem
e por isso toca
Amém tão bem.

UM MAIO MUQUIENSE

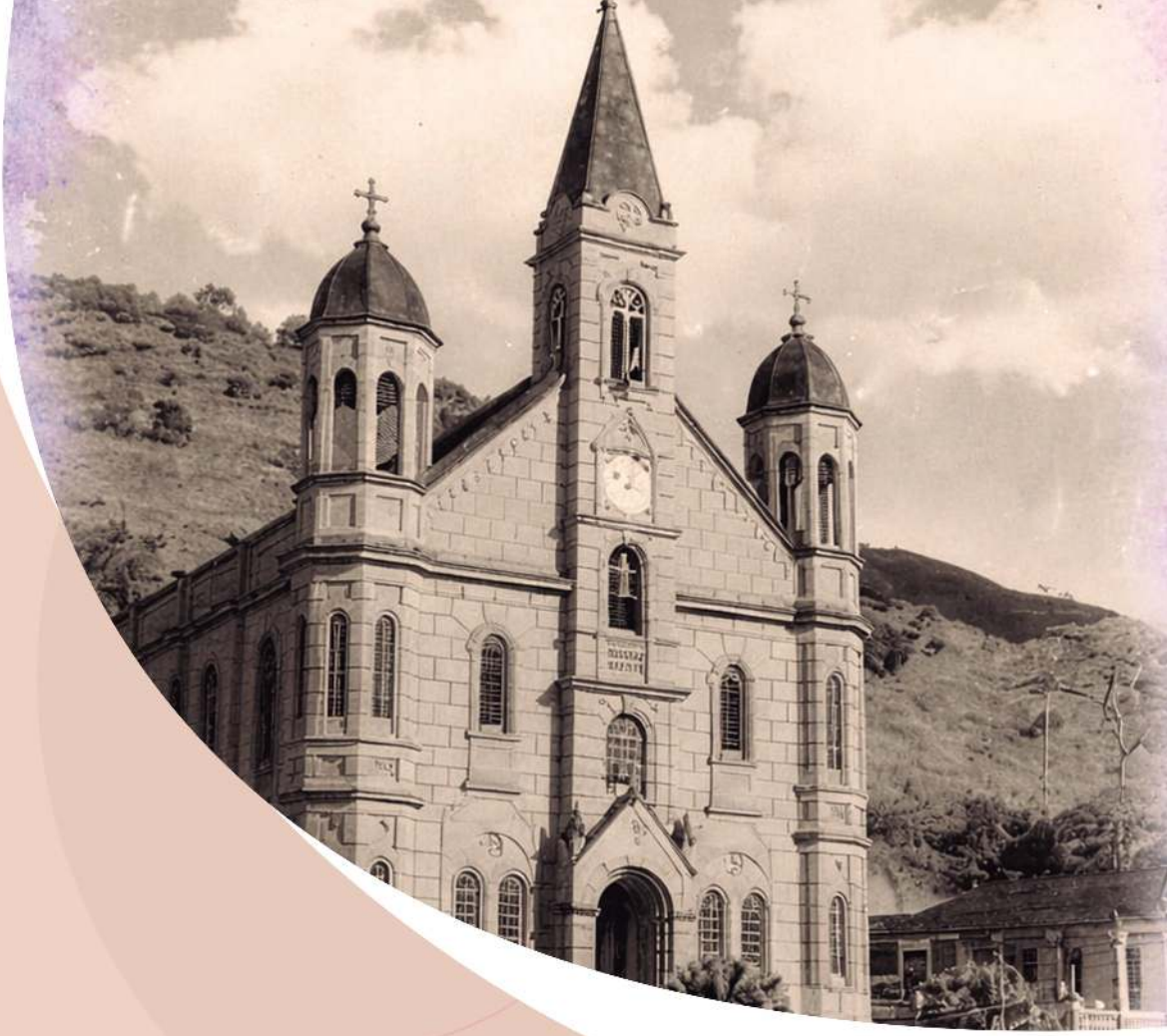
No jardim o pé de flor de maio
docemente estende seus mil dedos
para indicar o mês dos perfumes suaves,
e as rosas, as violetas e os monsenhores
sorriem nos canteiros.

Na capela mãozinhas puras e zelosas
enfeitam a Virgem
com véu, grinalda e palma.
Bocas mimosas entoam hinos
à Mãe mais formosa.

No céu terrestre das piedosas filhas de Maria
os anjos e virgens aparecem
com trombetas e harpas
em meio a luzes e incenso.

As vozes se elevam em ritmo suave:
-"No céu, no céu, com minha mãe estarei..."
Meus olhos atentos contemplam o azul,
o rosa e o branco das vestes em movimento
e as gotas de flores de múltiplos odores e cores
a cair sobre o chão...





Recordação de uma igreja em construção

Altar da Igreja de São João Batista e, Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora



A igreja de Muqui airosa no seu neogótico é um marco imponente na cidade.

Para o álbum da Mãe Cinica, que mamãe doou a Nica, meus olhos cresceram de desaprovação, apesar dos gritos de dor e das lágrimas de Nica, sentada na porta que dava da sala para a cozinha, pela perda de pessoa estimada, mas não menos amada por mim.

Nesse álbum presenteado – ação que reprovei como outras de desprendimento de minha mãe – havia retratos de pessoas amigas, "compadres" e ancestrais "avós, tios, primos", vestidos com solenes roupas. Homens de bigodes e com relógios de ouro presos em corrente de ouro no bolso do colete, sentados, com o paletó semi-aberto mostrando o colete e tendo bengalas na mão. Mulheres de pé, com longos vestidos, de gola alta de renda e com mão descansada no braço da cadeira. Casais de pé, mas com a mulher semi de lado deixando ver uma saia com adornos e laços atrás dando uma certa elevação ao contorno da silueta. Às vezes crianças também se juntavam aos casais e todos de terninho e muitos sério.

Entre esses retratos, consegui sorrateiramente retirar para mim um de meus tios e pessoas amigas de quem muito gostava durante a inauguração da primeira igreja de Muqui, onde fui batizada, crismada e fiz a primeira comunhão.

Esta igrejinha, situada na metade de uma colina, quase no sopé do morro, que, na foto do álbum de minha tia avó, Mãe Cinica, uma fileira de pessoas se haviam colocado diante dela no dia da inauguração, homens de ternos, branco ou preto, e com chapéu, e mulheres de longos vestidos, com a chegada do jovem pároco espanhol, agostiniano, Frei Pedro Domingos, foi sendo ampliada

pelos lados, pela frente, para o alto para constituir a igreja Matriz de Muqui. Nós acompanhávamos o trajeto, passando por um chão poeirento de cascalhos dos concretos e passando por baixo dos paus dos andaimes sem atinar de como, anos depois, como um feio casulo guardião de uma formosa borboleta, surgiria a beleza da igreja para as gerações futuras. Se a princípio eram tábuas, andaimes, pó, poeira, essas formas deselegantes oportunizaram a transformação do templo na beleza que hoje tornou um cartão postal da cidade e do Estado. Enquanto reformava-se o edifício sagrado e a construção crescia e as paredes se embelezavam, nós íamos às aulas de catecismos, às coroações de Maria, a todas as festividades e, diante da igreja, corríamos, brincávamos de pique e recebíamos choques elétricos em determinados postes da iluminação com os fios não muito bem cobertos. Comíamos os coquinhos das palmeiras, ao lado da escadaria que se formava, numa alegre correria para baixo e para cima.

A igreja cresceu para cima e para os lados. Elevaram-se as paredes laterais. Colocaram pisos. Construíram altares laterais e o altar central. No fundo, pelas escadas, primeiro de madeira, as crianças subiam cantando. Nas noites de maio para a coroação de Maria, as meninas, e em julho, para a coroação do Coração de Jesus, os meninos. Mas sempre aos sábados havia catecismos, corridas e risadas. Construído o campanário, depois do coro, subíamos as escadas em construção para ver a cidade a nossos pés, sob a proteção do sacristão.

Tempos depois, construiu-se a paredinha para a comunhão. O mármore branco brilhava junto com dourados adornos. Pintaram as paredes. Pouco a pouco acima dos andaimes íamos vendo crescerem figuras no teto do altar mor. Dois italianos subindo e descendo aquele emaranhado de tábuas despertavam a nossa curiosidade. Por fim apareceu um lindo João Batista grandioso com lindos pés cobertos pela água. (Emoção grande me proporcionou um altar na entrada à direita do Vaticano análogo ao de Muqui, com as cores verdes e um João Batista dentro de um riozinho).

O branco e brilhante mármore do altar contrastava com as gigantes e coloridas figuras da nave. O coro terminou. Dele saíam

os Glórias mais formosos e vibrantes nos dias de missas solenes, principalmente em Natal e no domingo da Ressurreição. Sempre depois dele as escadas nos levavam à torre onde os sinos que o Senhor Antenor tocava vibrante em dias de festas ou em suaves dobrões quando algum muquiense morria.

Seu Antenor também era o guardião da biblioteca da igreja. A única da cidade e onde podia semanalmente apanhar emprestados livros que ele me direcionava, pois sempre já os tinha lido e, segundo ele, eram adequados a uma mocinha. Ele admirava muito minha mãe que era piedosa, catequista, da irmandade do Coração de Jesus, organizadora e fundadora da Cruzadinha e sempre ativa.

O crescimento da igreja dependeu da energia do Frei Pedro (comentavam os familiares e amigos que era arquiteto ou talvez, conhecesse essa ciência). O afã dos freis, que a ele ajudavam, como o Frei Laurentino, no empenho de conseguir auxílio como doações para leilões, cujas rendas revertiam para a edificação da nova matriz, era frutífero. Nas visitas às famílias muquienses recebiam doações diversas: comidas, objetos variados, animais, galinha, gado, sacas de café, mas tudo era levado a leilão cujo produto auxiliava o crescimento da igreja e constituía a alegria nos dias de festa. Os muquisenses forneceram o auxílio monetário para que artistas e artífices realizassem a construção e a embelezassem, mas o bom gosto do pároco espanhol embebido das belezas das construções de sua terra foi o basilar da beleza da matriz São João de Muqui.

E minha foto? O que tem a ver com todas essas lembranças?

Um dia — muitos anos depois de eu ter guardado o retrato da inauguração da igreja, que aumentou a primitiva capela — minha mãe foi à minha casa e pediu-me o retrato emprestado para levá-lo ao Pe. Pedro que gostaria de mandar fazer, em Campos, uma pintura histórica com a réplica das três construções: capelas, igrejinha e a atual matriz. E foi feito esse desenho com uma interpretação da pintora, e não como era na realidade. Esse quadro, um dia, eu vi numa parede da casa paroquial. Mas não sei onde agora se encontra o meu original retrato em preto e branco. Infelizmente o meu empréstimo teve o fim de outros: sem volta. Para mim a

“réplica” não condiz com a imagem que minha memória reteve, pois não havia uma fila de senhoras de vestidos longos, chapéus bonitos de abas largas, homens de ternos e com chapéu de feltro, um caminhozinho numa colina, numa semilinha curva...

Vista frontal da Igreja Matriz de São João, Praça Geraldo Viana.
Foto: Fernando Sanchotene.
Projeto Pesquisa e Documentação. Muqui, ES



A CIDADE

No coreto da praça Geraldo Viana
Vinha a banda tocar
Vinham as crianças brincar
Vinha o povo sorrir.

Praça Geraldo Viana, Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora



Na igreja de João Batista
As ladainhas alargavam
Os frios dias de maio
E o povo todo sorria
Com as suas cabeças lavadas
E suas roupas cheirosas
Nas manhas de domingo.

Na rua Vieira Machado
Os jovens em marcha triunfal
Levados pelo Dirceu
Passavam em dias festivos
Rufando forte os tambores
Soando os claros clarins
E as jovens casamenteiras



Vista parcial rua Vieira Machado
(Muqui, ES).
Fonte: Câmara Municipal de Muqui, ES

Em passos miudinhos
Sorrindo de mansinho
Iam e vinham a domingar.

Nos lares dos muquienses
A vassoura trabalhava
E toda a casa limpava
Nos alegres dias de sábado,
Mas, à tarde, o povo se unia
Nas valsas e nas mazurcas,
Nos amores e nas orgias.
No Entre Morros estavam
Os sábados mais lindos...
Narducho em cavalo branco
Rezando, rezando vinha
Benzendo toda a cidade
No álcool da longa vida.

Os caminhões desciam
Cheios de galos e galinhas
E lavradores alegres
Que com a sanfona
Desciam
E com a rosca subiam.

Um exemplo de Vida

Seu Coimbra era o melhor sapateiro de Muqui. Quando não estava sentado em um banquinho, em sua oficina, estava na estação de trem vendendo pastéis.

Estimado artesão e pai extremoso contribuiu com sua prole para que a cidade tivesse cidadãos muquienses dignos como o doutor Jessé Coimbra, o inesquecível médico.

Ele consertava as solas gastas dos calçados e removia os finos saltos quebrados entre os paralelepípedos. Pintava os sapatos de diferentes cores, ou de prata ou ouro, atualizando o objeto de desejo de alguma moça que ao baile iria com seu par preferido: um noivo ou um flerte.

Costurava canos de botas. Enfim, consertava qualquer artefato feito de couro e confeccionava sapatos com o tecido do vestido que a saia godê flutuaria à noite no baile durante o rodopiar pela pista.

Pela manhã, Seu Coimbra saia da Boa Esperança trazendo uma cesta com cheirosos pastéis cobertos com uma toalhinha branca, para a sua oficina, contígua ao Hotel Santa Teresinha, praticamente em frente à Estação de Trem de Muqui. Com eles ele atenderia aos viajantes diurnos do trem misto que vinha de Cachoeiro de Itapemirim. Nunca comi um desses pastéis, apesar de desejá-lo. Talvez porque não estivesse viajando... Mas o cheiro me convidava a fazê-lo. Pensava que junto a pedacinhos de carne deveria ter alguma azeitona.

Admirava o trabalho e a simpatia de seu Coimbra, por isso, em meu livro **Momentos**, deixei o poema a seguir:

O CONHECEDOR DAS RUAS DA "CIDADE MENINA"

O avental cinza
cobre-lhe o corpo místico.
A agulha elimina obstáculos.
o martelo em rápidas batidas
dobra o duro couro e
as pedras das calçadas pisadas se colorem.

Entregue à arte
seu Coimbra
curva a cabeça
(Cabeça que a lua lavou
cabeça de Criador
cabeça de pensador.)

Pensando, pensando,
devagarinho
de mansinho
com seu jeitinho
de São José
acaricia
todos os caminhos
de quem só anda a pé.



Palacete dos Rambalducci



A autora e suas irmãs Estela e Maria da Glória e seu irmão Pedro João
à frente do Palácio daos Rampalducci
Fonte: Acervo da autora

No final da primeira metade do séc. XIX chegaram da Itália, em 1909, os Rambalducci que trouxeram uma certa riqueza e moldaram a cultura da cidade construindo em terreno vendido pelo Cel. Pedro João, herdeiro de João Pedro, um palacete e outros três menores. Estes últimos não mais existem, só o Palacete dos Rambalducci, do qual tenho muitas recordações, por estar situado em frente de minha casa.

Era um palacete bem mobiliado, com tapetes, piano, cama de mola, banheiro bem equipado, que pude apreciar quando alguns dos moradores foram para o Uruguai e ficou muitos anos sem habitante, mas com alguns móveis. Lá íamos, nós crianças excursionar ou brincar no porão.

Organizávamos até teatro entre outras brincadeiras.

Nos dias de trovoadas, como era o único imóvel que possuía para raios, junto com o estrondoso ruído víamos a luz cair e as janelas baterem.

O encantamento que nos proporcionou e no meu imaginário fiz o poema "Balada ao solar".

BALADA AO SOLAR

Depois das pontes e das aristocráticas palmas
Que sustentam o céu azul,
Ao pé do monte, à beira linha,
Nasceu o solar
Das assombrações
Das marmóreas escadas de Jacó
Das altas muralhas amarelas.
Solar dos Rambalducci...

Janelas desertas e ruidosas
Ocultam segredos de apaixonadas princesas...

Solar dos Rambalducci...
Porões amplos abrigam sonhos e
Fantasias infantis
E solitárias cabras...
Solar dos Rambalducci...



Pétalas de rosas outonais ao vento...
Triste balada a povoar a noite...
Pálidas mãos ao piano...
Lamento de amor nas cordas de um violino
[ou bandolim.

Solar dos Rambalducci ....

Janelas entreabertas Acenos de mãos
Estremecimentos das rendas das cortinas...
Tremular de lenços ...

Solar dos Rambalducci ...
Quanto não te ocultam as tuas quatro colinas?!

Casarão antigo do Sítio Histórico de Muqui
Fonte: Câmara Municipal de Muqui, ES



A DEMOLIÇÃO

Não mais se ouve o velho sino
da Cachoeirinha nem o piano nem o soprano...

Velho moinho caiu de pena...
E o terreiro com o Negão
e seu facão não mais se vê.

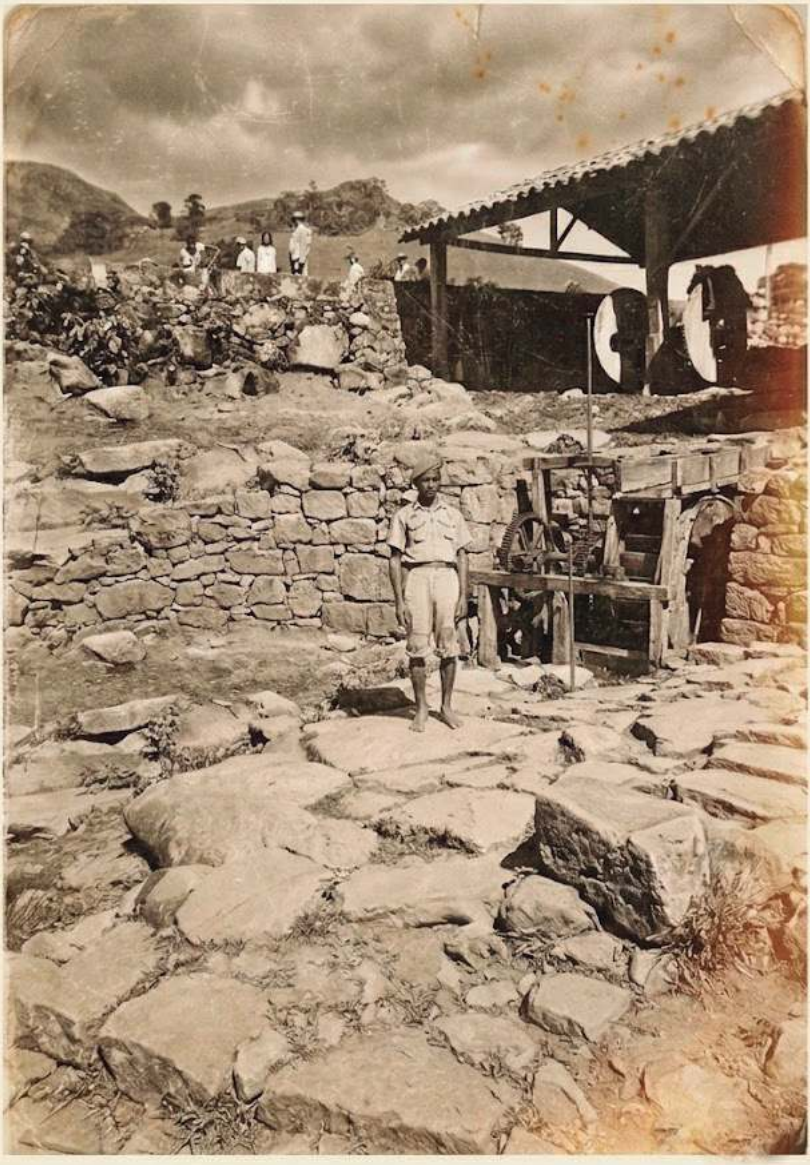
Não mais se ouve
chorar o carro do velho boi...

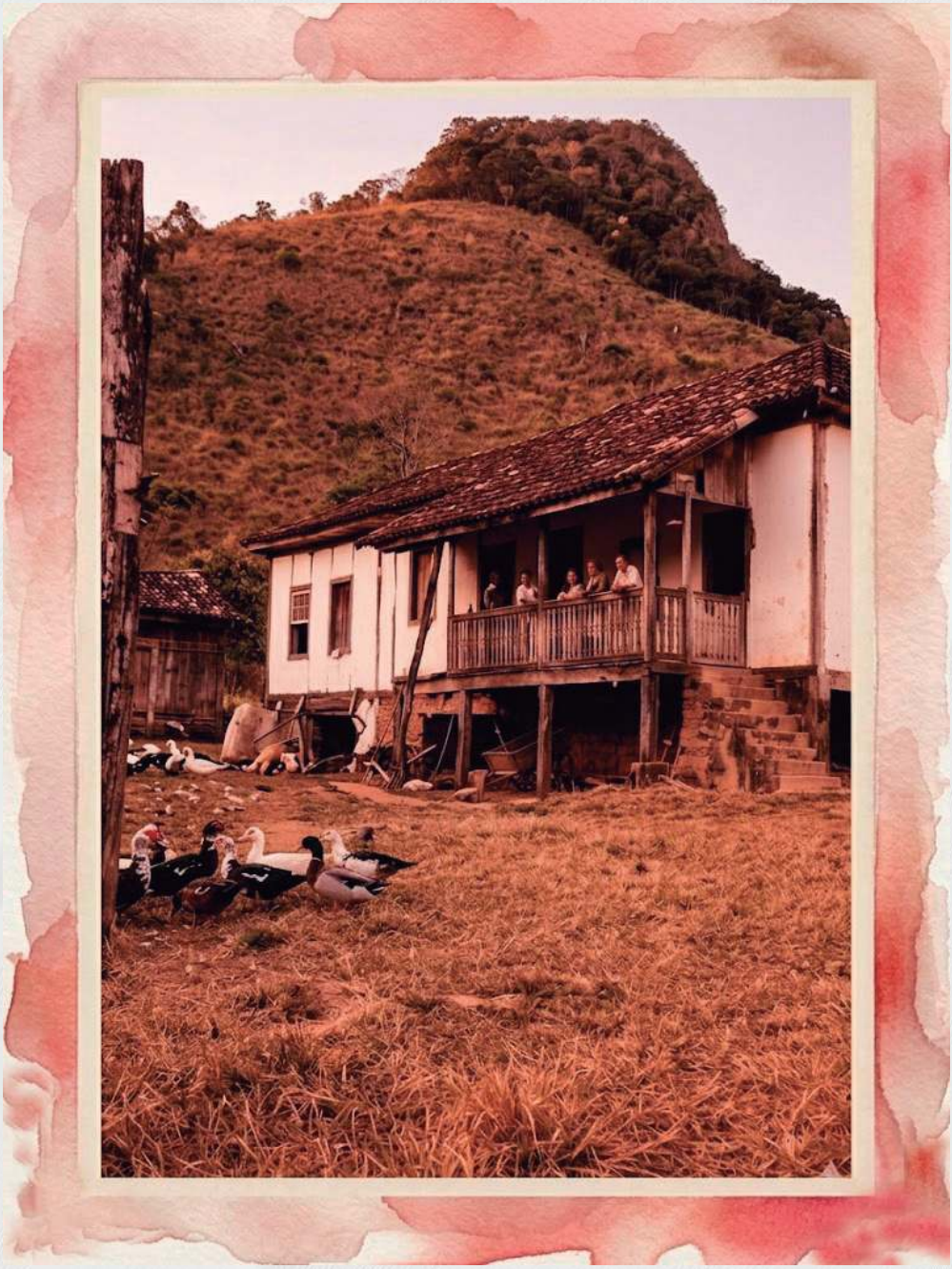
Não mais se abre o velho portão...

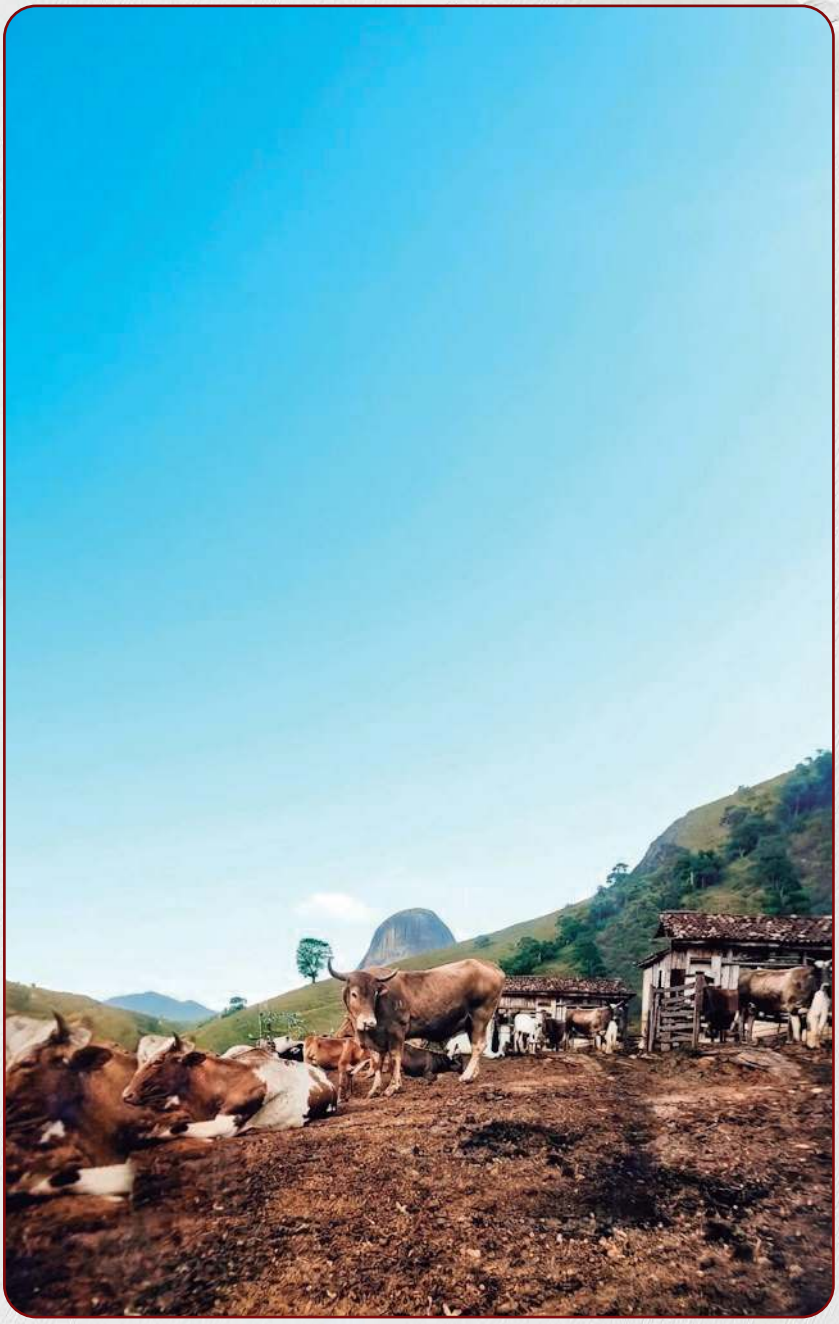
Não mais na mesa aquele angu!...
Não mais os patos no lago nadam...

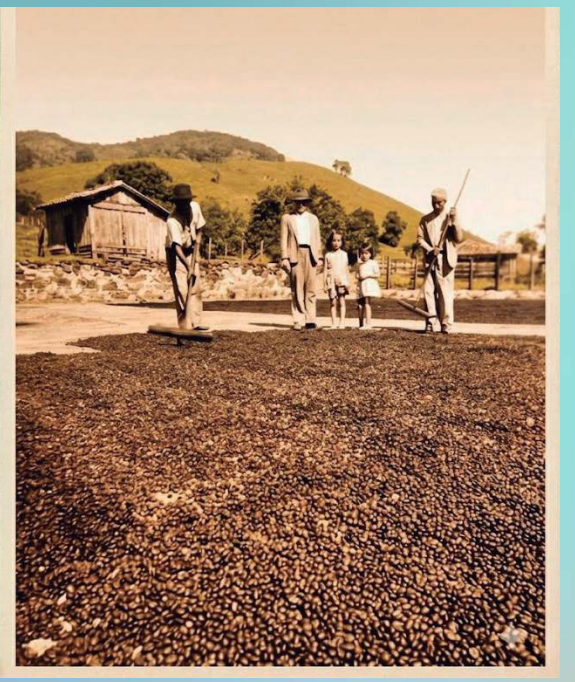
Não mais se pode
nem da varanda
nem da janela
ver o Noturno
e outros trens...
Tudo ruiu...

Cel. Pedro João Vieira Machado primeiro morador da fazenda da Cachoeirinha, onde meu pai nasceu. Seu filho João Vieira Machado foi o herdeiro e fez a fazenda prosperar. Atualmente a sede foi demolida.









Terreiro de café na Fazenda da Cachoeirinha (acima)
e Fazenda da Cachoeirinha (abaixo)
Fonte: Acervo da autora



João Pedro Vieira Machado
Fonte: Acervo da autora



O fantasma ladrão

No Entre Morros havia casas de atacados e varejos, mas na imponência do edifício sobressaia o sobrado amarelo marrom do Jorge Nunes, homem alto forte, moreno e simpático. Muitas vezes, aos domingos, podíamos subir na carroceria de seu caminhão para darmos um passeio em alguma fazenda vizinha ou em uma das suas. Íamos alegres, cantando. A maioria ia sentada em umas tábuas horizontais. Os mais corajosos e/ ou exibidos, em pé, segurando nas traves da carroceria.

No pomar sombrio e úmido nas margens do rio, as amoras graúdas e doces pendiam e os saborosos abios roxos estendiam os seus pontiagudos galhos para o céu.

Certa vez, Seu Jorge trouxe um macaco que nos impedia a entrada no pomar e, atrevido, nos atacava em nossos pomares fazendo-nos dar aceleradas descidas das árvores e apressadas corridas para dentro de nossas casas. Diziam-nos que ele mordia e que havia mordido uma criança. Foram tantas as carreiras que ele dava nas crianças e em quem fosse aos quintais que os vizinhos pediram ao Seu Jorge o sumiço dele.

Certa vez, entre as suas galináceas, havia galinholas e os vizinhos, principalmente minha mãe a quem estimava e admirava muito, por ter sido amiga de sua primeira mulher, se queixaram do canto insistente e estridente delas e ele deu sumiço nelas.

Solenes escadarias davam acesso à residência, onde, pela manhã, meia dúzia, às vezes até uma dúzia de ovos eram esquentados para que o proprietário os saboreasse. E espantava-me essa

voracidade. Móveis de jacarandá compunham a sala de jantar com mesas, cadeiras, cristaleira e bufet. O piano ficava na sala perto da varanda, onde, vigilante, ficava o bravo, branco, roliço e latidor Nero, meu temor.

No armazém, ficavam os sacos de café que proviam de várias propriedades, inclusive as dele e de meu pai. Mas Seu Jorge Nunes era provedor de vendas de outras mercadorias, além do açúcar, querosene, sabonetes, lápis, tinta para as canetas de pena, pasta de dente, maça de tomates, entre outras miudezas. Entre estas, estava a feiosa tabuada e o tétrico ABC que eu comprava, quase que mensalmente, das mãos do simpático senhor Olavo.

Para esse armazém, de secos e molhados, iam, na década de 40, durante a guerra, tudo que juntávamos, principalmente os meninos. Lá eles podiam vender ossos (diziam que era para fazer botões), pregos, fechaduras, objetos de ferro diversos, tampinhas de cerveja, contas de lágrimas (estas para serem trituradas e colocadas na alimentação, principalmente dos porcos, junto com os farelos) e fibras de um vegetal, que diziam ser guaxima e que havia muito nos pastos e era usado na confecção de cordas e ou sacos de aniagem.

A diversidade de mercadoria enchia os cofres do comerciante e satisfazia a criançada com os trocados que ganhava para satisfazer seus pequenos e sonhados prazeres.

A fazenda da Cahoeirinha ficava a, aproximadamente, dois quilômetros do Entre Morros. Nos finais de semana costumava ir para lá pela estrada de ferro.

Minha prima Ruthe e eu subíamos os morros e, com uma faca, cortávamos os talhos dessa planta, de folhas pequenas. Em seus ramos havia flores roxas pequenas e pequenas sementes que se espalhavam nos pastos. Reuníamos os vegetais, cortados em feixes, que amarávamos com uma tira da própria planta, e, com os braços ardendo, sapecados das folhas e dos capins, levava-os para o córrego mais próximo à sede da fazenda, em alguma curva, recoberta por folhagens, e, lá, os colocávamos dentro da

água, firmando-os com uma pedra para não soltarem com o bater da correnteza. Quando chegava o próximo domingo, sempre sete dias depois, conforme a orientação dos *experts*, íamos ao local do nosso esconderijo e nada de nosso tesouro, que se transformaria em moedas pelo Seu Jorge e, depois, em entrada para o cinema. Eles lá não estavam, pensávamos: "Será que a força d´água os levou?"

Nunca conseguíamos vender nada. Meus primos nos diziam que era o fantasma que levava os nossos feixes e juravam que não foram eles quem os carregou. Apesar do medo, das pernas bambas e certo sobressalto em cada barulhinho, produzido pelo vento em suas correrias pelo verde morro ou algum perdido mugido, íamos nós em outro domingo, antes do almoço, fazer os nossos feixes e pô-los na água, para que o fantasma, novamente, os levasse. Era um trabalho dominical de Sísifo.

Porém minha prima duvidava das afirmações de seus irmãos que, para ela, era um meio de evitar que fôssemos para longe da sede e acreditava que era nosso primo Maurilio quem recolhia nossa colheita, pois ele sempre vendia as fibras e contas de lágrimas no armazém do Seu Jorge.

Nós nem tínhamos tempo para chorar pelo leite derramado, pois sempre outras atividades nos chamavam a atenção. Um dia Maurilo, em um de seus afazeres dentro de um dos riachos, entregou a sua alma a Deus, mas o nosso interesse pelo mercado de fibras não continuou e seu Jorge nunca pôde revender nosso produto.

O casamento de meu tio

O sonho é inconsequente e fugaz, creio que li isso e, mais, que o sonhador constrói um mundo ideal com o seu sonho. É um mundo não compartilhado, pois é só seu. Cada sonhador tem o seu próprio sonho, pois exprime o mundo com determinado ponto de vista, que é a própria diferença. Nesse mundo criado, os elementos se transformam em essências e conceitos, figuras e pensamentos, pois viver é ir fracassando e ir esperando. Vivendo, se vai perdendo e criando, aceitando-se e transformando-se Os grandes tecedores de sonhos literários Proust, Cervantes, Shakespeare, entre outros, criaram seus sonhos dando ênfase em pontos de vista diferentes, apesar de partilharem de um meio comum: o literário. Nas mãos artistas de Cervantes, por exemplo, o protagonista, como todos os homens sonhadores, regerá seus passos na junção da fé e da imortalidade. Dessa forma, o artífice sonhou um ser e este, produto de sua arte, sonha um mundo com base em sonhos literários de outros. Essas são formas de não se deixar morrer. É uma filosofia do bem. Uma filosofia que nasce do coração e não da razão. Germina na fé, que vem da vontade de modificar o mundo visível para que ele se ajuste ao mundo idealizado e sonhado por outros artistas.

Há os, como Marcel Proust, que reconstroem um mundo perdido com base em sondagens "involuntárias", metamorfoseando memórias. Proust exprime o mundo por meio da arte, pois só ela nos permite sair de nós mesmos. Isso ele nos diz em o *Tempo redescoberto* e explica: "Graças à arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si

do que os que rolam no infinito". Logo, a essência é subjetiva e é uma verdade de quem a transmite, ainda que seja uma intersubjetividade artística.

Assim, para reconstruir um mundo de felicidade, esquecido pelos anos e turbilhão da vida, procurei os mais felizes e inolvidáveis acontecimentos como forma de reminiscências e cheguei ao dia do casamento de meu tio. Nessa ida ao passado, não a transformarei engrandecendo-a, sublimando-a, como dom Quixote fez com a visão de moinhos em gigantes, e, também, não fui levada por uma motivação de uma ação presente a um conhecimento passado, como protagonista proustiano, ao comer "la madeleine" em Combray.

Em meu mergulho no passado, por redescobrir, numa observação de uma realidade diferente e bela, verdades de momentos felizes, irei a uma festa de casamento, que, pela marca que ficou, em minha memória, parece até ter sido a primeira festa de casamento. (Em verdade, era a primeira vez que assistia a um casamento de um tio e não era na igreja de Muqui, mas num quarto de uma casa.).

Nessas reminiscências, direi a verdade das lembranças. Mas onde está a verdade? Disse Kant que dizer a verdade é um dever, mas faz um lembrete nessa asseveração, pois diz que a verdade deve ser dita somente para com aquele que tem direito a ela. Quem que a tem? Os ingênuos, os "pobres de espírito"? Ou somente ela está com quem pertence a vontade de dizê-la ou de ouvi-la? Há um eu e um tu com faculdade de escolha? É bondade ocultar a veracidade de um fato? Essa bondade é passível de penalidade por alguma lei? Há um princípio ético que limita dizer a verdade claramente? Situar-se no passado partindo do presente é, na concepção bergsoniana, coexistir com ele virtualmente.

Desse modo, passaremos a viver o dia do casamento de meu tio Clóvis Abreu, por quem tinha muito carinho e admiração por ser professor e saber falar francês. Admirava o seu falar sábio e manso. Seus olhos claros e sorriso tímido.

Foi quase depois de minha primeira comunhão que, naquele tempo, era realizada quando se fazia sete anos. Talvez tivesse sete ou oito anos. Saímos de Muqui para esse casamento meus pais e meus três irmãos.

Mãe Cínica e minha irmãzinha ficaram em casa. Os pais da noiva moravam no caminho para Cachoeiro, nas Caieiras, assim me diziam. Nessa época, levava-se de Muqui para ir até lá mais de duas horas. A noiva, minha nova tia, era linda. Tinha os cabelos pretos, sorriso calmo.

Era bondosa. Além de saber, por ouvir os maiores falarem, de como ela começou a namorar o meu tio. Era sua aluna no Colégio de Muqui. Falavam de seu enxoval, do capricho e beleza dele e de como os dois se queriam.

Antes do casamento, os pais da noiva mostraram os locais e maneiras de fazer a cal e nós, crianças, corríamos de um lado para o outro, entrávamos pela sala e saíamos pela cozinha, o local das confecções de bolos e de doces, e onde estavam as senhoras, inclusive mamãe. O que mais me impressionou na confecção dos doces foram uns bolinhos que se transformavam em ratinhos de chocolate. Nunca havia visto coisa igual!

Admirava o grande bolo branco com um casalzinho sobre ele, o homem vestido de preto e a mulher de branco. Achei lindo o altar que foi armado num quarto que dava saída para a sala de visita. Ele estava todo enfeitado de flores brancas, toalhas brancas e muita avenca. Muitas pessoas aglomeram-se na sala e não me deram espaço para eu ver a cerimônia. Já tarde saímos antes de nossos pais.

Não sei como chegamos, mas só como saímos. Era já noite. Vim, num carro de aluguel, um Ford, sentada atrás com uma prima, um irmão e uma irmã.

Na frente iam o motorista, claro o Aladim, e o Padre Pedro, o pároco de Muqui, que fora fazer o casamento. Vim tagarelando e vendo o céu estrelado e Padre Pedro nos falou sobre as estrelas.

Os tamancos e uma guerra

Os tamancos, esculpidos numa peça única de madeira clara e macia, calçados seculares, com uma variada forma artesanal, segundo o país, caracterizados por apresentarem no Brasil e ou Portugal, um solado de madeira, uma gáspea, aberta ou fechada na frente, cobrindo o peito do pé, e, eventualmente, uma tira circundando o calcanhar, são chamados também de socos ou de chancas. Em Algodres, Portugal, distrito da Guarda, há de couro e sola de madeira. Vi um desses em Jaca, Pirineus.

José Leite de Vasconcelos dá o feminino para esse calçado: "socas" e "tamancas" para os mais trabalhados com sola de madeira para uso feminino. Há os tamancos mais elaborados, com saltos de Anabela, coloridos, para uso feminino, principalmente em lugares praianos. Há até os de sola de cortiça.

Atualmente, os tamancos perderam bastante o seu uso popular para as chamadas havaianas, chinelos sintéticos de solado de borracha, inspiradas nas "zori" (sandálias japonesas). Este tipo de chinelos surgiu na década de 60. Outra espécie de calçados que a mídia adotou foram as melissas, coloridos calçados de plástico, surgidos a partir da década de 70.

Kleber Galvea, artista plástico, forneceu-me corroborações curiosas sobre os tamancos. Segundo ele, em Portugal, um dos países europeus em que é muito utilizado esse calçado, "os portugueses endinheirados, que eram muito diferentes dos outros portugueses, até a revolução dos cravos, diziam que para o Brasil haviam mandado só portugueses de tamancos. Isto para mexer

conosco em troca das nossas piadas sobre portugueses". Informou, ainda, que, no Brasil, a madeira que serve para a fabricação desse calçado é a da tagibubuia, cuja flor roxa tem um delicioso perfume. Esclareceu que, por ter um tronco retinho, esta planta foi muito usada para lenha de padaria, cercas de varinhas e para escora de lajes de construção. Esta planta, em extinção, recebe variados nomes (pau de tamanco, caixeta, pau de viola, tamanqueira, entre outros) e tem o nome científico de tabebuia caáinodas. Segundo Kleber o nome desta planta, própria de alagadiços, do Estado do Rio de Janeiro até o sul do Brasil se chama jucu. Supõe este artista que o nome Barra do Jucu deriva da abundância desta planta no sul de Vila Velha.

Os tamancos tradicionais das aldeias minhotas, feitos, em geral, de pau de amieiro e uma tira de couro, são mais fabricados no inverno, não só porque o seu solado de madeira é um isolante da umidade e da eletricidade, mas também, por ser a melhor época para a utilização dessa madeira. Mas, hoje, sua função é mais decorativa com a chegada das havaianas.



Em tempos passados, o povo andava descalço e o tamanco se impôs como meio de proteção na realização de trabalhos agrícolas. Devido ao baixo preço, sempre podiam ser renovados. Além do mais, eram pouco duráveis. A madeira muito mole, com a umidade, ficava mais branda e a tira de coro se soltava, mesmo que se colocasse um preguinho para prendê-la à madeira.

Meu pai, por exemplo, gostava de calçar tamancos com uma tira de couro no peito do pé para ir tomar banho, tratar dos animais no quintal ou cuidar da horta. Lembro-me do ruído top... top...top... que produziam quando ele caminhava. Seu Manuel trabalhava na padaria, calçado com tamancos. Os ruídos deles eram mais fortes do que os chap...chap... chap... dos chinelos de sua mulher ou o suave lep...lep...lep... das atuais havaianas. Aproximam-se dos ruídos produzido pelos sapatos de salto alto toc... toc..toc..., mas mais fortes.

Em Parati, a dança xiba, de origem flamenga, executada com tamancos especiais que pesam até 1k em cada pé, aproveita o ruído produzido pelos tamancos dos dançarinos batidos no chão, que podem ser ouvidos a quilômetros de distância, para marcar o ritmo.

Nos Países Baixos (Holanda), em Portugal e no norte da Espanha, os tamancos são objetos indispensáveis, também, ou principalmente, em zonas rurais. Na Holanda, ainda hoje, são utilizados por camponeses nas plantações, por serem térmicos.

A Holanda é o país que nos lembra a tulipa, os moinhos e os tradicionais tamancos (Klopen), que são, ainda hoje, usados por muita gente, seja por hábito ou por acreditarem que fazem bem à coluna e à postura. Como recordações do tempo em que seu uso dominava, em Amsterdã, os turistas podem experimentar os gigantes Klompen. Mas são os tamancos em miniatura, junto com os pratos decorativos e de paredes, os artigos mais procurados pelos visitantes como souvenir.

As miniaturas de tamancos, chamados de “tamanquinhos da sorte” fazem parte de um antigo hábito das famílias holan-

desas que os colocam como enfeite nos cômodos das casas para atrair a sorte e afastar o mau agouro. O hábito de pendurar o "tamanco da sorte" nas paredes vem sendo transmitido há gerações na Holanda e acabou conquistando também os turistas. Os tamancos holandeses são confeccionados em *papolie*r (álamo), madeira macia e resistente.

Lembro-me de que, quando criança, havia, no meu quarto, uma foto de uma menina camponesa holandesa. Perto dela havia um moinho. Ela estava calçada com um tamanco amarelo claro. Usava um avental azul e um chapeuzinho branco com as abas laterais viradas para cima. Nos braços havia uma cesta de flores. Em um carnaval, minha mãe me vestiu com uma fantasia como os trajes da menina do quadro. Andava na rua toda feliz. Achava-me linda com o chapéu armado de goma. Caminhava batendo bem forte os pés para ouvir o toc... toc... do calçado.

Quando vínhamos para casa, ainda perto da estação, num baile que havia ali em frente, em uma casa grande, hoje, ali, em Muqui está o edifício do correio, começou a chover e até eu chegar em casa, no Entre Morros, as abas armadas do meu lindo chapéu amoleceram. No oriente, precisamente na China, o calçado era feito, praticamente, só de madeira com pedacinhos de madeira nas extremidades, com o objetivo de tornar a pessoa mais alta, conforme a sua hierarquia na sociedade.

Os tamancos (*gretá*) fazem parte de uma lenda japonesa. Eles foram um presente do deus Zenchi aos homens.

Conta a lenda que a mãe de Chiba lhe pediu para ir à casa de um tio rico pedir-lhe dinheiro para comprar comida e remédio, o que lhe foi negado. Ao voltar, triste, para casa, foi pelo caminho saltando e plantando bananeiras, isto é, andando com os pés para cima. E o deus Zenchi lhe apareceu e lhe deu um guetá com poderes mágicos de, ao tropeçar, aparecerem moedas de ouro, por ser ele o melhor plantador de bananeiras. Mas não se poderia abusar desse dom de ganhar dinheiro, pois o uso exagerado tinha o efeito de reduzir de tamanho do beneficiado. Ele não acreditou nessas explicações. Pensou que fosse a raposa que lhe veio enganar. Ao chegar a casa, sem o dinheiro em-

prestado, conta à mãe a origem do calçado encantado. Ao explicar, tropeça e salta uma moeda de ouro. Com o dinheiro pôde comprar comida e remédios. Guardou os tamancos numa prateleira.

Quando o seu tio soube da história dos tamancos que forneciam dinheiro para a família de Chiba, cobiçou o objeto. Foi à casa do menino e lhe exigiu o tamanco. O menino avisou-lhe que havia restrição no uso. Vários dias se passaram e, como não tinham notícias do tio, mãe e filho foram à sua casa, mas não o encontraram. Porém viram uma sala cheia de moedas de ouro e, no meio delas, um mosquitinho e compreenderam que nunca se pode abusar das dádivas dos deuses...

Nas recordações de tamancos, ficou-me um par vermelhinho, de salto, preso por uma fivela. (Ou era amarrado por uma fita? Ah!! Não sei... Muitas décadas já se passaram...) Eles foram os meus primeiros calçados de salto alto que possui. Ia com eles à igreja e ao grupo escolar "Marcondes Souza", onde cursava o terceiro ano primário e era aluna de Dona Amélia Cypreste. Nessa época, o grupo funcionava à beira linha, no final da Rua Vieira Machado, perto dos armazéns dos Ayubes, onde foi construída a Praça da Bandeira.

Tinha oito ou nove anos. E, para afirmar o meu interesse por esses calçados vermelhos, estava o fato de eu mesma os ter comprado e não meu pai, como era o costume lá em casa. Fui comprá-lo na serraria do alemão, no principio da cidade, perto da fazenda do tio Janjão. Eles me davam a sensação de liberdade de escolha, pois pude abandonar os feios sapatos colegiais, fechados como os dos homens, pretos, com chapinhas nos saltos e nas pontas, ou seja, nas duas extremidades mais gastadeiras... (Preocupação de minha mãe.) Essa liberdade me proporcionou um vizinho alemão e a venda de alguns litros de jabuticabas.

O alemão morava na minha rua, no Entre Morros, na casa que havia sido de minha tia Alice e tio Monte. Ouvia meu pai e meu avô falarem que era trabalhador e conversarem sobre as dificuldades que teve para iniciar a sua empresa na cidade e sobre a importância que essa indústria tinha para Muqui.

O meu vizinho não sabia falar bem o português. Era baixo e gordo. Tinha um filho alto e magro. A sua cara era vermelha, a barriga arredondada, usava óculos e suspensórios pretos. Quando passava por nós, cumprimentava-nos, às vezes, à tarde, passava com sua mulher, uma senhora magra. Toda tarde esse senhor passava e nos saudava. Era, para mim, um tipo diferente dos que eu conhecia. Tínhamos mais conhecimentos com os italianos, principalmente os Berilli, e com os libaneses que, na calçada da rua, principalmente, perto da estação, ficavam conversando e, nós, as crianças, os chamávamos de rapatacho, pois falavam muitos números e o som nos parecia o dessa palavra.

Um dia o vizinho alemão me falou, com dificuldade, sobre os tamancos e me mostrou um e me explicou como adquiri-los. Quando fui comprar o meu, fiquei encantada com a serraria. Nunca havia visto tantos tamancos. Cada um mais bonito que o outro.

Um dia explodiu a guerra. Ouvia-se falar de italianos e alemães de Domingos Martins e Santa Teresa que eram espiões e que transmitiam notícias para fora sobre o Brasil em rádios clandestinos, que as mensagens eram enviadas, secretamente, para a Itália, para Mussoline, ou para a Alemanha, para Hitler, e que erguiam a mão ao saudar, semelhante aos integralistas com o seu Anaué, dito com o braço estendido, e/ ou como os nazistas saudando com "heil Hitler". Seus bens, as notícias diziam, haviam sido confiscados e/ ou queimados.

Mas, lá em Muqui, todos os italianos, "pé de chumbo, calcanhar de frigideira", como nós crianças gritavam para algumas crianças italianas, para implicar com elas, eram nossos amigos de longo tempo. Eram, também, os turcos e os libaneses, os "rapatachos". Ninguém trairia a nossa Pátria. Eles não. Eram também muquiense. Muqui era o Brasil. Nem uma dúvida pairava sobre eles. Mas um alemão era novidade na cidade. Assim, alguns ânimos efervescentes, atraídos pelas notícias mal ouvidas, foram à serraria do alemão e a destruíram, julgando-o espião. Como fiquei triste em saber deste fato! Pois o alemão era trabalhador e "perdeu tudo", assim diziam o meu avô e o meu pai, irritados com essa injustiça.

Além dos comentários que ouvia, quando meu avô e meu pai liam os jornais ou ouviam o rádio, o conhecimento que tinha da guerra eram: as faltas de trigo e de querosene, as passagens dos trens cheios de reservistas e os documentários a que assistia, antes dos filmes de faroeste, de soldados alemães em marcha.

Essa brutalidade com uma pessoa tranquila e trabalhadora, que me cumprimentava, sendo eu criança, e o desaparecimento da pilha colorida dos tamancos, foi a minha real descoberta do que era a guerra. Pois, a perda que ela traz, como se diz, "senti na pele" com a queima da serraria.

Ester Abreu e seu primo Ari Fraga, no lançamento do livro "Momentos", da autora, em Muqui, 1982
Fonte: Acervo da autora





O leque

Mover, abanar, ventilar, refrescar são funções antigas e universais de um leque, as quais estiveram e estão presentes nos cálidos verões do Egito, Assíria, Pérsia, Índia, China, Grécia, Roma e tantos lugares mais no passado e no presente, ainda que os ventiladores e os ambientes com ar condicionado o tenham deixado no ostracismo.

Os nomes que recebe variam seja *senssu*, em japonês, é *ventai*l, em francês, *fan*, em inglês, *ventaglio*, em italiano, *abano*, em galego, *abanico e pericón*, em espanhol, e outras designações mais segundo o idioma.

Sua origem é poética e utilitária. Segundo a mitologia grega, Cupido, encantado com a beleza de sua amada Psique, furtou uma asa de Zéfiro para refrescar a amada enquanto ela dormia. O folclore chinês narra que Kansi, filha de um rico mandarim, criou o leque para suportar o calor, durante um baile de máscaras.

Há leques feitos com marfim, madrepérolas, casco de tartaruga, madeira perfumada (como o sândalo), plumas, vegetais flexíveis, tecidos, rendas e com papéis pintados em litografia aquarelada com desenhos variados. Estes dias ganhei um de meu amigo, perfumado, feito de baunilha. Além de os leques servirem para abanar, com o passar do tempo, foi alterada a sua utilidade. Nos séculos XVII e XIX, foram usados na coqueteria com a "linguagem do leque". Esta consistia em colocá-lo em determinadas posições que proporcionariam um flerte entre amantes. Nos bailes dos ciganos andaluzes e nas apresentações dos dançarinos chineses e japoneses, os leques traduzem sensualidade, sedução e conquista amorosa. Nos movimentos rituais do Nô e do Mai, um dos intér-

pretes segura um leque. Usa-se o leque nessas danças movendo-os com ritmo e graça.

Esses conhecimentos sobre o leque, eu os tive muito, muito depois de ter recebido de presente o meu primeiro objeto abanador. Hoje, tenho vários e oriundos de lugares diversos. Uns trazidos por alguém que de mim se lembrou, mas outros, comprados por mim como uma recordação de algum lugar, ou, talvez, inconscientemente, por fazer-me lembrar do prazer que me proporcionou o meu primeiro leque.

Não me abano muito, pois não sou muito calorenta, por isso meus leques estão quase sempre engavetados, encerrados na escuridão de um armário, e vão deteriorando-se com o tempo. Mas do meu primeiro não me esqueço, pois ele está guardado na gaveta da memória. Se eu o perdi, materialmente, levado pelas águas de um aguaceiro de verão, ele permanece nítido, colorido, em minhas recordações.

Claro que com esse meu leque não sabia comunicar-me com a linguagem dos leques para falar com o amado distante ou para seduzir alguém ou fazer o jogo erótico, porque, naquela época, tinha uns sete anos e, nessa ocasião, só os jogos lúdicos me preocupava, pois, ainda, não havia televisão para despertar, antecipadamente, nas crianças, o convite carnal. Assim, com meu leque não executava a linguagem para um receptor, mas como Narciso, com ele, só falava para mim mesma sobre a beleza colorida que dele emanava, sobre o carinho de quem o comprou para mim e a escolha que fez observando os desenhos e o colorido. Ele era a beleza do diferente. A elegância e a beleza de quem o trouxe. Era o amor que brindava a minha alma. Não era um brinquedo comum. Tinha vindo de tão longe, do Rio de Janeiro e de trem! ... Minha tia e madrinha a quem admirava muito trouxe para mim.

Lembro-me bem daquela manhã em que toda a família estava em alvoroço e atenta para a chegada do Noturno. Curiosamente, era o trem que passava às onze da manhã em Muqui, mas como saia à noite do Rio de Janeiro recebia esse nome. Nesse dia, a euforia era pela chegada de minha tia. Ela trabalhava no Rio e, se sua ausência proporcionava saudade, sua chegada, alegria pela sua

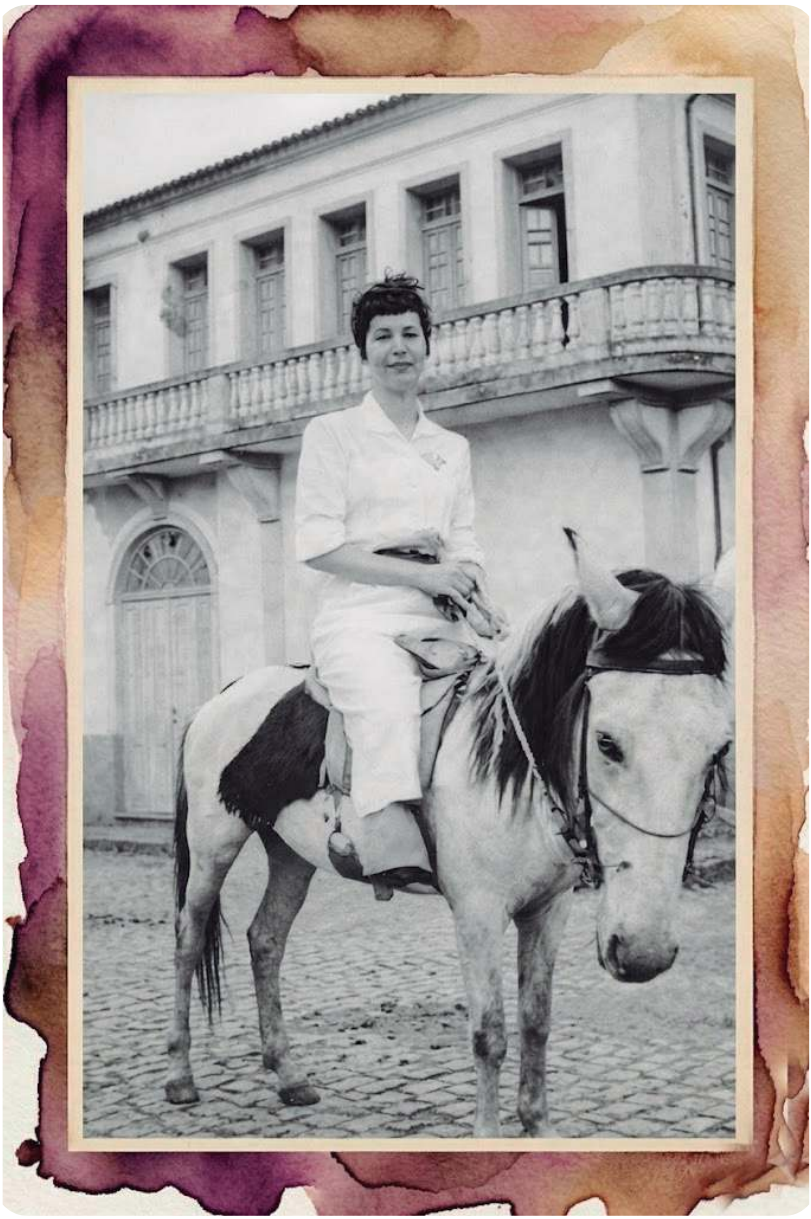
presença encantadora, pelas notícias que traria e pelos presentes que daria a todos.

Minha tia era linda, gentil e elegante. As suas roupas me pareciam bonitas e gostava do penteado que fazia enrolando os cabelos na frente com um enchimento que chamavam bananinha. Era o penteado da última moda. Encantavam-me suas unhas pintadas e grandes. Pensava que um dia teria as minhas como as dela, porém nunca consegui alcançar esse objetivo, pois são curtas. Minha tia era quem eu me espelhava para a minha produção do futuro... Tudo eu admirava nela, o modo de andar, de falar, de vestir, toda a sua maneira de ser, menos o hábito de nos dar beliscões. Deles eu não gostava. Sem mais nem menos, às vezes até com os pés, nos beliscava.

Antes de ir trabalhar no Rio, minha tia dava aulas no grupo escolar, acho que substituindo alguém. Quando ela chegava com a pilha de cadernos para corrigir, eu ficava perto, vendo-a sentada à mesa, na casa de meus avós, marcar as folhas dos cadernos, em tinta vermelha, com um E ou um C grandes. Encantava-me vê-la molhar, no tinteiro, a fina pena presa em um palitinho vermelho, várias vezes. Tarefa a ser feita com cuidado para não borrar. Às vezes usava o mata-borrão quando a tinta caia em maior quantidade no papel. Fiquei feliz o dia em que me deixou também colocar esses sinais nos exercícios. Senti-me importante.

Voltemos àquela manhã da chegada de minha tia. Vem-me à memória que, nesse dia, o Noturno atrasou e chegou de tarde. Houve descarrilamento em algum trecho da estada de ferro. Mas assim que ela chegou vestida com um guarda-pó areia e com uma grande mala, no preto ford-taxi do Aladim, foi uma alegria geral. Depois dos abraços, do banho e da alimentação, vieram as lembrancinhas, distribuídas a todos. Isso nunca faltava em suas visitas, principalmente, na época natalina. Era o momento de muita expectativa para mim, pois sempre achava que ela era mais minha que dos outros, pois era minha linda tia-madrinha e eu deveria receber sempre alguma coisa melhor que os outros. Fiquei parada vendo, da grande mala, saírem objetos que nos proporcionavam prazer. E, como um chapéu de mágico, nesse dia, saíram coisas

Maria de Lourdes Abreu Araújo montada no cavalo Pavuna, tendo ao fundo a casa do sr. Domingos, hoje demolida.
Fonte: Acervo da autora



variadas da equipagem parta todos, menos para mim. Quando vi que ela parara de entregar, fui resvalando pela parede e saí da casa de minha avó pela porta do bar. Fui para casa para, num canto do quarto da Mãe Cínica, chorar. Chorei desesperadamente, profundamente. Triste e indignada, desiludida, pois todos haviam recebido presentes, menos eu que era a afilhada, fui tomada pela revolta, pelo ciúme, e/ ou pela inveja. Sufocada, por doloridos soluços, pensava, logo eu, que havia sido esquecida, eu a sua afilhada. Emburrei. Soluçava e não falava com ninguém. Muito tempo depois, minha tia soube da minha tristeza e indignação e veio me dizer que o meu presente estava na outra bagagem que havia sido extraviada e que tinha ido para Vitória. Duvidei, mas as tantas horas de choro tinham que me acalmar.

Conformei-me em esperar a prosseguida viagem da mala, mas desconfiada. Dias depois dessas horas de desespero, recebi o meu presente. Era totalmente diferente dos objetos que haviam sido repartidos e de tudo o que já havia recebido de presente. Era alguma coisa nunca vista, isto é, palpável. Era um leque de papel colorido; no qual sobressaiam o vermelho e azul, num desenho de uma casa, e com um cheiro tão especial, tão próprio dele, que, até hoje, o sinto, às vezes, nas minhas narinas. Esse presente, além de me proporcionar alegria, me deu importância, pois minhas colegas de mim se aproximavam para admirá-lo e senti-me muito amada. Aonde ia, eu o levava. Porém, uma tarde, para poder pular melhor de corda e brincar de pique, estando com ele na mão, coloquei-o num ressalto do muro do prédio dos Rambalducci, que ficava em frente de minha casa, e, obedecendo ao chamado da minha mãe para ir dormir, esqueci-me de apanhar o meu objeto querido, que ali dormiu. No outro dia, ao acordar-me lembrei-me do meu querido presente e fui apanhá-lo, mas que tristeza! Havia chovido torrencialmente pela madrugada e do leque só restou a armação. O papel se dissolvera.

A decepção me trouxe um ensinamento: a não perenidade do prazer e da dor, pois "não há bem nem mal que sempre dure", mas o cheiro que sentia durou muito tempo em minha memória.

La buena dicha

La buena dicha é uma expressão espanhola para dizer "boa sorte". Ela nos lembra a cultura cigana, pois, quando se aproxima de uma pessoa, a mulher cigana oferece-se para "tirar ou ler a sorte" e traz um ramo de romeiro ou arruda nas mãos. E isso já me ocorreu no Brasil e em Andaluzia, Espanha.

Nos dias de carnaval era comum veem-se foliões vestidos de cigano ou de cigana e me lembro de quando tinha uns seis anos e, como estamos nesse período carnavalesco, lembrei-me de quando tinha uns seis anos quando minha mãe fez para mim, em época carnavalesca, um traje de cigana: lenço na cabeça e roupa de chita estampada. Segurando-me na mão dela caminhava na rua. E meu prazer era balançar um pandeirinho que segurava na mão e andar balançando-me para fazer soar os pequenos chocalhos que adornavam as pontas do lenço posto na cabeça.

Os ciganos, quando chegavam em Muqui, muitas vezes, armavam suas barracas no começo do Entre Morros, num espaço antes dos prédios dos Rambalducci. Chegavam em caminhões e traziam cavalos. Além de ler a sorte das pessoas pelas linhas da mão, vendiam tachos, tinham a fama de roubos, de trocas, de enganos, e de levar crianças.

Certa vez uma linda e jovem cigana, muito bem vestida, entrou em casa para ler "la buena dicha" de meu tio. Foram para um quarto e, com o objetivo de levar o que havia ali, pediu a meu tio água.

Eu gostava de ir vê-los. Não entendia o que falavam e admirava a maneira como cozinhavam: ficavam de cócoras, misturando galinha e outras coisas numa única panela, sobre umas brasa e falando sem parar. Aquilo me encantava.

Minha irmã, certa vez, escondeu-se debaixo da cama com pavor de ser levada por ciganos que pararam em frente de nossa casa para tomar água. Esse é o medo das pessoas bonitas.

O cronista Francisco Aurélio Ribeiro já narrou um fato de ter sido levado dentro de um balaio, por um grande trecho por ciganos. Ciganos são grupos de pessoas, não homogenias, de várias etnias, e, tradicionalmente, nômades. Circulavam pela Europa, divididos em comunidades e se supõem que sejam originários da Índia. Ao longo da historia da humanidade eles foram marginalizados e vítimas de preconceitos, por seu modo de vida incompatível com os costumes tradicionais do país em que estivessem. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foram, como os judeus, perseguidos, confinados em campos de concentrações nazistas, e, também, durante a formação das Monarquias Nacionais, na Europa, junto com judeus e muçulmanos.

Certa vez em Vitória, creio que na década de 70, estiveram ciganos acampados nas imediações de São Torquato. Era professora no Colégio Estadual do ES e levei meus alunos a uma pesquisa sobre a vida dos ciganos. Eles ficaram muito entusiasmados e produziram bons textos. Histórias de amor e a magia da dança e da música cigana têm servido como temática em obras literárias e cinéticas. Na Espanha os ciganos se enraizaram na Andaluzia. Concentraram-se em zonas urbanas e rurais, e deixaram ali uma cultura vibrante: música, dança e artesanato. Mas enfrentaram desafios em termos de integração social e habitação.

Eles deixaram a herança do flamengo que se tornou dança típica espanhola. Mas falar de ciganos na Espanha não se pode deixar de lembrar do poeta Federico García Lorca, que publicou a obra poética "Romanceiro cigano", em 1928, abordando diversos aspectos da cultura cigana da região de Andaluzia, sua terra natal, com temas de amor, destino, e tragédia, onde o mítico se une ao folclórico. O tema cigano (gitano) das crenças e códigos, dor e amor, é demonstrado por uma realidade chocante. A "Guarda civil" é demonstrada com pouca simpatia com morte, sangue, injustas perseguições, por exemplo no "Romance de la Guardia Civil Española, nos primeiro versos do poema, o poeta descreve a chegada deles numa aldeia cigana:

Cuarenta guardias civiles
entran a saco por ellas.
Los relojes se pararon,
y el coñac de las botellas
se disfrazó de noviembre

Citando os quarenta guardas civis a cavalo, à noite, ocultos, chegando na aldeia dos ciganos, o poeta menciona que a alegria da festa se transforma em morte disfarçada de novembro, lembrando o Dia de Finados.

A cor negra torna-se símbolo da maldade na oculta chegada. O poeta se estende na descrição: cavalos, montaria, botas, noite em direção ao lugar onde residem os ciganos:

Sobre las capas relucen
manchas de tinta y de cera.
Tienen, por eso no lloran,
de plomo las calaveras.
Con el alma de charol
vienen por la carretera.
Jorobados y nocturnos,
por donde animan ordenan
silencios de goma oscura
y miedos de fina arena.
Pasan, si quieren pasar,
y ocultan en la cabeza
una vaga astronomía
de pistolas inconcretas.
¡Oh ciudad de los gitanos
En las esquinas banderas.
La luna y la calabaza
con las guindas en conserva.
¡Oh ciudad de los gitanos!
¿Quién te vio y no te recuerda?
Ciudad de dolor y almizcle,
con las torres de canela.[…].

Depois da chacina, da queima, da destruição e da saída dos soldados, o poeta lamenta a destruição:

¡Oh ciudad de los gitanos!
La Guardia Civil se aleja
por un túnel de silencio
mientras las llamas te cercan.
¡Oh ciudad de los gitanos!
¿Quién te vio y no te recuerda?
Que te busquen en mi frente
Juego de luna y arena.

Na aparência festiva de "la buena dicha", saudada por uma cigana, de indumentária colorida, de sorriso fresco e brilhante, não sei agora, mas procuravam colocar dente de ouro, tiveram os ciganos perseguições registradas na História Universal, mas deixaram registro de suas culturas e um rastro de lendas e uma ilusão de que conhecem o futuro dos que se aproximam deles, como aconteceu com Macabeia, personagem da excelente obra *Hora da Estrela,* de Clarice Lispector, publicada em 1977.

Colégio Estadual do ES em que Ester Abreu lecionou nos anos 70
Fonte: IJSN (http://biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Temor e encantamento

Janeiro inicia iluminado pelas festividades do fim do ano. É quando nasce o Ano Novo.

O apagar da luminosidade festiva ocorre no dia seis de janeiro com os reis, o que nos leva à história da visita de Três Reis Magos à Virgem Mãe, para ver, em Belém, o seu Divino Filho.

Os visitantes são guiados por uma estrela, que é imaginada na forma de um cometa, - corpo celeste que faz uma trajetória ao redor do Sol e que, ao se aproximar do Astro Rei produz gazes que se alongam como uma brilhante cauda.

As imagens desses cometas adornam casas e locais nas festividades de fins de ano, lembrando o Menino Deus e me levando de volta à minha cidade de Muqui.

Em Muqui, numa noite fria, creio que era junho ou julho, de 1940 ou 41, pois a noite estava muito fria, e eu devia ter uns sete ou oito anos, já passava das seis horas, vinha da igreja e já havia atravessado a ponte e já estava na rua Coronel Pedro João, quando vi uma estrela que corria pelo céu, com uma luz mais forte do que as estrelas que víamos deslizando pelo firmamento e então nos concentrávamos para fazer um secreto pedido. Essa estrela era diferente dessas estrelinhas costumeiras. Era grande. Apressei-me para avisar os meus pais da beleza que via. Mas ao chegar a casa, todos já tinham visto também a estrela que lindamente passava pelo céu. Disseram-me "é um cometa".

Não sei qual o nome desse cometa, nem o dia exato, pois era uma menina. De estrela do que sabia eram as que eu via quando, à

tarde, saíamos com nossos pais para caminhar pelo Entre Morros, ou pela Estrada de Ferro Leopoldina, correndo, ora equilibrando-nos pelos trilhos, ora saltando os pontilhões e daqui e dali uma indicação dos mais velhos, que nos chamavam para perto deles, e, como sempre mais sabidos, davam-nos uma aula introdutória de astronomia, assunto em que, infelizmente, não tive oportunidade de me aprofundar.

Iniciavam-se os ensinamentos com a "Papa Ceia", a estrela Vênus, a primeira a aparecer. Prosseguia-se com o Cruzeiro do Sul. "Olhem é uma constelação formada por aquelas quatro estrelas. A da ponta inferior é a Estrela de Magalhães. É a mais brilhante. As outras, as das extremidades, são a Mimosa, a Rubídea e a Pálida". Mas era preciso cuidado para não apontar o dedo para uma estrela, principalmente se ela deslizasse pelo firmamento, porque uma verruga nasceria. Era a nossa crença.

E lá vinham mais explicações sobre essa constelação que norteou muitos navegantes e se encontra na Bandeira do Brasil. "A mancha escura é o Saco de Carvão e a porçãozinha de estrelas é a Caixinha de Joias". Continuavam: "Ali está Marte, Júpiter. Eles não são estrelas são planetas". Apontavam para a constelação de Taurus, mas eu nunca consegui ver touro nenhum nas imagens das estrelas no céu, só a cruz mesmo. E durante esses passeios, sob um céu brilhante, às vezes corria uma estrela.

Aí gritávamos. E fazíamos secretamente um pedido. Pleiteávamos um brinquedo ou de algum passeio desejado. Vinha depois a explicação. "É uma estrela cadente, são fragmentos de asteroides, ou restos de cometas. É um meteoro". E lá vem a noticia de que um desses corpos tinha caído na Bahia e estava no museu no Rio de Janeiro.

Na verdade, eu tinha receio de que em um desses passeios da estrela viajante ela caísse em minha casa. Gostava de ver as Três Marias, destaque da constelação de Orion.

Acredito que esses apontamentos de estrelas e suas imagens no céu me despertaram o interesse de ver figuras significativas nas nuvens e nas árvores. Essas tardes familiares eram agradáveis. Mas..., mais tarde da noite, sem a companhia de adultos, mesmo

com as pequenas luzes voadoras, nos bailes dos pirilampos, a tranquilidade era ameaçada, e nós, as crianças, temíamos passar pela jaqueira que dava sombra à rua, ou pela estrada do bambuzal, sombreada pela luz do luar.

Toda atração do passeio das descobertas estrelares tomava novo sentido com o medo de pequenos ruídos das folhas movidas pelo vento. Da beleza que a noite estrelada tão distante proporcionou, passávamos para o terror de mortos que apareciam ou de sombras fabulosas que não víamos, mas nos aterrorizavam.

Enfim, ao lado das descobertas entusiasmadas do mundo iluminado dos astros, estrelas e cometas, estava o outro lado, sem luz e sem brilho, porque como sabemos tudo só pode existir plenamente com o seu oposto ou seu complemento.

Trem Cacique que atendia Muqui
Fonte: Acervo da autora





Dia dos pais

No segundo domingo de agosto, no Brasil, celebra-se o Dia dos Pais. É um dia festivo e concorrido nas famílias.

Na minha infância não havia este dia para comemorar. Seu início ocorreu em 1953 e muitos caminhos nesta vida eu já havia percorrido... Mas hoje vou relembrar fatos ocorridos com meu pai como uma forma de honrar o seu nome.

Ele não conheceu a mãe, que faleceu quando tinha vinte dias de nascido e foi criado pela irmã de meu avô, Pulcina, conhecida como Cínica, que não tinha ainda filhos, e lhe consentia uma vida o mais livre que possa ter uma criança, talvez por pena de sua orfandade. Segundo relatos, ia ao colégio só quando quisesse. A tia-mãe o deixava tomar banhos no açude e riachos, caçar preá, pacas, entre outros divertimentos em vez de ir ao colégio.

A caça era seu lazer. Para exercê-la tinha mais de cinco cães e uma espingarda. Ao sair para uma caçada, se fosse distante o local, ia num caminhão. Os cães partiam abanando o rabo, ladrando festivos com a expectativa do festim.

Entre os cães havia a Núbia. A mais caçadora. Era pequena e entrava nas mais difíceis tocas para ali encontrar o animal, que era quase sempre uma paca, cujos órgãos interiores eram distribuídos com ela e os demais cães, pois as partes maiores eram levadas para serem assadas. Porém, uma vez, ela não pôde sair da toca. Imprensada, foi ferida pelas garras da paca. Essa perda foi uma grande tristeza para meu pai.

Creio que se embrenhar nas matas, subir até as mais íngremes grotas, imitar com assovios diversos pássaros, e trazer ou não

o produto da procura, era ações "transviadas" de amar a natureza e seus habitantes. Por isso, suponho que as histórias por ele contadas eram sempre de bichos. O macaco sempre muito sabido e a onça abobalhada. A coruja era doutrinária, o veado medroso, o pavão vaidoso, e assim por diante, cada animal tinha o seu destaque. Não eram muito longas as narrativas.

Meu pai, Ataulpho Vieira de Almeida, era um homem generoso, acalorado em suas ideias e opiniões políticas antigetulistas, antagonistas de meu avô Cornélio e minha mãe. Ele não frequentava as missas dos domingos como minha mãe queria, porém, ia à igreja se o sacerdote fosse famoso orador, e, principalmente, para ouvir o Sermão da Paixão. Mas o amor por minha mãe levou-o a descobrir o prazer da leitura.

Meu pai era agricultor. Tinha uma propriedade, em um terreno acidentado e com planície. Uma parte era herança do Pai, as outras acrescidas de parcelas compradas de irmãos. Na ocasião de minha infância possuía uma barbearia no centro da cidade. Depois, passou-a para perto da sala de visitas de nossa casa. Ali dialogava com vizinhos e fregueses dando vazão aos seus conhecimentos literários e políticos, nacionais e internacionais, ou lia para um grupo de pessoas fragmentos do "Jornal do Brasil" ou do "Correio da Manhã", ou o "Correio da Noite" e ou jogava à bisca com amigos e meu avô. Ele era sensível e tinha uma memória prodigiosa, assim declamava longos poemas como "A ceia dos Cardeais" de Júlio Dantas. Poemas de Rosário Rizzo, Castro Alves, Casimiro de Abreu e Vicente de Carvalho, também declamava quando chegava uma visita em casa, nas reuniões familiares, e também, em festinhas cívicas. Ele ia a sua propriedade a cavalo, no Pavuna. Lá ele tinha algumas cabeças de gado, variedades de produções: café, o principal produto, depois arroz, milho, feijão, banana, mandioca, hortaliças, árvores frutíferas: mangueiras, mexeriqueiras, laranjeiras, cambucazeiros, cajueiros e até árvore de canela. Meu pai não tinha carro de boi e era uma pena, pois esse transporte, quando passava por nossa rua era uma festa. De longe ouvíamos o canto do carro em movimento e corríamos para uma carona por um bom pedaço do caminho. Mas, para o transporte dos produtos cultivados para vender na cidade ou levar o café para pilar, ele utilizava uma pequena

tropa, de mulas e burros, que servia também para prestar serviços a outros agricultores. Todas as noites ele ia até o centro da cidade e ali conversava com os amigos e esperava o noturno para apanhar o jornal que vinha do Rio de Janeiro. Eu prestava atenção quando estava chegando por seus passos fortes e pigarros, para abrir-lhe a porta porque sabia que trazia um gostoso doce de leite. No Natal colocávamos os sapatos à noite e, no outro dia, encontrávamos sapatos novos ou algum pequeno brinquedo. Mas o que me intrigava era que às vezes o sapato não servia e meu pai nos levava à Casa Siano para a troca do presente trazido por Papai Noel. Mistério!!

Meu pai lia muito. Suas ideias muito liberais não tinham minha mãe como adepta. A maioria de seus livros estava proibida para nós. Na estante interditada estavam livros científicos que tratavam de sexo, romances de Zola e Herculano, junto com obras de Coelho Neto, Eça de Queiroz, Castro Álvares, Bilac, Julio Dantas, Cesário Verde, Guerra Junqueiro, Augusto dos Anjos entre outros romancistas e poetas e um bom dicionário.

Ataulpho Vieira, pai de Ester Abreu
Fonte: Acervo da autora



Pão e circo

A falta de entretenimento social, a constante e obrigatória permanência em casa, a solidão, a reviravolta na vida cotidiana provocada pelo mundialmente conhecido, o minúsculo coronavirus, que provoca a pandemia covid-19, é o tema que domina as falas atualmente. Para fugir do assunto entristecedor do momento, pode-se recorrer à memória de acontecimentos venturosos, pois o pão e o circo alimentaram e alimentam o público. Distribuí-los é atitude política ancestral, ricamente comprovada na História Romana, e no tempo que vivemos agora, com um cenário político-social desanimador, sinto que uma viagem pela minha meninice pode trazer algum alento para corações e mentes.

Retorno à década de quarenta, na minha infância, em Muqui. A movimentação geral da cidade ocorria em junho, durante os preparativos para o dia 24, festividade do padroeiro da cidade o São João Batista. As costureiras e as lojas se movimentavam. Indumentárias novas para toda a família. A alternativa chic para o baile de gala, para uns mais sofisticados, e para o popular, para os demais.

A melhor culinária era servida para os hóspedes, amigos e familiares que vinham à cidade. E, no dia da festa, a alegria jorrava: procissão, coloridas barraquinhas, músicas nos alto-falantes, leilões de minudências (frango assado, bolos, xícaras, sabonetes, entre outras coisas) que com alegria depois de um dou uma, dou-lhe duas, dou-lhe três, o sorriso espalhava num rosto infantil ou não. Mas havia também o famoso leilão de gado para uma mino-

ria de frequentadores. Mas bem noitinha, e já dominando o frio, além dos bailes, havia a queima dos fogos feitos pelos Pavani. Eles brilhavam e explodiam os foguetes na noite colorindo o céu, o último que ficava central, bem perto, da igreja, aparecia o quadro de São João Batista, quando o fogo extinguia. Nessa hora criança vai para casa e moços e moças para o baile.

Porém, fora dessa festividade da metade do ano, o que fazia afluir gente à cidade, e ter outro aglomerado social eram os parques. Eles proporcionavam a oportunidade de sair à noite. Com eles se espalhava a alegria, a música, as maçãs do amor, os jogos diversos, e com a roda gigante e a rumba, provocavam também o medo e a satisfação de um movimento circular uma pela rotação para cima e a outra pela circular.

Outros itinerantes visitantes, os ciganos, proporcionavam à cidade um movimento social mais tranquilo. Despertavam curiosidade e uma espécie de medo. Possuíam caminhões e animais e em suas barracas havia muitas cores nas vestimentas das mulheres.

Estimulavam a curiosidade dos moradores locais com seu modo de vida: a maneira de cozinhar galinha e cereais e verduras tudo em uma só panela, a fala entre eles que não se faziam entender e a insistência para *la buena dicha*. O estranho que representavam aguçava as mentes férteis e se espalhava o temor de que poderiam roubar as crianças.

Mas das novidades que vinham de fora era o circo um grande atrativo exótico por excelência. Despertavam nas crianças e adultos a curiosidade e sorrisos. Antes do dia da estreia havia uma passeata pela cidade de artistas e animais.

Os meninos gritavam acompanhando-a: "Hoje tem marmelada – Tem sim senhor. Hoje tem goiabada – Tem sim senhor. E o palhaço o que é? É ladrão de mulher".

O medo dos leões e a curiosidade pelo grande paquiderme de longa tromba que, algumas vezes ao passar diante de uma venda, que nessa época deixavam-se sacos de cereais semiabertos na porta, descia a tromba e sugava tudo o que havia. Uma vez, acon-

teceu quando vínhamos do colégio, o animal colocou a tromba num vasilhame e num jato de água nos molhou.

Ver o desfile era emocionante, mas o melhor era quando nosso pai nos levava a uma seção circense. Era muita alegria. Sentávamos em tábuas encasteladas em círculo e de lá vibrava nosso coração com homens perigosamente dentro de uma jaula com o leão, macacos andando de velocípedes, homens em uma motocicleta em um globo de ferro, homens e mulheres voando nos trapézios, e cachorrinhos quase bailando e saltando dentro de círculos de madeira.

Os mágicos traziam surpresas de nossa cegueira de ver e não compreender o encanto visual de cortar ao meio uma mulher que depois saia pulando, ou de retirar de uma vara muitos lenços coloridos ou de fazer sair do chapéu pombos branquinhos.

Palhaços com piruetas e jogos pitorescos, que nos faziam rir. Homem forte que levantava peso e quebrava vidros com os dentes. E quase sempre por último aparecia o desfile dos elefantes andando obedientes, comandados por homens de roupas coloridas. Como *gran finale* um dos enormes animais se equilibrava com as quatro patas sobre um tamborete e com uma gaita presa na tromba tocava o hino nacional.

Além de todas essas atrações, espetáculo à parte, e para os adultos, eram as peças de teatro, que envolviam infalivelmente ações muito trágicas de amores estraçalhados.

Assim, buscar na memória situações de encontros alegres alimentam o espírito e trazem alguma esperança de que a nossa liberdade em todos os sentidos será recuperada.



Em uma casa, cercada
de verde, repleta de luz

Em uma casa cercada de verde, repleta de luz, de alegria e de vozes amigas, cresci embalada pelo trepidar da casa, com a passagem dos trens e o som do trilhar de suas rodas, impregnadas as narinas dos cheiros mais diversos: das flores do jardim e das fruteiras do pomar: mangueiras, abiozeiros, romanzeiros, caramboleiras, jabuticabeiras, abacateiros, cajazeiros, goiabeiras, araçazeiros, principalmente, e o perfume saboroso que vinha da cozinha.

Cresci em uma época em que a imagem que nos era imposta, fora da realidade do cotidiano, era a dos cinemas domingueiros, nos seriados, e a das ilustrações dos livros e revistas.

As árvores saciavam a minha gula e me ofereciam a oportunidade de exercitar-me durante as ações de escaladas em busca de frutas ou de sonhos ou de transpasse de uma a outra pelos galhos que se tocavam, numa imitação das ações das caminhadas aéreas de Tarzan por meio dos cipós. Havia árvores que me forçavam, por terem troncos mais grossos, a utilizar, na ascensão, varas de bambus, gigantes que me favoreciam mostrar habilidades circenses e exercitar meus frágeis e infantis braços firmando os pés e impulsionando o corpo com os braços presos ao bambu ou soltando-os e movendo-os com força, alternativamente, lançando-os para cima, enquanto as pernas juntas e soltas se balançavam até poder firmá-las num galho, encruzilhada de outros galhos, para ali descansar e continuar seguindo para as pontas mais finas e balançar os galhos fazendo a fruta cair. Essas ações provocavam o desespero e apreensões de minha mãe e o orgulho de meu pai. Também havia as árvores inimigas que me impediam galgá-las. Uma delas era a do abiu,

o gigante, o mais doce, amarelo, arredondado e de mais abundante polpa, da qual as suas familiares formigas guerreiras me expulsavam de minhas assomadas em seu tentador castelo aurífero, por mais vagarosamente que tentasse pegar aquelas frutas que, depois de saboreadas, me deixavam a tarefa árdua da limpeza dos lábios grudados. Havia as árvores preferidas para as brincadeiras e as que davam asas à imaginação. Na mangueira mais antiga o entroncamento da bifurcação de dois grossos galhos verticais com o mais baixo horizontal me oferecia duplos prazeres. Nos verticais, no final do ano, eles me davam a oportunidade de chegar aos galhos mais altos sem bambu, pois, encostados em um e movendo os pés no outro, subia até encontrar um galho de apoio.

Era um prazer o sacrifício, pois lá em cima estavam as mais cobiçadas mangas e podia balançar os ramos para caírem outras. Do galho horizontal, o ano todo, retirava momentos de sonhos. Algumas vezes com a ajuda de uma vara, movimentando-o, velejava por mares desconhecidos, defendia-me de índios e piratas, como nos filmes. E, quando tive a oportunidade de acordar um dia em Marataízes e sentir, de madrugada, o cheiro da maresia, provar a água salgada, encher os meus olhos das faíscas das areias brancas da praia, sufocar-me debaixo de uma gigantesca e verde onda, perceber como devagar e lindamente balançavam os barcos que à noite chegavam iluminados, pude, imaginativamente, organizar melhor as minhas representações. Ora, nesse galho ou em outro da mangueira da beira do rio, acomodava-me como em um divã, percorria o mundo voando em tapetes mágicos, num mundo que conhecia pelas estampas: viajava sobre elefantes na fantasiosa Índia, corria dos leões na selvagem África, percorria o rio Amazonas, colhia gigantescas vitórias-régias, descia a Cachoeira de Paulo Afonso, viajava pelo Saara junto a uma caravana adormecida com o compassado gingar de um adornado camelo, subia os mais altos píncaros, enfrentando a geleira imaginária, enquanto o frágil corpo recebia os afagos dos 30 graus. Em outros momentos, deitada sobre o galho, olhando pela réstia de céu, observava as nuvens se transformando em rebanhos, em gigantes, em formas diversas: animais, montes, flores e objetos que, rapidamente, se transformavam em outros. Mas, durante muito tempo de minha vida infantil,

o meu recanto privilegiado, aquele que me ocultava da realidade circundante até cair nos braços de Morfeu e que me escondia dos olhos vigilantes, preocupando-os pelo sumiço, era um esquecido e impenetrável pé de cabeludinha, de pequenas folhas, de frutos, amarelinhos, menosprezados pelos mais velhos pelo tamanho e pela ligeira acidez.

Era ali que, no chão, deitada, encoberta por um verde cortinado, que me protegia da radiante luz vespertina e do calor, meditava sobre a origem da vida até que o cansaço da busca do segredo da vida me fazia dormir. Era ali que meus olhos derramavam as mais sentidas lágrimas, salgando as minhas faces. Era ali que sufocava a tristeza por ter sido encontrada debaixo de um pé de banana, frio e escuro, como me diziam. Prova disso era ser diferente dos meus irmãos, pois possuía a tonalidade da pele e dos cabelos mais claros do que os deles, que tiveram a sorte de terem sido trazidos por uma cegonha ou, a maioria, pelo bolso da dona Lúcia. Era dali que eu gostaria de ter vindo. Daqueles bolsos ocultos por uma comprida saia colorida de onde, sempre sorrindo e com os olhos azuis brilhando, retirava lenços, terços, e uma latinha de rapé, que nos oferecia para que espirrássemos, e bebezinhos. E era verdade, pois todos falavam baixinho toda vez que ela chegava à nossa casa e, pela manhã, sempre, um bebezinho chorava e ela vinha ao quarto das crianças mostrar um montinho de pano enrolado e uma carinha de boneca mexendo-se. Era dali, cuidadosamente trazida por essa mulher risonha de cabelos nunca vistos, pois os encobria por lenços coloridos, que gostaria de ter chegado para o quarto de minha mãe. Mas como todo tormento e alegria passam, esse desconsolo terminou.

O caminho para desvendar o mistério da vida me ofereceu minha prima. Em sussurro mostrou-me minha tia que, nessa ocasião, estava mais gorda e lenta no andar e me disse que ali estava um nenê. Depois dessa descoberta, deixei de frequentar o aconchego do arbusto predileto e passei a participar dos folguedos aéreos ou de representações que essa casa cercada de verde, repleta de luz me oferecia.



O despertar de um fascínio

Admirava os seus variados sapatos. Como gostava quando, de calças brancas e sapatos brancos, com pontas pretas, ou marrons, ele passava por minha casa! Parecia um daqueles galãs dos filmes a que ia assistir com minha mãe. Que alegria era ir à sua casa para brincar de pique, correndo pelo jardim das mais lindas e variadas rosas que trazia de suas constantes viagens ou pelo terreiro onde ficavam os patos, as galinhas, as saracuras, que meu tio José Monte trouxera de uma de suas viagens, e o romanzeiro das vermelhas flores e frutas!... Era um prazer sentar-me sob o caramanchão, e balançar-me nas cadeiras verdes ou nos balanços de corrente que pendiam de travas, como nos parques de diversão, e juntar as pernas, firmá-las para trás, jogar o corpo para a frente e quase tocar o pé de lima. Outra diversão era bulir com o louro para vê-lo repetir dá o pé louro, louro quer café, louro quer angu... e vê-lo balançar o seu corpo gritando os nomes das crianças: Teté, Inhinha, Isis, Hélia... Era uma risada só. Que papagaio sabido e querido por todos nós era aquele! Mas se o tio estivesse com o chambre de seda marrom e um lenço na testa e deitado no canapé da saleta, nesse dia, ninguém falava nem brincava.

Todos respeitavam a sua dor de cabeça. Nós, crianças, também, falávamos baixinho e não demorávamos em sua casa. Porém, que prazer sentia quando ele convidava a todas nós, crianças, para um passeio na caminhonete com a tia Alice! Íamos a lugares interessantes, mas, de tudo, do que mais gostava era quando divisava plantações, riachos e chegava ao açude da fazenda do Rio Claro, passado o cemitério da família que me proporcionava uma acelerada batida do coração.

Quando por ali passávamos, havia um silêncio geral e um grande esforço meu para não aparentar temor. Mas ali, naquele pequeno lago, o interesse era ver os jacarés, ou os ovos deles, que eu procurava distingui-los.

A curiosidade era para ver se havia jacarezinhos e o medo era vir um pai ou mãe jacaré, pois diziam que os jacarés chocavam com os olhos e corriam para morder os curiosos que os fossem olhar. Havia outros momentos prazerosos que o tio proporcionava. Eram os passeios à fazenda da Cachoeirinha, onde podia ir à represa natural tomar banho e ao pomar. Porém, mais feliz ficava quando escutava o som do piano que a prima Hélia tocava. Antevia os momentos de encantamento com a família. Não só dali do pomar se ouviam os sons harmoniosos, mas de toda a colina que circundava a fazenda, pois as ondas sonoras chegavam ecoando nas pedras, nas árvores, no cafezal.

Que esplendorosos sons! Se estivesse no pomar, não andava, corria para chegar à sala de visita a tempo do sarau familiar. Aos saltos, contornava o moinho, saltava as canaletas de pedra que se direcionavam para o moinho, atravessava o antigo terreiro de pedra, do tempo dos avós, onde o café secava e o Tião (o Nego para os primos) estava, quase sempre, com um rodo repassando-o, saltava o córrego de ruidosas águas cristalinas que passava espremendo-se por entre os pedregulhos, perto da antiga tulha, antes de fazer uma paradinha no lago dos patos e cair em burburinho pela pendente.

Em vez de passar pela cozinha, dava a volta pela cobertura, onde estavam, impreterivelmente, os carros de bois descansando da viagem chorosa pelos caminhos de barro e os cavalos arreados, balançando a sua calda, soprando-se para espantar alguma importuna mosca azul, à espera de começar o rápido galopar com o seu dono.

Todo esse corte de caminho era para alcançar mais depressa o alpendre, onde, ao chegar, me sentava em um banco, pois, ainda que tivesse usado atalhos, ficava cansada. Fechava os olhos para acalmar a respiração e a ansiedade e melhor apreciar os

acordes. Depois, calmamente, entrava na sala em que a família estava reunida e a prima dedilhava com rapidez as teclas brancas e pretas e, rapidamente, movia as páginas apinhadas, verticalmente, à sua frente.

Que diferença eram para ela aquelas notas das que eu tocava, exercitando-me ao piano: dó ré – mi fá – sol –lá – si. , dó-fá--lá-sol.... mi-sol. etc.

Que monótonas me pareciam as horas dos meus exercícios no piano! Só quando eu dedilhava a valsinha que, em segredo, ensaiava para a festa do grupo escolar, os momentos eram mais prazerosos. Porém, os sons que ouvia, quando a Hélia tocava, eram agradáveis. Era um prazer ouvir a melodia!

Mas a alegria maior sabia que estava para vir. Era sempre assim. Depois de a prima tocar piano, em uníssono, pediam ao tio Monte que cantasse as cantigas napolitanas.

Depois de algumas recusas e insistentes pedidos de todos, ele se levantava e, de pé, com a elegância que lhe era peculiar, com uma voz vibrante cantava: *Il sole mio*... e *Torna sonriente*, entre outras canções. Não entendia o que diziam as palavras, mas a música, a voz e a elegância do tio me fascinavam. Ele era como um artista de cinema.

Assemelhava-se a eles. E foram esses momentos musicais do convívio familiar que marcaram a minha vida e me despertaram para a inebriante sedução que a música me proporciona até hoje.



Ester Abreu Vieira de Oliveira e suas amigas Maria Ruthe, Ester Nonita, Mariazinha, Natália e Wayne,
Fonte: Acervo da autora



Colégio de Muqui

Na década de 1930, para atender à sociedade local, por iniciativa do Sr Inocência Constâncio da Silva foi criado um educandário, mais tarde chamado Colégio de Muqui, que terá um professor e diretor que proporcionará um futuro brilhante para esse educandário onde para ali muitos alunos que estudavam com minha mãe, em sua escolhinha no Entre Morros, nessa década, foram realizar os seus sonhos profissionais, ali estudando, no Bairro boa Esperança, como também, jovens de vários municípios do Espírito Santo, internos ou externos.

A fama do colégio, pelo ensino e pela ordem, promoveu e hospedou a Primeira Olimpíadas Escolares no interior do estado, movimentando toda a cidade, que soube acolher os jovens das várias delegações esportistas

Em 1953, passando o educandário para a Ordem dos Agostinianos Recoletos, Dr. Dirceu, deixou a direção e foi seguir a carreira política. Hoje, sua existência está nas recordações dos que ali cursaram o ginásio, o científico ou o Curso Normal.

Ali, cursei o Curso Normal e o 3ª e 4ª ano ginasial, pois os dois primeiros foram no RJ, nos Santos Anjos.

Tenho gratas recordações dos professores do Colégio de Muqui. O Dr. Dirceu era diretor e dava aulas. Com ele aprendi um pouco de biologia. Sua técnica de dar aula eram explanações animadas sobre o tema que desenvolvia e depois vinham as sabatinas, que nos faziam sempre estarmos atentas às aulas e em dia com a matéria.

Do curso Normal sou muito grata ao Professor Carlos Lugon, pelo estímulo que dava aos alunos para redigir textos. Após cada aula, determinava cinco minutos, assim dizia, para o desenvolvimento de um tema. Recolhia os textos dos alunos e na aula seguinte devolvia-os, destacando os melhores. Tinha sorte. Frequentemente o meu era lido e ele levava elogios a meu pai. Era meu orgulho.

Uma grande alegria eram para mim os sábados, para ir assistir às apresentações do Grêmio Literário "Euclydes da Cunha", e era um momento de extrema vaidade desfilar marchando pelas ruas da cidade, nas apresentações do colégio e com entusiasmo cantar o hino do colégio. Nunca me esquecerei de como orgulhosa e fortemente unia-me a todos com "Vibram clarins/ Rufam os Tambores". Por isso compus o poema "Colégio de Muqui".

Colégio de Muqui no passado
Fonte: Acervo da autora



COLÉGIO DE MUQUI

Vibram os clarins...
Rufam os tambores...

O hino se ouvia de antigos adolescentes:
Vibram os clarins...
Rufam os tambores...

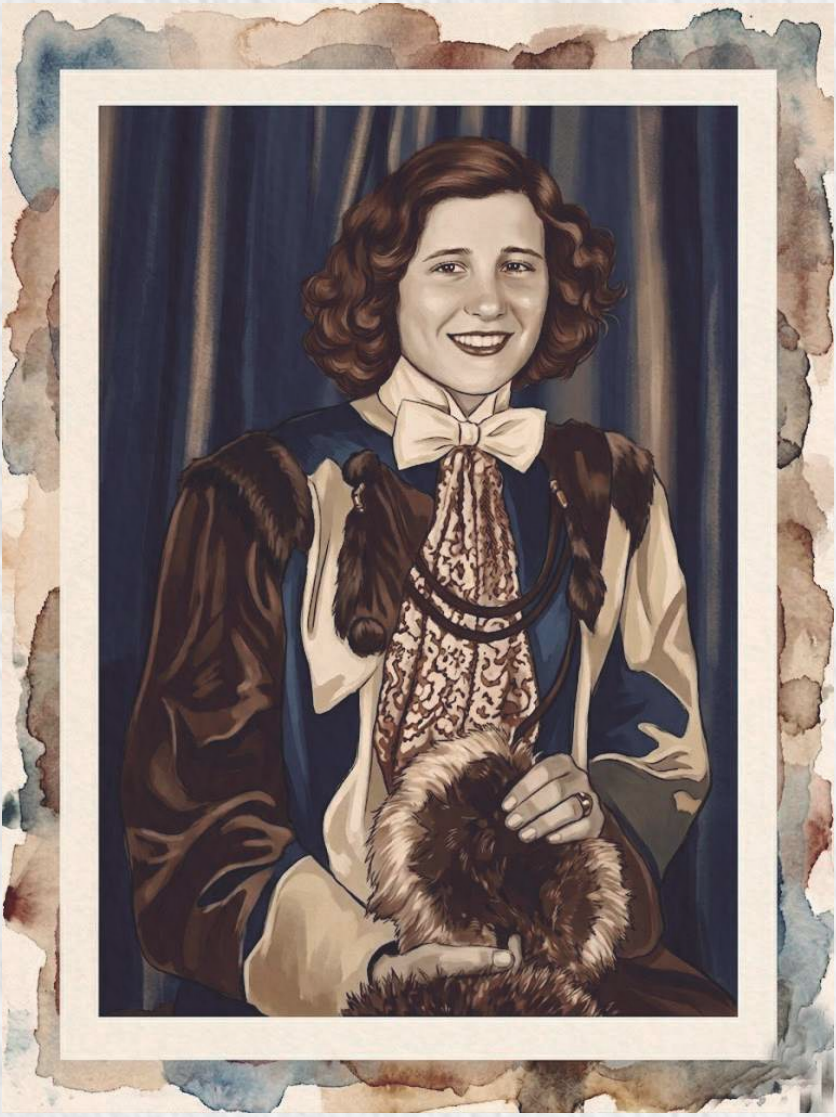
De pé,
à expectativa de glória,
vozes ansiosas,
agudas dos clarins,
graves dos tambores,
ecoavam
nas gigantescas, pesadas
corcovas circundantes,
escuras nuanças
a recortar o azul.
Pensava ter desterrado
Dos clarins o vibrar
Dos tambores o rufar...
Mas
Ei-los que entram
Uníssonos,
Diferentes,
Em mim
e... se vão ali,
docemente dormir.
Estrelas e rios os olhos lançam.
Soluços trêmulos do peito partem.

O hino ainda se ouve:

Vibram os clarins...
Rufam os tambores...

- Montanhas, -
linhas e massa sob o azul cristal,
mastodontes eternos, dormidos -,
ouvistes esses brados?
Montanhas, contornando cristalino ar –
por que não protegestes com vosso ferruginoso escudo
o abafar dos clarins?
Onde estão os ecos das vozes dos risos,
dos cantos dos clarins... e dos
tambores de outrora?

Se há silêncio,
se o eterno é tristeza,
o que move essa alegria ?



Festa de formatura do Normal - Noite de gala - Ginásio 1949
Fonte: Acervo da autora



Festa de formatura do Normal - Noite de gala - Ginásio 1952
Fonte: Acervo da autora



Ester Abreu com o Dr. Dirceu Cardoso
Fonte: Acervo da autora

Ester Abreu e colegas de Formatura
Fonte: Acervo da autora



CASA PATERNA EM MUQUI

Oh que saudade que tenho
De minha casa paterna!...

Era verde, verde e limpa
Florida e alegre.
Tinha um grande pomar
De brincadeiras cheio
Por onde passavam os sonhos
De correrias de cowboys,
Tomisques e índios...

Onde os gritos e os saltos dos tarzans,
Amedrontavam as mães.
Onde se ouvia os cantos
Das haitianas janethes e dorotis
Com colares de melão
folhas de mangueira presas com espinhos
das doces laranjeiras.

Onde as festas de batizados
com padres, padrinhos e cozinhados
terminavam em algazarra.

Oh que saudade que tenho
Do piquepique que –será
Da cobra cega cambaleante
Dos cantos de roda

Do anel entre um animado riso
passando na palma da mão.
Oh que saudade que tenho
Da minha casa paterna
Onde o voo dos colibris
E assalto dos sanhaços
Movimentavam o verde.

Onde o canto do sabiá
Dos coleirinhos graciosos
E do canarinho amarelo
trinando na janela...
Misturavam ao ruído
Da mãe na costura.

Oh que saudade que tenho
da jaqueira assombrada
Das janelas batendo
No sobrado ao lado...
Das pulsações decorrentes
Do medo das assombrações
Das mulas sem cabeça
Que na Quaresma deixavam
Seus cascos de pecado.

Oh que saudade que tenho
Do apito do trem
Do cheiro que deixavam

Das janelas que acenavam
Do estremecer do chão.
Oh que saudade que tenho
Do rio cheio de peixe
Dos banhos no quintal...

Oh que saudade que tenho
De minha casa paterna!..
Onde meu pai declamava
Poesias de Portugal
E do condoreiro Brasil.
Montava no seu cavalo,
Voltando com o embornal cheio
De cajus, sapotis, cambucá
Trazendo o cheiro da terra.

Oh que saudade que tenho
De minha casa paterna!..
Onde a mãe ensinava
Rezava e costurava
Mãe Cinica contava
Histórias de reis
Rainhas e princesas
Nesses momentos de paz.
Ah! Que saudades que tenho!...



Casa e quintal de Ester Abreu em Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora

Maria da Penha (Mãe), Cornélio (Avô), Adorila e Cinica (Avós de Ester Abreu).
Fonte: Acervo da autora



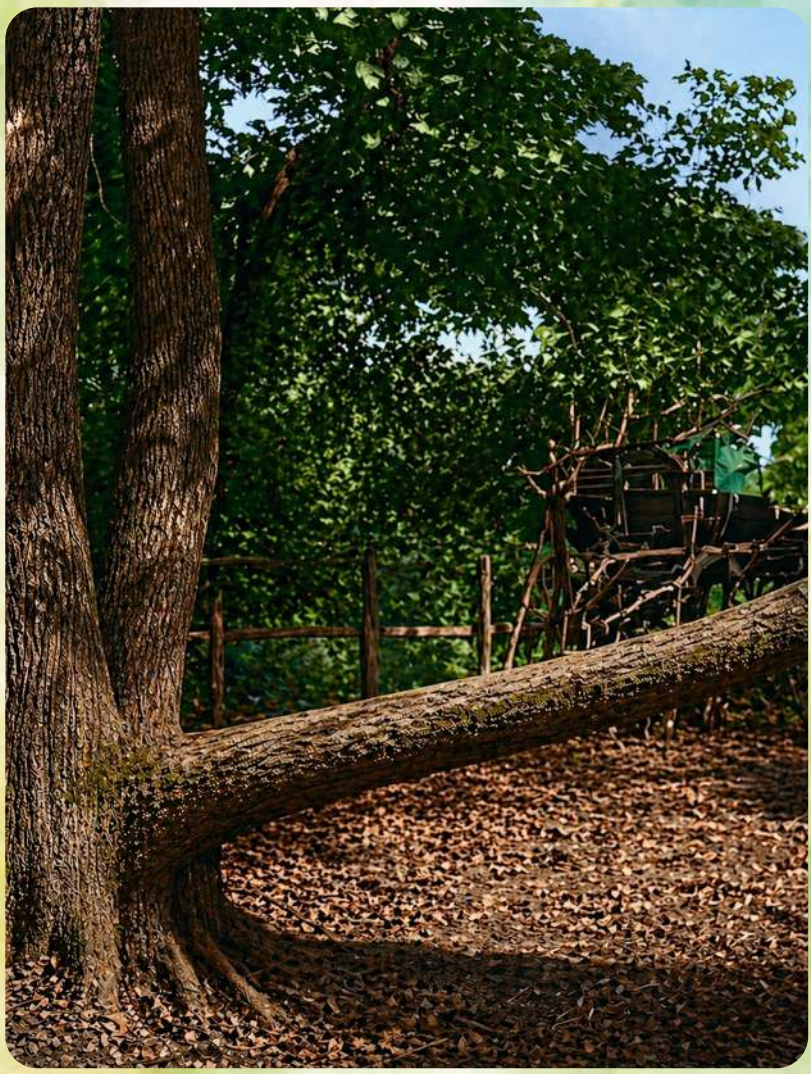
Clóvis Vieira, irmão de Ester Abreu
Fonte: Acervo da autora



Casa de Ester Abreu em Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora



Quintal da casa de Ester Abreu em Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora





O ciclo das águas e a seca do rio Muqui

A água foi o fator decisivo para a vida surgir e se desenvolver na terra. Ela tem, nas forças da natureza, a responsabilidade pelo seu ciclo. Esse precioso líquido é distribuído, na Terra, por três reservatórios principais: o oceano, os continentes e a atmosfera. Entre eles existe uma circulação contínua, o chamado ciclo da água ou ciclo hidrológico, responsável pela renovação da água no planeta, que se inicia com a energia solar, responsável pela evaporação das águas dos rios, reservatórios e mares, bem como pela transpiração do planeta.

Cerca de 71% da superfície da Terra é coberta por água em estado líquido. Aproximadamente 97% do total desse volume, estão nos oceanos. Quase 2% da água do planeta está no estado sólido, nas enormes massas de gelo, nas regiões próximas aos polos e no topo das montanhas.

Em março de 2007, o *Le Monde* noticiou a advertência de especialistas sobre o aspecto climático: "A escassez de água, problema que afeta bilhões de pessoas, pode ser triplicada como consequência do aquecimento global".

Koichiro Matsuura, diretor-geral da Unesco, alertou que a escassez da água e a rivalidade que ela provoca também ameaçam a paz e a eliminação da pobreza, obrigando-nos "a procurar uma repartição mais eficaz e igualitária desse recurso essencial". E, segundo dados da Unesco, uma em cada quatro pessoas no mundo não tem acesso a água potável e 40% da população mundial não dispõem de serviços de saneamento básico. O Grupo Intergovernamental de Estudos sobre Mudança climática (GIEC) afirma, cate-

goricamente, que até 2100 haveria um aumento de 1,8º C a 4º C na temperatura média do planeta.

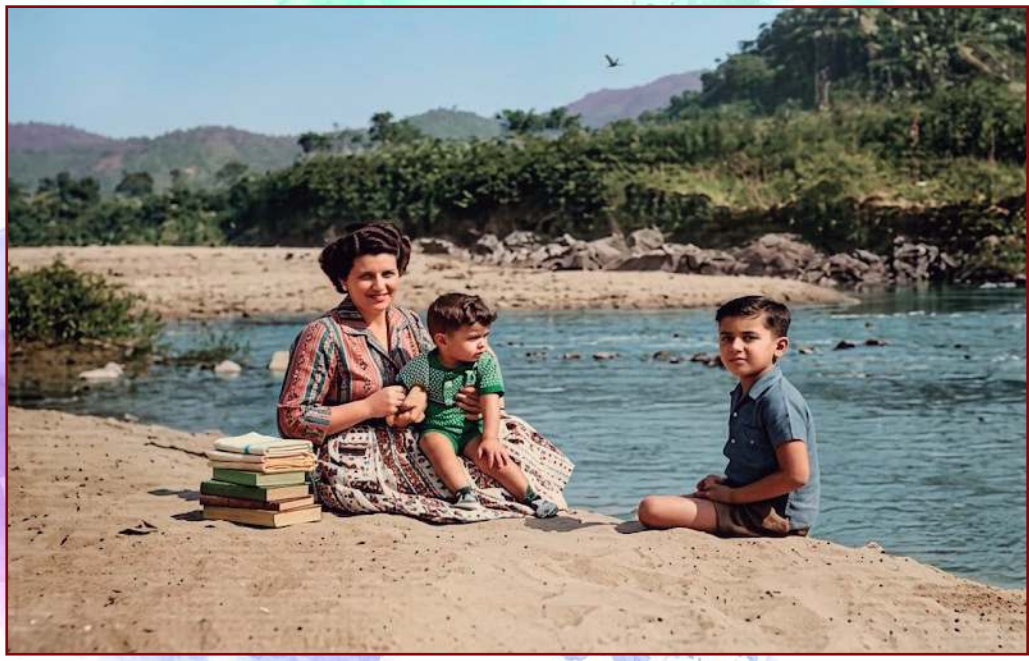
Essas notícias e as que a gente ouve ou lê dos noticiários me fizeram pensar em meus contatos com a água e no meu conhecimento sobre ela. Assim começarei pela maior quantidade de água, a que fez parte do meu cotidiano, no fluir contínuo, no fundo do quintal de nossa casa, e a que conheci em um verão passado em Marataízes: o mar.

Certa vez de Muqui saímos para passarmos as férias na praia. E, nós, crianças, sonolentas, em um trem que saiu de Cachoeiro de Itapemirim, chegamos no então vilarejo de Marataízes, ao anoitecer. Fomos para uma pensão onde estavam hospedadas dona Catília e suas filhas (nessa época não havia hotéis em Marataízes).

De madrugada, acordei com minha mãe nos chamando para vermos, da janela do quarto, um barco iluminado que desaparecia no horizonte e o sol despontando. Respirei forte, aspirando um novo cheiro: o da maresia. Vi pontos de luz que se moviam em uma grande extensão de cor cinza-clara. E minha mãe nos disse: é o mar. Depois, com a luz do sol, vi que a água era azul, que se movia muito e que, ruidosamente, batia na areia. Como se diferenciava das águas cantantes que corriam no rio do quintal de minha casa! Lá, na prainha, brincávamos de índios e de outras brincadeiras e nos banhávamos jogando-nos água ou batendo os pés e, lá, meu pai pescava lambaris e traíras!...

O ruído do mar era mais forte do que o das cachoeirinhas dos córregos da fazenda. Como o mar enchia o ar de cheiro e sons! Como brilhavam suas areias ao sol! Como a minha pele se queimava, avermelhava-se, descascava-se, nos dias em que estivemos perto do mar!

Quando entrávamos no mar, era só na beirinha, onde morria a água. Só íamos mais fundo quando meu pai nos levava e nos colocava sobre uma câmara de ar que subia e descia obedecendo ao movimento das ondas. Ah! Embalada pelas águas e sob a proteção de meu pai, não tinha medo. Minha mãe ficava saltando, mas mais perto da praia.



Lourdes Abreu, seu filho Flávio e Clóvis Vieira, irmão da autora
Fonte: Acervo da autora

Um dia choveu, quando estávamos dentro da água. Com medo, corri para dentro da pensão para proteger-me. Pois se as águas do rio, que passavam no quintal de nossa casa, subiam e iam, às vezes, até perto da escada da cozinha, imagine, pensava, aquela quantidade bravia de água! Até onde iria. Contudo, surpreendeu-me o acontecido: aquela imensidão de água não aumentou com a chuva.

Na primeira manhã em que fui ver o mar de perto, provei da água. Era salgada mesmo, como minha mãe me havia dito. Havia muita água e tanta! Mas não podia ser tomada. Tinha sede, mas aquela imensidão de água não acabava com ela. No entanto, a água que, no sítio do meu pai, na Cachoeirinha, antes de ir para a várzea de arroz e mover o moinho, caía das bicas, improvisadas por grossos troncos de bambus, podia ser tomada com as mãos em conchas

ou em folhas côncavas de taiobas. Era branca como pérola, risonha. Ela corria no meio da verde folha, molhava-nos os pés, o rosto e umedecia a nossa roupa. Era fresca e agradável. Sem grandes estardalhaços, beneficiava a todos.

Depois desse meu rudimentar conhecimento do mar, fiquei sabendo que um outro mar e mais salgado que o de Marataízes havia. E, lá, nada podia viver. Quem não soubesse nadar poderia entrar em suas águas sem medo, sem necessitar de alguém que o protegesse ou de boias para se apoiar. Nele nada afundava. Ele ficava perto de onde Jesus nasceu. Em suas águas havia tanto sal que nem peixe, nem algas, nem camarão, nem nenhum ser vivo conseguia viver ali. Era o Mar Morto das águas mais salgadas da Terra. Ali, em Marataízes, pelo menos, refletia, viam-se muitos peixes, os quais eram trazidos, em grandes barcos, pelos pescadores. Eram grandes os peixes. Maiores que os que eram pescados no nosso rio. Eram maiores que as traíras que meu pai pescava no rio que passava pelo quintal de nossa casa.

Para o local dos pescadores, ia com meus pais e minha irmã, às vezes, com as coleguinhas da pensão, ver a chegada das canoas. Ficava na direção da igrejinha, à esquerda da pensão. Perto havia umas grandes pedras, onde as águas batiam e desciam cor de leite. Era um lugar perigoso. Minha mãe não gostava de que fôssemos ali. Uma vez, em uma de nossas idas até lá, quase que minha irmã escorregou para dentro do mar.

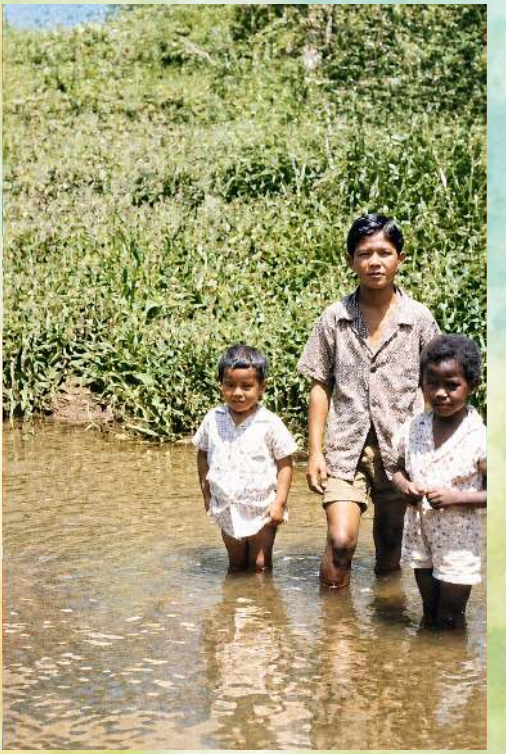
Nesse meu despertar para os conhecimentos marinhos, numa rudimentar oceanografia, fiquei sabendo que o sal das águas do mar era produto de deságue das águas dos rios e das chuvas, durante um longo percurso de milhões de anos. A chuva formou cursos de água que iam dissolvendo, lentamente, as rochas nesses períodos geológicos. Nelas o sal comum é encontrado em grande quantidade. Esses cursos de água desembocavam no mar. Como todos os rios correm para o mar, este ficou com quase todo o sal. Que curioso me pareceu esse processo de assimilação! E mais: o sal veio da terra e o buscamos no mar!

O rio Muqui passava tranquilo por pomares. As pendentes amoreiras brindavam-lhe sombra e tranquilidade em seu curso. Ele,

por sua vez, refrescava as mangueiras frondosas, as copadas jabuticabeiras e as esgalhadas goiabeiras, em seu contínuo percurso em direção ao seu copular com o Itapemirim, como seu último grande afluente, antes da desembocadura deste no Oceano Atlântico.

O rio Muqui não era como outros rios que se mostravam pelo cento da cidade exibindo as suas águas. Não, ele era um rio íntimo dos moradores. Não era de muitas pompas. Passava no fundo dos quintais. Em dias de chuva, como as de março, ele crescia mais afoito para buscar as amarelas ou avermelhadas goiabas. Era a enchente dessas frutas, que ele nos anunciava com um forte cheiro de terra molhada, característico de suas cheias.

Clóvis Vieira, Pedro João Vieira e Bicó (Cornélio Abreu)
Rio Muqui, anos 50, Entre Morros
Fonte: Acervo da autora



Também, nas chuvas de novembro, que chegavam acompanhadas de fortes ventos, de relâmpagos e de trovões, ele subia até perto de casa. Nessa ocasião, viam-se, no centro de sua superfície, caules de bananeiras ou touceiras de capim sendo levados pela correnteza. Às vezes, ia sobre essa improvisada embarcação um pato ou uma galinha. Marinheiros clandestinos! Lembrava-me uma viagem em uma jangada.

As águas permaneciam barrentas durante alguns dias. Contudo, o rio que passava por nossos quintais para ir para o outro rio, levando as suas águas corrompidas por nossos quintais para o mar, não era, habitualmente, assim. Seus pequenos barrancos esverdeados e suas praias humildes continham a sua singela correnteza, que, nessa época, não levava resíduos do uso de agrotóxicos, pois se havia lagartas nos pastos, não se colocava esse tipo de veneno. Eu nem ouvia falar disso. Nessas ocasiões, chamavam o Seu Armênio, um indígena de descendência puri, para benzer o local, e essas pragas acabavam.

Para o leito do rio, no Entre Morros, pendiam, de um lado, arvoredos, touças de capim e as árvores de nossos pomares, e do outro, as moitas da verde pastagem, (nessa época, não havia casas, nem a rua de desague dos bois, construída durante a administração do Dr. Dirceu, só uma olaria e um sítio, um pouco distante de nosso quintal).

Ao meio-dia, quando voltava do colégio, eu ia apanhar as piabas, que se escondiam do calor nas pequenas manilhas, que eu punha perto da mangueira, numa curva escavação do barranco, feita pelas águas em dias de turbulência.

O silencioso rio Muqui do Norte, que banhava o nosso quintal, era o mais largo rio que conhecia, antes de ver o Itapemirim. E não tinha pedras. Os córregos da Cachoeirinha, que nele desaguavam, eram estreitos, empedrados e barulhentos. As pedras nos dificultavam tomar banho. Havia alguns poços, mas muito poucos. O maior ficava perto do curral. Era ali que sonhávamos com uma piscina. E para ali íamos todos aos domingos.

Mas, como as águas dos rios têm como destino os mares, não sabia se havia, além do nosso pomar e os dos vizinhos, no percurso do rio Muqui, alteração de comportamento no leito do rio até o seu deságue.

Certo dia, num final de novembro de 1950, aconteceu caírem grossas gotas de água. O céu escureceu e desceu para a montanha. Trouxe consigo impiedosas águas que fizeram deslizar, morro abaixo, pedras, pés de café e outras plantas que chegaram ao rio e o fizeram transbordar.

A precipitação é um fenômeno atmosférico de o vapor de água, formador das nuvens, transformar-se em chuva, neve ou granizo, dependendo das condições climáticas. Esse fenômeno caiu tão forte e repentinamente em Muqui, que inundou pomares, casas e ruas. O aguaceiro provocou a invasão violenta das ruas pela água barrenta, que levava em seu dorso, pontes, objetos e animais domésticos. Tocada pela fúria, a água avermelhada perturbou a ordem da cidade, arrancou encanamentos de água potável de algumas casas, obrigou moradores a saírem de seus lares em busca de abrigo entre os vizinhos solidários.

As chuvas esperadas eram as benfazejas de setembro. Época em que se começava a azáfama no campo: plantio de milho e feijão. As de novembro causavam pavor, pois traziam grossos pingos de água que pareciam marchar, como bons soldados, pelos regos improvisados.

Elas vinham acompanhadas de riscos de luz no céu e dos terríveis trovões. Estremecia a casa. As janelas do prédio desabitado dos Rambalducci batiam. Os coriscos caíam nos pára-raios e amedrontavam a minha mãe, que queimava palha benta, cobria os espelhos e punha toda a família a rezar na sala.

Às vezes, em novembro e dezembro, as chuvas não vinham. Então a procissão passava. Os fiéis rezavam e cantavam pedindo a Deus a dádiva de cair água para revigorar a terra. Havia penitentes que levavam pedra na cabeça. Na frente, puxando os penitentes vinha uma pessoa segurando um estandarte com a imagem de um santo, que, em geral, era a de São Sebastião. Todos esperavam

que viesse a chuva benfazeja para que tivessem uma boa colheita de milho, de feijão e, principalmente, de café, e para que o gado, já enfraquecido com a escassez da erva, pudesse engordar. E foi, precisamente, em um final de novembro que as nuvens desceram e a tromba d' água deixou grandes sequelas na cidade de Muqui.

Hoje não existe a prainha do quintal de nossa casa, nem as amoreiras e nem os pequenos barrancos feitos pelo roer do rio na terra por onde ele passava.

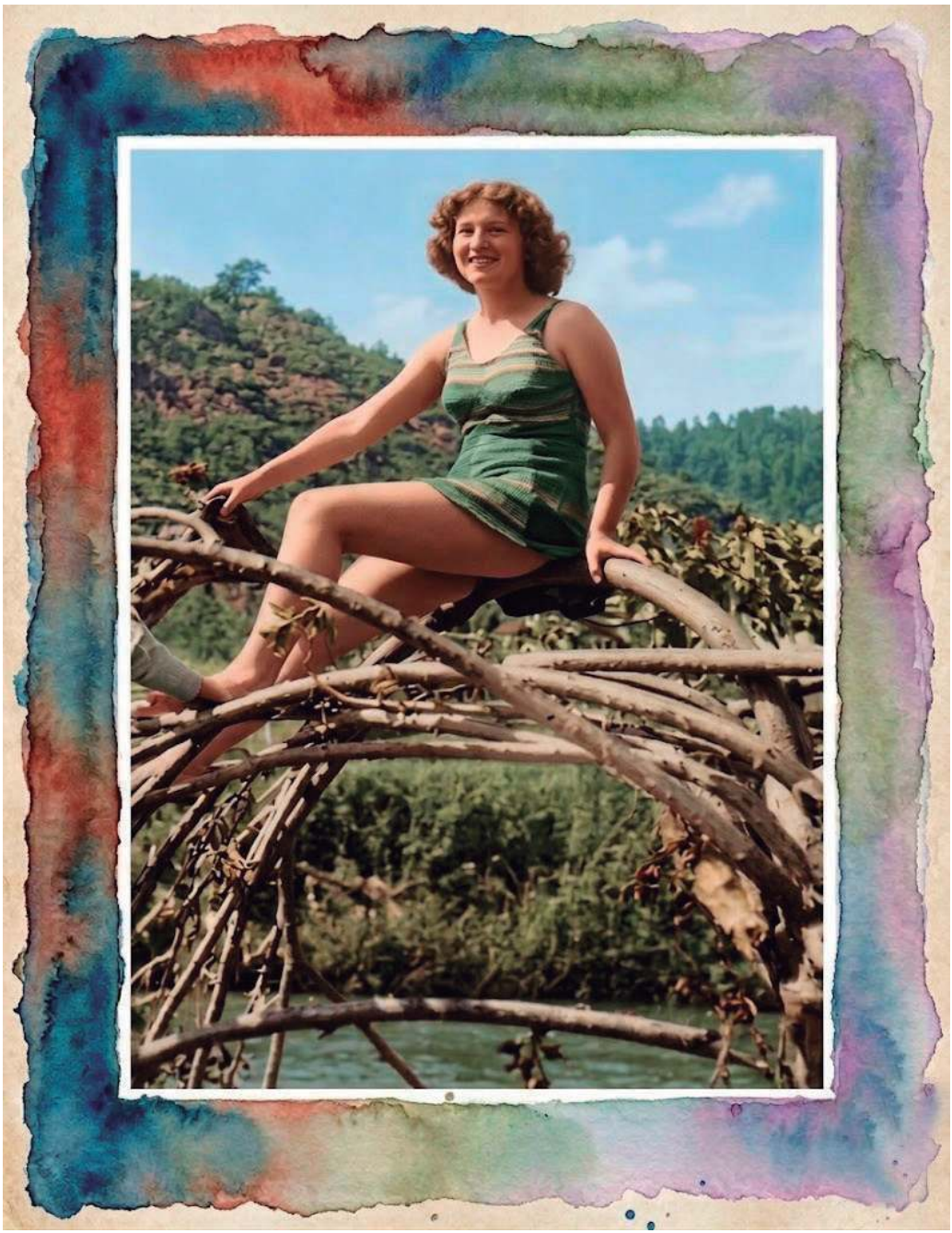
Não mais o rio limita os pomares da pastagem e nem ele fica escondidinho, exclusivo dos moradores. Porque hoje, altos barrancos, alguns feitos pelas obras municipais ou particulares, o espremem e o limitam da rua, por onde transitam pessoas que quase nem o olham, e nem ele as faz sonhar.

O rio não mais proporciona brincadeiras ou sonhos. Ninguém se diverte mais nos banhos e nem mais excursiona pelas cercas de amoras dos pomares vizinhos, pois as suas águas estão sujas de detritos e os barrancos o espremem contra os pomares, dificultando às pessoas a visão das escassas águas escuras.

Agora, as água desse rio são vistas como escoamento para os dejetos. A cidade cresceu sem a preocupação de preservar o rio e o ecossistema. Ele não serve mais para a pesca, como utilitário para a sobrevivência de alimentação, nem para as brincadeiras infantis, dos meninos do Entre Morros.

Pobre rio! Estão matando aquele que foi o mantenedor de sonhos!... Preservá-lo, é, ainda, possível?

Ester Abreu no rio Muqui, anos 50.
Fonte: Acervo da autora





Do carnaval à semana santa

Carnaval, festa popular, que acontece nos três dias que antecedem os dias da Quaresma, tem, segundo os estudiosos do assunto, suas origens nas festas gregas em honra a Dionísio, quando se celebrava as colheitas, ou, ainda, quando havia as cerimônias, de veneração a Apis e Isis, deuses do Egito.

No Brasil dos tempos coloniais, os festejos consistiam em jogar "limões – de cheiro" nas pessoas e, atualmente, não só no Rio e São Paulo como outras cidades, os festejos carnavalescos são revestidos de riqueza com luxuosos trajes dos foliões e ricos carros alegóricos dos grandes desfiles das escolas de sambas. Cada uma procurando brilhar mais do que a outra para receber gordos prêmios.

O carnaval em Muqui de 40 a 50 não tinha o esplendor dos atuais com ornamentais carros alegóricos e movimentos das escolas de samba que caracterizam os carnavais de hoje, mas dele tenho gratas recordações, que me remetem a amigos e familiares.

Nos primeiros carnavais de que me lembro, circulavam pela cidade os poucos carros com algumas alegres pessoas. Entre elas estava O Dr. Mileto Rizzo, o meu padrinho, e alguns de seus companheiros em uma baratinha. Alegres, com seus três passageiros, de capota, do pequeno carro, abaixada, cantavam as marchinhas carnavalescas da época ou as do passado carnaval: "O que que há com a sua baratinha/ que não quer funcionar/ bota esse motor em movimento, filhinha,/ e vamos passear" etc, ou "Nós, nós os carecas/ com as mulheres somos maiorais/ pois na hora do aperto/ é dos carecas que elas gostam mais", etc.

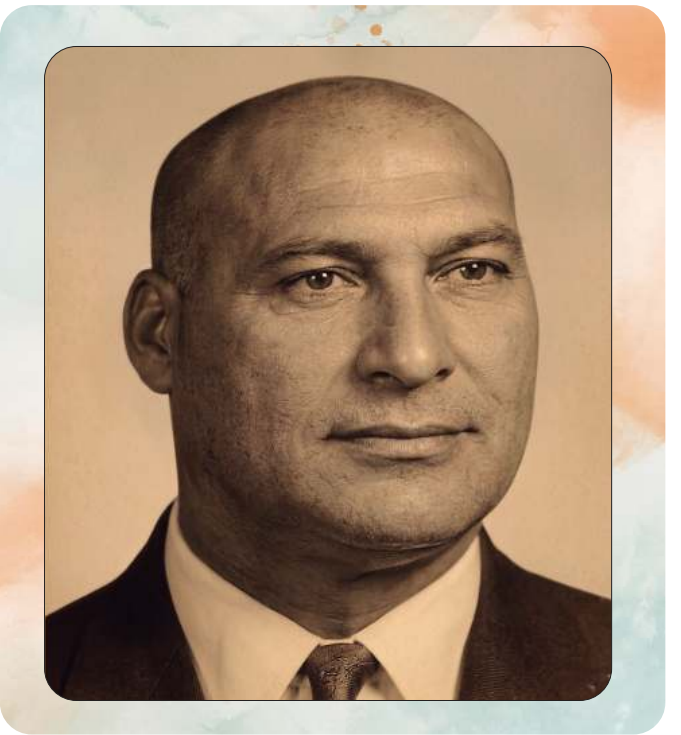
Os alto-falantes da cidade e os rádios tocavam as marchas de carnaval compostas por Noel Rosa, Braguinha, Araci de Almeida, Ary Barroso, Lamartine Babo, João Ribeiro, entre outros e facilitava a aprendizagem das letras pelas repetições. As vozes que mais se destacavam eram a de Carlos Galhardo, Francisco Alves, Dalva de Oliveira, Silvio Caldas, Linda Batista, Emilinha Borba e Orlando Silva. Muitas músicas dessa época se encontram no imaginário popular outras só na recordação de algumas pessoas. As letras da música sempre respondiam a uma situação social. Eram as letras uma espécie de anedota. Para lembrar a guerra, cantava-se: "Olha a cobra fumando/, olha cobra pessoal/, bate palma e pede bis,/ solta fumaça pelo nariz", etc. A letra era uma referência aos expedicionários, pois a Força Expedicionária Brasileira, FEB, havia adotado o emblema de uma cobra fumando, em alusão aos que não acreditavam que o Brasil fosse participar da guerra e diziam ser mais fácil ver uma cobra fumar. "Fui á tourada de Madrid/ e quase não volto mais aqui/ pra ver Peri beijar Ceci", etc., a letra lembrava a Guerra Civil Espanhola.

Letra e ritmo contagiavam todos. Numa marcha havia sempre uma zombaria, como a do gago: "É ou não é / Piada de salão/ Se acham que não é / Então não conto não/ Um sujeito que era gago / Procurou um botequim/ Chegou perto do gerente / Outro gago bem ruim/ E disse assim / Eu estou tô, tô, tô, tô/ Aonde que está, tá, tá / Mas o outro gaguejou/ Chi! Trá, rá, rá, rá, rá, rá, rá" . E a música de um ano se cantava no outro. Algumas só na rua outras no clube. Algumas pareciam inocentes, ridicularizando algum acontecimento, outras traziam uma conotação erótica. "Ó jardineira porque está tão triste/ mas o que foi que te aconteceu/ Foi a camélia que caiu do galho/Deu dois suspiros e depois morreu", etc. , "Chiquita bacana lá da Martinica/ se veste com uma casca de banana nanica", etc,. "Branca é branca. Preta é preta/ mas a mulata é a tal é a tal ", etc. ., "O teu cabelo não nega mulata/ porque és mulata na cor,", etc. "Você pensa que cachaça é água/ cachaça não é água não/ cachaça vem do alambique/ E água vem do ribeira", etc. ,"Gafanhoto deu na minha roça/ comeu, comeu toda minha plantação" etc.; "Alhah...lá ô...ô...ô/ mas que calor, ô..ô/

Atravessamos o deserto do Saara/ o sol estava quente / queimou a minha cara", etc, "Se você fosse sincera/ôôô Aurora/Veja só que bom que era", etc, "O balancê, balancê/ quero dançar com você/ Entra na roda morena pra ver/ o balancê, balance", etc; "Um pierrô apaixonado/ que vivia só cantando/ por causa de uma colombina/ acabou chorando, acabou chorando", etc, "Taí eu fiz tudo pra você gostar de mim, etc ", "Eu sou o pirata da perna de pau/ de olho de vidro da cara de mau". E mais outras marchas: Cadê Zazá, Linda Margarida, Daqui não saio, Marcha do remador, Maria Candelária, Máscara negra, Me dá um dinheiro aí. Sassaricando, Tem nego bebo aí, Turma do funil, Abre ala e outras mais.

À noite, esse grupo de homens alegres se unia com o grupo comandado por Dona Catília para dar maior alegria à Rua Vieira Machado, a principal rua da cidade.

Dr. Mileto Rizzo, prefeito de Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora



À tarde, do domingo e da terça-feira, de boa Esperança e Entre Morros e ou da entrada da cidade pela Rua Vieira Machado, vinham grupos batendo latas e panelas. Ouvia-se o toque de improvisados pandeiros ou tamborins e depois chegavam os foliões. Eles vinham com máscaras ou meias de seda cobrindo a cara de mulheres que se travestiam de homens e de homens, que se travestiam de mulheres. Os Blocos Sujos passavam pelas ruas cantando e fazendo pilhérias, mexendo com uns e outros. Ocultos da cara real os fantasiados adquiriam coragem para brincar. Quase sempre junto com esses blocos vinha o boi pintadinho, com uma roupagem de chita acompanhado da mulinha. O grupo de criança vinha seguindo o cortejo: "oi boi, oi boi pintadinho"

Mas era à noite que para lá e para cá, da Rua Vieira Machado, do percurso do cinema até o jardim, passavam casais observadores ou blocos com idênticas fantasias que, frequentemente, traduziam o tema da letra de uma marchinha atual. Assim podia ser como a roupa de jardineiro ou de toureiro, ou de pirata. De mãos dadas, em geral, fazendo a cobra, jogando confetes e serpentinas coloridas e cantando as marchas do momento, os grupos percorriam a rua de lá para cá. Mas não se esqueciam de cantar "Mamãe eu quero mamá".

Alguns rapazes traquinos assustavam algum passante distraído jogando em seu braço ou pescoço o jato frio de um lança perfume. Ouvia-se um ai, ui, acompanhado de sorrisos. Depois que o Noturno passava e o Expresso, o calor da rua diminuía para esquentar os salões. Para o salão da Municipalidade, perto da estação, iam os da "elite " da cidade. Lá funcionava o clube da *society*. Em círculos saltavam e cantavam os foliões sob o efeito das músicas tocadas por um grupo de músicos de fora, em geral de Campos. Um ou outro casal, conforme o ritmo, se unia para uma rodada no salão. No término do baile, já de madrugada, como dando uma pausa, era o mais frequente cantar, numa preparação para o encerramento da festa a marcha "Está chegando a hora/ o dia já vem raiando, " etc e, em seguida, a música de Noel Rosa, "A estrela d´Alva no céu desponta/ e a lua anda tonta com tamanho

esplendor/ E as pastorinhas pra consolo da lua/ Vão cantando na rua lindos versos de amor". Mas para finalizar, fazia-se uma homenagem a então capital do Brasil, Rio de Janeiro cantando "Cidade maravilhosa/ cheia de encantos mil/ cidade maravilhosa/ coração do meu Brasil". Porém, havia outros bailes com foliões mais humildes. Lembro-me de um baile, que havia em um casarão, onde hoje está a sede dos correios, perto do Hotel Santa Terezinha, o chamado Baile dos Pretos, de extrema animação. Lá não havia blocos carnavalescos, mas uma ou outra pessoa, com uma roupa mais destacada que, aos pares, dançava.

O ápice do carnaval era no 1º. dia e no 3º. O 2º. não era muito animado e o comércio abria as suas portas. Na Quarta-feira de Cinzas, pela manhã, muitos que haviam pulado alegremente nos dias de carnaval iam à igreja receber a cruz de cinzas na testa, marca de que o tempo era outro: o da penitência e o do recolhimento até o Sábado da Aleluia. Era o início dos 40 dias da Quaresma, época em que as crianças iam dormir sem que os pais mandassem. Elas temiam ouvir à noite o bater dos cascos da mula sem cabeça. Dona Maria, nossa vizinha, dona de um bar, lhes dizia que ela ouvia esse temeroso animal passar correndo pelo Entre Morros e que era o resultado do castigo que Deus dava à mulher sacrílega que se havia unido a um padre. Meu pai nos repreendia e nos proibia ouvir as histórias que dona Maria nos contava e que muito nos atemorizavam. Queria acreditar no meu pai, que para mim era o mais corajoso dos homens, mas meu coração à noite estremecia. Cobria a cabeça com medo de ouvir o maligno tropel, já que a janela de meu quarto dava para a rua. Mas eu não dizia à minha irmã e às colegas que tinha medo para elas pensarem que eu era corajosa como meu pai.

Durante a Quaresma, na igreja, seu Antenor, o sacristão, cobria os santos dos altares com um pano roxo e deixava os altares despidos de flores. À noite das sextas-feiras íamos acompanhar a Via-Sacra ou *Via Crucis,* ("caminho da cruz"), o trajeto seguido por Jesus Cristo carregando a cruz que vai do Pretório de Pilatos até o monte Calvário. Em cada parada, ou seja, em cada Estação,

Padre Pedro recordava o sofrimento de Jesus e fazia uma meditação na sua dupla linguagem de espanhol-português. Eram 14 paradas. Começava-se com Jesus, condenado à morte, carregando a cruz, as caídas, o encontro com sua mãe e com as mulheres, o socorro que lhe deu Simão Cerineu, sua crucificação, morte e descida da cruz. Comovia-me ver Jesus cair e estar ensanguentado e perceber o auxílio que lhe deu Simão Cerineu. Mas me repugnava a atitude fraca de Pilatos, seu lava mãos. Reprovava essa atitude. Das idas à igreja, o momento agradável era o da espera de iniciar a cerimônia. Pois, na frente dela estavam os melhores momentos. Lá corríamos, brincávamos de pique, comíamos coquinhos, se houvesse, descíamos e subíamos as escadas. Só temíamos sentar e nos aproximar do poste da esquina direita, pois lá, com certeza, receberíamos choque elétrico.

Durante a Quaresma, mamãe não nos servia carne. Só peixe. Eram tanto os pequenos pescados no rio, fritinhos, quanto os comprados vindos de Marataízes, também fritos, como minha mãe gostava, e bacalhau com batatas ou outro peixe salgado.

Na Sexta-feira Santa, não se devia pescar, pois poderia receber um castigo que podia ser a pesca de uma botina velha. Também, nesse dia, de recolhimento total, não se podia varrer a casa, nem correr, nem brincar. A suspensão de carne por um tão extenso período não agradava meu pai, que fazia zombaria. Ele como caçador, principalmente de pacas, que gostava de suculentos bifes, se irritava com essa restrição.

Na Sexta-feira Santa os sinos não tocavam só as matracas convocavam os fiéis para as cerimônias religiosas. O silêncio dominava a cidade. Silenciavam rádios, alto-falantes, apitos de trem e sinos. Os espelhos lá de casa eram cobertos por minha mãe e por Mãe Cínica. Às três horas da tarde, muitos afluíam à igreja para ouvir o sermão das Três Últimas Palavras de Jesus, hora de grande emoção. Quando os Agostinianos compraram do Dr. Dirceu o Colégio de Muqui, papai, que, para desespero de mamãe, não ia muito à igreja, ia lá para ouvir o sermão do Padre Gastão, o diretor do Colégio de Muqui, brilhante orador.

À noite, a procissão do Senhor Morto saia da igreja para percorrer a Rua Vieira Machado. Hora de grande recolhimento. As Filhas de Maria de branco e com véu branco em fila seguiam depois das crianças da irmandade de São Tarciso, antes do andor com o Senhor Morto levado por vários homens. Atrás iam as mulheres usando roupas e véus negros e os homens de terno e chapéu. Contritos, caminhavam, mas o momento de grande emoção era o encontro com as mulheres, principalmente, quando, Verônica, cantando, vagarosamente, desenrolava o sudário que trazia reproduzida a imagem sofrida e sangrenta de Jesus, com uma coroa de espinhos. Vinha vestida com longas vestes brancas. Quando mostrava o prodígio de Jesus, vinha-me um aperto na garganta que me sufocava e meus olhos se enchiam de lágrimas. Em geral, a voz suave que se ouvia era a da professora Wandyra Ferreira.

Era dolorosa a espera até o meio dia do Sábado de Aleluia. Frequentemente, esquecíamos a triste celebração e éramos repreendidas por algum ruído que fazíamos. Mas o meio-dia chegava. Na rua, no poste, o Judas era queimado. Ruídos dos rojões se ouviam. Na igreja as filhas de Maria e os Marianos cantavam o "Glória a Deus". Seu Antenor tocava loucamente o sino ecoando por toda a cidade, os sininhos dos coroinhas trinavam dentro da igreja, impregnada de incenso, e o trem passava apitando fortemente. Os santos dos altares apareciam com todo o seu resplendor. Era a vida que continuava com o silêncio quebrado. Os sorrisos se estampavam nos rostos dos devotos e o ar das casas era invadido pelos perfumes saborosos que vinham das cozinhas provenientes das carnes temperadas e ou das que estavam sendo assadas e o cheiro açucarado e acanelado dos doces. Era a preparação para o Domingo de Páscoa. Os espelhos podiam refletir a nossa imagem e os santos, destapados, sorriam e nos olhavam com benevolência. À noite o clube recebia os jovens e os casais e a música convidava os pares a rodopiarem pelo salão. De madrugada, íamos à procissão da ressurreição, mas, nessa hora, o número de fiéis era menor. No café, havia ovos cozidos coloridos e, no almoço, era o banquete que mamãe proporcionava: leitoa assada, frangos e doces, em compotas e pudins. Assim, com a alegria do Domingo de Páscoa, terminava o período que ia

do festivo Carnaval até o do recolhimento contrito da Semana Santa, para que a vida corriqueira recomeçasse.

Alegorias Dia de Muqui, ES
Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Muqui, ES



Um copo d'água que frustra...

Olhos miúdos, carinha de lua cheia, pele morena, fala macia, bigodinho sorrateiro, barriga redonda, meu tio Alcino chegava montado em sua mulinha parda. Vinha da Serra da Morubia.

Desmontava calmamente e entrava em casa dirigindo-se para a cadeira de balanço onde ia tirar o seu cochilinho. Não sei como suas gordinhas e curtas pernas sustentavam um corpo roliço e uma cabeça tão fértil de sonhos! Começava o jogo de bisca e, com sua fala macia, meu tio envolvia o seu interlocutor com

casos, conquistas amorosas ou projetos mirabolantes financeiros e de casamento. Seus parceiros não sabiam se acreditavam ou não, mas acolhiam os relatos com certo ar brincalhão.

O quixotismo político, amoroso e econômico que esse senhor de meia idade, proprietário de uma grande e ex-abastada fazenda, na época, sufocada pelas hipotecas, descrevia aos amistosos jogadores, cujo único pagamento era "ganhei", deixava-os com um sorriso de superioridade como o de um adulto acolhendo um relato de uma criança. Foi em um dia de sol morno e abafado que se deu o imprevisto acontecimento aconteceu, quando parou, diante de nossa casa verde, florida e modesta, um caminhão com andarilhos ciganos. As crianças se esconderam debaixo da cama com medo de serem levadas por essa nômade raça, medo que se incutia, nessa época, nas crianças.

Da boleia do caminhão, dirigido por um robusto homem de chapéu, bigode e lenço no pescoço, desceram duas ciganas vestidas de saia comprida de seda, de diferentes cores, com um lenço colorido cobrindo seus longos cabelos, entrevistos pelas ornamentais tranças que pendiam pelo peito até a cintura, pediram água e começaram a prosear.

Eram mãe e filha. Foi, naturalmente, para esta que o meu tio, amante do belo e da juventude, dirigiu o seu olhar, saindo lá de dentro de sua soneca vespertina costumeira.

Alta, com uma blusa rosa de decote redondo com franzidos nos ombros, com um lenço verde de seda na cabeça que lhe acentuava o negro das tranças que bifurcavam o seu colo, adornado de colares de ouro, descalça, com o tornozelo direito adornado com uma correntinha de ouro, gingando as cadeiras ao andar e movendo a colorida saia, a jovem ciganinha entrou na sala como uma rainha ou princesa oriental, sentou-se nas austríacas cadeiras e começou a conversar, seduzindo o viúvo, com a sua beleza, juventude e elegante postura.

Conversa puxa conversa, ela teria alguma coisa para dizer a meu tio sobre o seu futuro, mas secretamente: poderia retirar todo o mal que lhe adviria; porém para isso necessitava, estar dentro de um quarto e de portas fechadas.

Em verdade o que pretendia a ladina jovem era embaucar o senhor que lhe comia com os olhos para levar alguma vantagem nessa sedução, além dos réis combinados entre o senhor e a mãe.

Meu tio entrou no quarto com o coração palpitando, pois antevia os prazeres que poderia obter daquele corpo juvenil com um pouco de dinheiro. Depois de alguns momentos, enclausurada com o meu tio, a jovem pediu-lhe que buscasse um copo de água, pensando que poderia ficar no quarto alguns momentos e aproveitá-los para levar alguns desses objetos que se espalhavam na habitação e que, agilmente, ela os recolheria e os esconderia em seus grandes bolsos internos da saia. Porém meu tio, acomodado e lento no andar e agir, acostumado a nada fazer, gritou pedindo-me que levasse água. Por essa a linda ciganinha não esperava e saiu rápido sem tomar a água quando eu a levei, e com um olhar colérico sobre mim. Como um vendaval, saiu do quarto, deixando o meu pobre tio com o queixo no chão.

Lentamente, o frustrado Don Juan saiu do quarto, desapontado como o caracol que deixa o seu esconderijo para ver a luz, e foi até onde estava a mãe da ciganinha e o bigodudo e forte cigano entregar os trocados combinados para a leitura da "buena dicha".

Vista parcial de Muqui, ES
Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Muqui, ES



Assombrações e perfis

O homem tem a possibilidade de criar imagens entre o que vê e o que ouve, de crer que existe algo que permanece, de criar bases para estabelecer atitudes subjetivas, seja diante da morte ou, ainda, da vida.

Em sua vaidade, evoca a fugacidade do tempo e o fim inevitável para produzir imagens visionárias. A ameaça da morte, a fragilidade da vida, já foi inspiração de artistas romanos que modulavam esqueletos no bronze de taças de beber ou os desenhavam no mosaico de uma casa: carpe diem.

O visionário tem a opção do Bem ou do Mal. O que não se vê, o que faz parte do Além aparece com uma luz menos confiante, torna-se pendente da imaginação. O pensado ocorre por meio da representação com valor de conceito, retirando seu movimento próprio do pensamento das coisas representadas.

Dizem que as visões se originam num cérebro inteligente. Elas são impulsos de procedência extraterrestre. Confesso que nunca fui testemunha de aparições do Além. Pode ser que eu esteja incluída no meio desses cérebros não privilegiados. Essa deve ser a razão de os meus esforços místicos não alcançarem o êxito desejado, durante a minha adolescência, quando olhava fixamente para o altar para obter alguma comunicação celestial. Ou, ainda, deveria ser o motivo de, ao cavalgar por lugares ermos em matas, apreensiva com os ruídos abafados, temendo ver algum espírito comunicativo, como costumava ouvir nas histórias, ouvir os pios de pássaros, ruídos de insetos e de folhas movendo-se, ou ver pálidas e sombrias folhas das imbaúbas ou das

palmeiras tremulando ao vento. Ou, ainda, quando, ao passar pelas cruzes do caminho ou pelo ermo cemitério, onde repousavam os espíritos familiares, apertando o passo e me benzendo, não ter sido testemunha de aparições.

Então, os tantos "causos" escutados, que existiam pessoas que se diziam capazes de presenciar visões que ora vêm assustar os homens, ora avisá-los ou curá-los, aniquilá-los ou reafirmar o seu amor, ou, simplesmente, visitar os parentes ou rever objetos queridos, transformando a vida em acontecimentos singulares como os que aconteciam em Comala de Rulfo, não eram verdades? O fato é que as notícias desses acontecimentos misteriosos se espalham e prosperam e vão perdendo a veracidade. Mas o que Mãe Cinica nos contou sobre uma assombração na fazenda da Cachoeirinha, nas terras de meu avô, é verdade pela pessoa criteriosa que era. Assim foi.

Na casa de uns colonos, as coisas caíam, atiradas por misteriosos seres invisíveis. Nada ficava quieto em seu lugar. Incrédulos, meu avô e seu irmão, acompanhados de alguns amigos (os compadres), foram à casa, que ficava perto da linha de ferro (claro que, como sempre, nessas ocasiões, há testemunhas oculares do fato). Mas a visita que fizeram à casa assombrada, que já o pároco havia ido benzer, teve drásticas consequências pelas suas atitudes desrespeitosas, pois, à medida que a assombração lhes atirava laranjas, mexericas ou linguiças, rindo escandalosamente, eles pediam mais e riam do invisível atirador. Em uma de suas solicitações irreverentes , um foi jogado sentado da cadeira da sala para o terreiro, e o outro, do pilão. Mas existe uma aventura assombrosa que marcou, de forma indelével, minha infância. E, para contá-la, rememorarei uma manhã repleta de sol e de ansiedades.

A casa já havia sido arrumada. O sol despendia seus raios sobre a verde copa das árvores do pomar e fazia sua radiante entrada na sala e nas gretas do telhado da cozinha, que cheirava a doces e carnes assadas. As conversas pipocavam pela casa, derramavam sobre a mesa do café matinal e chegavam ao quintal, ao jardim e aos quartos recém-varridos. Cedo, todos, adultos e



Muqui antiga, vista parcial do centro
Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Muqu, ES

crianças haviam pulado da cama. Era uma alegria geral pela expectativa da chegada do tio Plínio e de sua esposa, Maria. Era bonito o tio. Alto, elegante, alegre. Sua altura de mais de um metro e noventa fugia aos padrões da família. Era um dos filhos mais jovens da terceira esposa de meu avô, ou o vigésimo e tanto filho de meu avô, o coronel Pedro João.

O noturno apontou a sua fumaça na curva do Entre Morros, nesse dia, pontualmente, às onze horas, e o repetitivo apito repercutiu em nossos corações. Quando a locomotiva passou por nossa casa, o maquinista começou a tocar o festivo sino, pois já se aproximava da estação, e, dos vagões, se viam os acenos e os rostos sorridentes debruçados nas janelinhas. Pulávamos e gritávamos de contentamento, acenando para os conhecidos e desconhecidos. Mas a grande surpresa dessa manhã aconteceu quando o motorista Sr. Aladim, em seu fordeco, o único carro de aluguel da cidade

(nessa época não se usava dizer táxi), parou em frente de nossa casa e dele desceu o meu tio, acompanhado de uma moça lindíssima. Alta, morena, de longos cabelos pretos, olhos grandes brilhantes e negros, sorriso fácil e com um jeito chiado de falar, diferente do que estávamos acostumados a ouvir! Os acréscimos sedutores e romanceados começaram a aparecer nos vários comentários que os adultos faziam. Tinha quinze anos.

Era a caçula de uns severos pais portugueses que não queriam o casamento de sua filha não só por ela ser jovem, mas também por ser a morada do moço muito distante, pois, naquela época, de Muqui ao Rio eram muitas horas de cansativa viagem.

Esse meu tio de tudo entendia um pouco. Era viajado, pois sempre estava no Rio, e lia muito. Discutia sobre educação e criticava os erros ortográficos que havia nos textos dos jovens. Eu, de minha parte, estremecia quando me pedia para ver meu caderno, pois temia as suas severas avaliações. Foi ele o primeiro a trazer, para a cidade, mudas das laranjas seletas, que só se adocicavam com a aproximação do verão.

No quintal, a plantação dessas laranjeiras, que, rapidamente, produziam, mas fora da época habitual local, foi motivo de admiração familiar, já que só havia grandes laranjeiras que, com seus doces frutos, brindavam os mais rígidos paladares em maio, na entrada do inverno.

Era um pomar que ia da casa ao rio. Era convidativo e proibido em épocas especiais. Cheio de proibições para nós crianças, que tínhamos de usar vários artifícios para saciar os nossos desejos. Enormes mangas espadas e carambolas pendiam das árvores ; jabuticabeiras generosas pontilhavam os seus galhos de negras frutinhas, abios pincelavam de um sedutor amarelo o verdor dos ramos, romãs abriam-se em sorrisos tentadores. Era esse lugar um convite para as crianças, em suas ocultas buscas das saborosas frutas em apressadas corridas, para não serem vistas. Lá, num cercado, ficavam as galinhas e, solto, um lindo cachorrinho branco e preto, felpudo.

Certo dia, quando ele começou a babar e a rodopiar, chamaram o meu pai, impedindo a entrada no quintal das curiosas crianças. Num conclave, o meu tio resolveu, para o bem espingardalar o pobrezinho.

A casa de meu avô era grande e possuía uma varanda lateral na entrada. Ficava entre um jardim, uma horta, onde havia um coqueiro e um pé de pinhas, e um pomar de variadas árvores frutíferas. Bem perto da sala de jantar e da cozinha, havia um enorme cajazeiro. Na sala de entrada da casa, com sofás e poltronas de vimes recobertos por confortáveis almofadões, havia um consolo com objetos de porcelana e um guardachapéus e guarda-chuvas, onde ficavam, também, as bengalas de meu avô, com enfeites de prata. Desse ambiente, passava-se para as outras dependências da casa. Uma escadinha de uns cinco degraus levava para o outro plano da casa, onde, depois de passar pelo escritório de meu avô, sempre fechado, e pela porta do quarto de minha tia madrinha, havia uma sala mais luxuosa para visitas e o quarto que tinha sido de meu avô.

Meus tios dormiam num quarto amplo, perto da grande sala de jantar, no primeiro plano, quase perto da cozinha e de um espaçoso e completo banheiro.

Certa noite, minha tia apareceu em minha casa pedindo para dormir lá. Os olhos lindos se agrandavam e o costumeiro sorriso apagara-se. Trêmula, dizia que lá na casa de meu avô não mais dormiria, pois estava mal-assombrada.

À noite, meu avô vinha caminhando do seu escritório, passava pela sala de jantar e chegava à cozinha. Não houve meio de meu tio acalmá-la. Seus argumentos eram rejeitados. Meu pai, corajoso como sempre, demonstrava incredulidade, mas disse-lhe, para tranquilizá-la, que iria ver a assombração.

No outro dia, ao anoitecer, munido de uma lanterna, foi para a casa de meu avô e levou a espingarda. Lá para as onze horas, chegou a assombração: pom...pom...pom...

Ruídos de passos, acompanhados de bengala, partiam do escritório que tinha sido de meu avô, seguiam a rota da cozinha em

direção ao quintal. Meu pai subiu no forro da casa e viu a assombração. Não era uma, mas várias: eram gambás que apanhavam cajás e os levavam rolando até o quintal, em direção à beira do rio. Fugitivos, como as crianças, eram tocados pela mesma sedução: as apetitosas frutas. Mas meu tio não teve mais remédio senão ir morar no sítio, pois, para a minha tia, a casa estava mal-assombrada

Casos e causos

Os mistérios sobrenaturais, os fenômenos que não podem ser explicados pela ciência, como aparições, lugares mal-assombrados e espectros falando ou movendo-se, costumam provocar um fascínio e certo temor nas pessoas. Mas sempre há alguém com quem aconteceu alguma história de sustos e visões ou que ouviu falar de casos assombrosos. O Ser humano tem, em suas histórias, procurado questionar o sobrenatural e documentá-lo na literatura oral ou escrita, em prosa ou verso, com baladas, canções, romances, lendas e em numerosos "causos", cuja veracidade o narrador procura confirmar.

As histórias de assombração sempre exerceram um grande fascínio, porque elas abrem uma janela para um mundo fantástico que às vezes está muito próximo de nós e podem surgir até no escuro do nosso quarto de dormir... Em minha infância, como costuma acontecer com quase todas as pessoas, ouvi muitas histórias fantásticas narradas por parentes, serviçais, amigos e vizinhos. Os causos, narrados pelo meu avô Cornélio Abreu, por exemplo, eram a princípio impactantes, mas terminavam sempre em riso, pois era ele o protagonista do medo, que depois revertia em ato de coragem. Uma dessas histórias trata de uma viagem que em Minas teria feito, montado em uma mula, acho que de Muriaé a Manhumirim, ou por aquelas bandas, atravessando uma floresta.

Esses animais são fortes, mas extremamente teimosos, quando assustados. No caminho por onde passava meu avô, havia

só uma réstia de luar e, em determinado momento, a mula empacou e ele não conseguia movê-la. Num movimento da folhagem divisou um esquife atravessado no caminho, com as bordas brilhantes de fitas contornando-o. Ficou apreensivo, mas como a mula não prosseguia, voltou para casa.

De manhãzinha, assim que clareou, voltou ao local do acontecido e descobriu o porquê de um caixão estar abandonado na estrada. Quando lá chegou, verificou que o esquife era uma tora iluminada pelo fogo fátuo. Com essas histórias e outras ele nos acalmava o medo. Pois sempre há uma justificativa científica, segundo ele, para o que se vê, e nos atormenta, devido à nossa fantasia.

Nas tardes de nossa infância, no Entre Morros, saíamos com nossos pais caminhando pela estrada de rodagem ou pela estrada de ferro até que aparecessem as primeiras estrelas e pudéssemos ver as estrelas cadentes, contá-las sem apontá-las para que não nascessem verrugas em nossos dedos. De algumas estrelas e ou constelações aprendíamos os nomes: Cruzeiro do Sul, Três Marias, Via Láctea, e, se havia luar, procurávamos ver o cavalo de São Jorge.

Casa de meu avô Cel. Pedro João Vieira Machado
Fonte: Acervo da autora



Corríamos, ríamos e conversávamos. Depois brincávamos de roda, de pique, de escravos de Jó, de anel e de cobra cega. Também podíamos escorregar pelos declives da beira linha, nos pastos que ladeavam a estrada, em uma folha de palmeira enquanto os meninos se dedicavam a soltar pipas. Eram todos como uma só família... O limite de nossas brincadeiras para nós era a casa do Seu Salvador que ficava na confluência do rio Muqui, como numa ponta de um triângulo. Do lado direito, dentro de nosso conhecimento geográfico local da época, em direção à estrada que ia até Conceição de Muqui e às fazendas da Gironda e da Aliança, entre outras.

Ás vezes, em nossa caminhada, seguíamos até o monte de palha de café do moinho da família (brincadeira proibida), ou íamos à fazenda do Entre Morros, na época, propriedade do tio César, onde podíamos ver uma variedade de pássaros no viveiro e comer frutas diversas. Às vezes nos dirigíamos à casa do seu Gaspar. não prosseguíamos, pois depois estava o cemitério familiar e o açude da fazenda do Rio Claro, os mais temíveis lugares. Do lado esquerdo desse triângulo, o caminho que levava a Mimoso e às fazendas da Cachoeirinha e Santa Rita que íamos, frequentemente aos domingos, com nossos pais.

O término mais comum de nossos passeios vespertinos era a casa da Loló, por onde passávamos para ouvir música ou cantarolar, enquanto ela tocava piano, e a casa dos Berilli, onde dona Iolanda e seu Elisio, mesmo em sua lida no mercado, mostravam alegria e atenção e podíamos brincar com seus filhos. às vezes eles nos contavam casos de sua terra, a Itália.

Seus filhos eram nossos companheiros de folguedos. Foi em uma brincadeira de pique que fiquei presa em uma corrente elétrica, por ter posto meu dedinho dentro da tela do galinheiro eletrificado. E todos os que me foram tirar ficaram presos. Foi uma risada só de dona Iolanda quando viu a meninada presa. Nesse dia mamãe havia ido ao cinema e eu fui deitar-me em sua cama, toda dengosa, com meu dedo machucado, até que ela chegou. Mas ela não riu nada.

Em frente de nossa casa se concentrava a maior folia das crianças: pulando corda, brincando de peteca, de pique, de Tomic,

de perseguição de índios, de tei..tei.. e de roda. Mas depois, cansados, íamos para a casa de dona Maria, conhecida como Maria de seu Fernando. Ali ouvíamos histórias de mula sem cabeça, de lobisomem e de outros temas sobrenaturais.

Mas depois que seu Mino Lugon veio morar na casa central, à beira linha, uma das construções dos Rambalducci, que servia de entroncamento entre ruas, ouvíamos narrações assombrosas, "verídicas", sempre vividas por ele.

Seu Mino, antes de abrir o seu comércio nessa casa, tinha um estabelecimento, em frente à fazenda do Entre Morros e tinha sido tropeiro. Logo, tinha viajado bastante pelo interior de Muqui e tinha visto muitas coisas estranhas. Contava-nos das vezes que pela madrugada ouvia o assobio do Saci e das tretas que ele fazia com a tropa: trançava a crina e os rabos dos cavalos, espantava as mulas, dando-lhes muito trabalho para acalmar os animais. Eram muitas e variadas as tretas que o Saci pregava nos tropeiros.

Seu Mino nos falava dos enterros que via, em noites ou madrugada, e de pessoas acompanhando o esquife chorando e depois desaparecendo em uma curva; de grupos de pessoas que passavam rezando e sumiam em seguida; de avisos de uma morte súbita que alguém recebia, de janelas batendo, de tilintar de um sino badalando por si mesmo, de pancadas que alguém ouvia três vezes antes de morrer, entre outros relatos fantásticos ocorridos com alguém de seu conhecimento ou com ele mesmo. Tinha medo, mas me perguntava: "Será verdade?. Como duvidar de uma forma de narrar tão séria, de um homem sério, pai de família exemplar e trabalhador?"

Com as histórias de mortos que vinham assustar os vivos e/ ou avisá-los de um perigo ou de morte na família, ou conversar com o vivo, arregalávamos os olhos e nossa voz paralisava e depois, quando íamos para casa, íamos como pintinhos quando vão dormir, bem juntinhos um dando coragem ao outro... Se o medo ao fantástico paralisa e faz fugir, os causos, que saem da boca desses singelos contadores, estimulam a nossa curiosidade para ouvi-los novamente.

Momento de angústia

Jorge Luis Borges escreve, quando o narrador abarca um mundo no Aleph, que "Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham como transmitir aos outros".

Como se num Aleph eu mirasse um incêndio na Estrada de Ferro Leopoldina, em Muqui, no Entre Morros, dele quero falar, apontando o angustiante infinito momento, porém, se minha memória falseia, devido ao afastamento temporal em que o real existiu, desculpem-me.

Fogo, chamas, labaredas, incêndio.... O coletivo de fogo é incêndio? Não sei, mas reconheço que o seu fim é trágico. O fogo queima, a labareda abrasa o incêndio devassa. Mas o fogo, em si mesmo é benéfico, porém trás desvantagens. A fumaça irrita os olhos e prejudica os pulmões. Pode queimar a pessoa e os alimentos e pode o ambiente ficar infestado de doença num local fechado em reunião de pessoas.

Mas o fogo vem seduzindo o homem. Conforme sua intensidade traz devaneios. Ele aconchega as pessoas durante o inverno e sara as feridas. O homem sempre dele necessitou para proteger-se à noite e cozer os seus alimentos.

Conta a lenda que o mito grego, Prometeu, considerado o defensor da humanidade, furtou o fogo de Héstia, a virgem da família, a responsável pelo agradável aquecimento da lareira, para dá-lo aos mortais que puderam aquecer-se e alimentar-se com melhores vantagens. Zeus, temendo que os mortais adquirissem poder que suplantassem aos deuses, o puniu, deixando-o amarrado em um rochedo por todo o sempre e todos os dias uma águia vinha comer o seu fígado. Este se regenerava no dia seguinte.

Segundo Bachelard, em seu estudo crítico e epistemológico sobre o fogo, ele não nasce de um friccionar de elementos, ou pedras, mas do amor. Assim, do conceito desse filósofo, se deduz que o fogo nasce para agradar alguém. As associações que fazem dele com o amor são repetitivas na poética. Ao falar nesse tema, não podemos nos esquecer dos versos em que Camões faz a metalinguagem do fogo: "Amor é fogo que arde sem se ver,/é ferida que dói, e não se sente."

O fogo tem cores diferentes. Suas chamas adquirem a nuança do produto queimado. Assim pode ser azul, vermelho, amarelo, verde, violeta e invisível na queima de um metanol.

Os incêndios são sempre devassadores e cruéis. A História Medieval nos remete a acontecimentos de todo um patrimônio extinguido pelas chamas: castelos, mosteiros, igrejas com obras de artes, documentos e livros.

Ainda, assinalado por crueldade, recordamos o célebre incêndio, provocado pelo Imperador Nero, em Roma, quando mandou queimar os cristãos, fazendo com que os corpos, em chamas, iluminassem seu jardim. Outras desastrosas lembranças são a bárbara destruição da Biblioteca de Alexandria, no Egito, por ordem de Amir ibne Alas, e a queima de livros na Alemanha Nazista, em praças públicas, com a presença da polícia, bombeiros e outras autoridades..

Não só por maldade humana há incêndios, mas podem ocorrer, por fenômenos naturais, como raios, descuidos e por falta de revisão de equipamentos, mas sempre o prejuízo é grande.

Em 21 de dezembro de 2015, em São Paulo, um incêndio destruiu dois andares no Museu de Nossa Língua ou na Estação da Luz, onde tive a oportunidade de um dia, ali, perceber a variedade de línguas indígenas do Brasil e um vasto conteúdo da língua portuguesa.

Em 02 de setembro de 2018, o incêndio no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, destruiu uma grande parte de um patrimônio de 200 anos de história e transformou em cinzas: fósseis, múmias, registros históricos, obras de arte. Du-

rante o seu devastar pedaços de documentos queimados voavam pelas ruas como línguas incandescentes.

Em 17 de abril de 2019, houve um incêndio na Catedral Notre Dame de Paris, templo gótico, de mais de oito séculos, localizado na Ilê de la Cité, dedicado à Virgem Maria, que começou a ser erguido em 1163 e levou 182 anos em sua construção. De certa forma, essa catedral luta e tem lutado pela sua subsistência. Foi poupada pela destruição nazista, durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas durante o devastador fogaréu, as redes sociais mostraram as imagens do incêndio que tornava cinzas documentos, destruía vitrais, esculturas ornamentais e peças do centenário museu. Verem as incandescentes colunas subirem ao céu foi sensível a todos os que assistiam à destruição. Visão *in loco* ou por comunicações on-line trouxe lágrimas. O mundo acompanhou a tragédia nessa famosa catedral, visitada por turistas do mundo todo e lembrada na história, romanceada de Vitor Hugo, em **O Corcunda de Notre Dame**. Nesse templo ocorreram fatos históricos como a reabilitação de Joana D`Arc, a coroação de Henrique IV e de Napoleão Bonaparte. Também ali eram famosas as missas dominicais do meio-dia ao som do órgão de cinco teclados enriquecendo a vida litúrgica. Nesse ambiente musical de cantos, cheiros de incensos um dia fui envolvida pelo mistério do ambiente místico. Momento sublime e inesquecível.

Labaredas incendiárias eu presenciei em queimadas que se faziam para renovar a terra e adubá-la com as cinzas e sanear o campo exterminando lagartas e cobras, numa fazenda onde lecionei. Com essas desculpas colocava-se um cigarro aceso em uma moitinha de capim seco e esse inocente fogo se alastrava e chegava ao bambuzal. Aí era terrível. As altas labaredas enchiam a paisagem de luz e o silêncio do campo era cortado pelos estrondos dos caules do bambu. Eram ruídos, gritos do proprietário com o alastro do fogo inconsequente. Eram dores, sustos, gritos, palavrões. Nesse clima ficava espantada, o coração suspenso e a voz em oração.

O incêndio é terrível e angustiante para quem o sente e ou para os que dele sofrem consequência. Um eu presenciei, mas não tão histórico como os acima citados que destruíram dois importan-

tes patrimônios culturais. Vivenciei um, sim, em minha juventude, numa destruição ocorrida, à beira linha, no Entre Morros, na cidade de Muqui, ES, quando chamas iluminaram a noite e atormentaram vidas. E, como escreveu Borges no Aleph, "nossa mente é porosa para o esquecimento [...] sob a trágica erosão dos anos". Assim, passarei a recontar o fato para que possa reavivar minha memória e a de muitos que do episódio se esqueceu.

Era em uma tardinha, de não me lembro qual mês. Talvez maio, por me parecer, ainda, que a tarde estava meio fria e o dia se ia turvo. Nesse entardecer, um trem de carga descarrilou (assim o identifico, pois havia naquela época trens de passageiros matutino, noturno e misto (carga e passageiro).

O fato ocorreu em uma curva entre um alto barranco e um profundo declive que dava para o rio. Em um de seus vagões, justo onde iniciou o incêndio, havia engradados de água mineral, possivelmente de Raposo, Caxambu ou São Lourenço como era o costume.

Um socorro de Cachoeiro de Itapemirim, num trole, chegou já à noitinha e para melhor identificar o ocorrido acendeu uma lanterna de linha da época (lamparina, chamada) que produzia fogo acendendo-se um fio encharcado de querosene. Mas havia escorrido gasolina de outro vagão e, imediatamente, o fogo espalhou pelo barranco subindo pelo pasto que cobria o morro adjacente.

Eram altas as labaredas. De longe eram avistadas. O real e o imaginário possíveis aconteceram. Um boato de pernas longas percorreu ruas, casas e quintais anunciando que a gasolina que havia provocado o incêndio escorria até o rio e que gasolina e água não se misturam como o óleo e a água, e que toda a cidade iria incendiar-se, começando pela parte beira rio. Correrias e gritos surgiram, acompanhados de choros histéricos. Saídas rápidas de suas casas. Algumas pessoas se dirigiram para Boa Esperança outras para outros lugares que lhes pareciam mais seguros. Rezas. Cochichos: "Toda a cidade será extinta como Sodoma e Gomora" (Bem, nessa época, desconhecia o porquê do castigo e nem conhecia a palavra sodomia). Estremecimento. Pavor. Horas de tormento.

As chamas subiam e estalavam-se, acompanhadas de um estrondo profundo que não parecia com o ruído provocado durante a queimada da vegetação. Não se sabia a causa. O medo aumentava-se. Meu pai sempre corajoso e ponderado não nos deixou que abandonássemos a casa como nos aconselhavam. Ele não acreditava no que ouvia. A calmaria chegou bem tarde da noite quando o fogo foi se extinguindo. Depois, ao passarmos pelo local do desastre, viam-se vidros de garrafas transformados pelo fogo em formas diversas e soubemos a causa do estampido.

Não houve perdas de pessoas, de documentos e de obras de arte, mas um grande sobressalto angustioso sofreu os que moravam no Entre Morros, principalmente, os que mais perto viviam do lugar do incêndio.

Hoje, num recanto da memória, onde só restam imagens, e o tempo tenha confundido alguns detalhes mencionados do trágico acontecimento, por mim presenciado, deixo aqui um retrospecto da visão do primeiro e doloroso incêndio que presenciei.

Prainhas e praias

A prainha que o rio Muqui deixava no nosso quintal era a nossa alegria. Ali víamos a água correr num suave ruído entre as árvores frutíferas de nossa casa e o pasto e as plantações de milho e café.

Recobertos com folhas de mangueiras, adornados com melõezinhos silvestres, para transformarmos em selvagens, jogávamos água uns nos outros e, após o festivo banho, íamos ver as locas de peixes encobertas com folhagens e ali podiam ser encontrados alguns bagres ou pequenos lambaris em grutinhas, recobertas por capim, que fritávamos para o nosso cozinhado (banquete).

Um dia conheci a praia de Marataízes, longa, longa, branca, ruidosa e os grandes peixes que os pescadores traziam em seus

barcos. Tinha uns seis anos. Vendo o tamanho deles comparava-os com os que traziam estampados no vidro do horrível remédio, branco, leitoso, de cheiro forte, Emulsão de Scott, que nos forçavam a tomar: um pescador de chapéu levando um enorme peixe amarrado em suas costas.

Nas areias da praia mais firmes, mais grossas, que as da nossa prainha do rio Muqui, podíamos fazer grandes castelos e as ondinhas do nosso rio eram uma gota d´água diante daquelas águas elevadas que quebravam com fúria na areia e me amedrontavam. Depois, conheci outras praias, Iriri, Copacabana, Leblon e Praia da Costa, até que vim morar em Vitória, um redondel de terra, sedução de "Cidade sol/ de um céu sempre azul" e verdes montes, nas cinzentas e silentes atalaias, onde o vento brinca em mover o inerte e as águas indóceis chocam em robustas rocas, porém ilha de poucas praias.

Então, íamos à praia do Canto ou Comprida de mais fácil acesso, pois podíamos ir de bonde e, às vezes, à de Santa Helena ou à de Suá.

Após o alargamento da ilha por aterro, íamos à prainha da Explanada do Suá, hoje desaparecida, mas adornada por belos edifícios. Também podíamos ir à deserta, extensa e clara praia de Camburi. Ali podíamos fazer pique-nic. Divertindo-nos durante todo o dia. Ou à prainha da Ilha do Boi.

Mas as citadas praias de Vitória, no decorrer de cinqüenta anos, modificaram-se, e a sua irmã continental, praia de Camburi, muito se transformou também.

Se de um lado o natural permanece nas inquietas águas reluzentes e brancas areias onde o mar expele as alvas espumas; do outro lado, os homens edificaram suas casas elevando-as para o céu, com cores e formas variadas. Calçadas cercam as brilhantes e elevadas águas que sulfistas se equilibram.

Algumas palmeiras inquietas flexionam-se, vencendo a brisa, desnudando-se, como a saldar os esportista que caminham, correm, vão e vêm em bicicletas ou patins.

Ao longe, os barcos que vêm de mares distantes marcam a tri união de água, céu e terra. Acolá, valentemente, em rítmicas

braçadas domina o mar, com flexíveis braçadas um nadador solitário e algumas velas balanceiam pelas intranquilas brisas.

Mas, ainda resiste movimentada de noite e de manhã, nas terras ilhenhas, um resíduo do que foi a Praia Comprida e do Canto, é a Praia da Curva da Jurema. Porém, a prainha do rio Muqui do Sul não mais existe, pois no fundo do quintal de nossa casa o rio tornou-se uma vala de um lado e do outro, uma rua surgiu com um significativo casario e movimento.

A morte ronda a tigela no silêncio da casa

O jardim, a brisa move as margaridas e as faz bailar. Para lá e para cá, suas cabecinhas brancas se movimentam para se encontrar com as violetas e inebriar-se com seu suave perfume. Dois beija-flores estridentes ora pairam diante das moças-velhas, ora entram no quarto e se multiplicam no espelho da penteadeira. As avencas fresquinhas se inclinam da janela colorida pelas pendentes e variadas orquídeas na tentativa de unir-se com as palmas dos lírios de São José.

No pomar, a parreira, as amarelas e cheirosas mangueiras, as caramboleiras e jabuticabeiras protegem as aves do sol. Os altos beribazeiros e cajazeiro apontam para o céu suas frágeis ramas. As goiabeiras lançam para o rio suas amarelas frutas para alimentar os piaus.

No interior da casa, o silêncio de pós-almoço ressona suave nos quartos. Passo pela sala, rodeada de negras cadeiras austríacas com seus assentos de finas e trançadas palinhas, para chegar à sala de jantar onde, junto à pesada e grande mesa de madeira maciça, está um comprido guarda-louça.

Através dos vidros, sempre limpinhos, posso apreciar, mais uma vez, a boneca de louça de minha irmãzinha, a louça arrumadinha e a linda tigela francesa, onde o azul-rei se mistura com o ocre, o verde, o vermelho e o amarelo, em perfeita harmonia.

Entre as peças de fina porcelana, ela se destaca por sua leveza, brilho, colorido e história. É uma espécie de relíquia. Como gosto de olhá-la! Disseram-me que a mãe da minha bisavó a trouxera na mão de longe, muito longe... Era um presente de sua madrinha.

Parada, ali, ofuscada a minha vista pela luz que da janela entra, ressalta as multicores e dá às louças vizinhas um brilho especial, imagino os caminhos percorridos por uma frágil mulher que, delicadamente, segurava um carinhoso presente nessa cavalgada para a nova morada onde seria Muqui.

A mata virgem.... Os trechos, inteiramente silvestres, nos quais apenas floresciam macacos, papagaios e arapongas... As pedras maciças, negras – arroxeadas, cobertas de um vivo verde, que os viajantes tinham que contornar!... O vento soprando forte nas verdes folhas das picadas... Os córregos, rios, brejos que, forçosamente, a cavalgada tinha que atravessar em seu percurso de sudeste para nordeste.

O andar lento dos burros carregados de baús. Um cavalo trotando, escorregando ao cruzar um córrego... Sobressaltos e mais sobressaltos tinha uma mulher pequena, sentada de lado na sela feminina, de passadores de prata, com a perna esquerda semiesticada e com o pé calçado em um sapato-estribo de prata, com bico fino, como o de Aladim, e com uma fivela dourada, segurando a brida e com a perna direita apoiada na cabeça do silhão!... Socada com a andar do cavalo, segurava essa amazona, delicadamente, uma tigelinha... Trazia os cabelos pretos presos em um coque e cobertos por um chapeuzinho preto, para proteger a tez clara do sol a pino. Um cavalo baio branco, com cauda e crina prateadas, com metade do ventre coberto pela ampla saia que roçava os capins angolas, molhava-se nos riachos e se adornava com os picos mais salientes da beira da picada. A mão direita segurava o freio e a esquerda, meio erguida, equilibrava, delicadamente, como um cálice sagrado no momento do ofertório a tigelinha colorida. Quanto

susto levava em algum pequeno tropeço do cavalo em uma pedra! Quanto estremecimento tinha, meu Deus, quando a cavalgadura escorregava na molhada grama ou corria um pouco mais? Esses e outros pensamentos mais me surgem naquele instante que estou parada ali.

Essa peça de cristal me atraía, também, quando, nos dias de festas ou visitas importantes, ficava cheia de doce de leite com ovos, de doce de coco com ovos, de ovos nevados, compota de laranja-da-terra, de figo, de pêssego ou de goiaba, baba de moça, creme de milho verde recoberto de canela, creme de cajá, chuviscos, doces variados que comíamos, acompanhados de um queijo fresquinho (queijo verde) feitos por minha mãe.

Abri a porta do móvel, mas, ao mesmo tempo, ouvi a voz de minha mãe ralhando-me: "Não mexa aí. Fecha a porta. O que você perdeu aí? Vai procurar um serviço, menina". Que ouvido sensível! Como ela percebeu?

Fecho a porta de vidro e me dirijo para o quarto de minha avó, Mãe Cinica. Lá estavam meus tios, Genésio e Zeca, os irmãos dela. Uma vez por semana, eles vinham visitá-la. Em geral, aos sábados. Enquanto um conversava com ela, sentado na cama, o outro, na cadeira de balanço, cochilava. Este era o tio Zeca, da Fazenda Candura. Era fazendeiro e carpinteiro. Sempre que vinha ver minha avó, dormia na cadeira. Antes, gostava de colocar um pé em cada arco da cadeira e jogar o meu corpo para lá e para cá fazendo mover a cadeira, enquanto cantava: "Tio Zeca foi a missa pra rezar, mas veio aqui pra descansar. Bambalão sinhô capitão espada na cinta ginete na mão. Amanhã é domingo, pé de cachimbo. Galo monteiro pisa na areia. A areia é fina bate no sino. O sino é de prata dá na barata. A barata é de ouro deu no besouro. O besouro é valente deu no tenente O tenente é mofino, deu no menino", só para implicar com ele. Eu balançava e balançava, mas ele não acordava. Sempre pensava, será que morreu? Tinha um pouco de receio dele, pois me disseram que já tinha feito o seu caixão e esperava a morte. Da ideia do caixão eu não gostava, mas não me atemorizava o travesseirinho branco bordado de flores em ponto cheio que ficava no gavetão do guarda-roupa de minha avó,

depois do grande espelho. Parecia até um colchãozinho de minha boneca. Segundo minha tia avó, Mãe Cinica, quando morresse, sua cabeça iria repousar nele. Ele não me dava a ideia de morte e depois pensava que ela nunca iria morrer. Esse travesseirinho me despertava curiosidade. Gostava de olhar e passar as mãos sobre as iniciais e as florezinhas brancas, cheiinhas, entre linhas abertas. Foi Mãe Cínica mesma quem havia bordado as flores e o crivo. Não a podia imaginar morta. Ela era tão amável! De suas mãos vinham os mais deliciosos pudins de ovos e leite. Não se esquecia do aniversário de ninguém.

Nesses dias de festas ia para a cozinha fazer os gostosos pudins e biscoitos. Contava histórias de princesas e príncipes. Da Bela e da Fera; Da Princesa Linda Flor. Da Pele de Burro; Dos vestidos cor do sol e da lua. Da galinha de ouro. De Tristão e Isolda. Dos sete enigmas. De Pedro Malasarte. Do Gato de Botas de Sete Léguas. De Joãozinho e Maria. Eram tantas as histórias de pessoas que tinham uma vida infeliz e depois encontravam a felicidade, que nos contava depois do almoço. Diferentes das suas eram as histórias que papai nos contava à noite de malandragens de bichos. As histórias imaginárias e as narrativas de viagens que ouvia de Mãe Cinica me faziam revivê-las, sentada, escondidinha nos galhos mais altos das mangueiras, principalmente da de manga espada, ou da copada caramboleira que ficava entre a jabuticabeira olho de boi e a verde em forma de pera. Nunca mais vi essas espécies de jabuticabas.

De suas idas a estações de água em Minas e Goiás e passagem pelo Rio, gostava das descrições que fazia do Imperador e da Princesa Isabel. Ficava imaginando a carruagem da princesa pelas suas descrições. Era para mim um mundo de encantamento. Ela sabia qual a melhor erva para determinada dor e tinha, em seu grande quarto, sobre uma mesa, vidrinhos de medicamentos. Eram pílulas miudinhas gostosas e doces: pílulas do Dr. Ross, de bela dona, entre outras que escorregavam disfarçadamente para a minha mão e depois para a minha boca sem a necessidade de tomá-las por ter alguma dor, pois minha saúde não as pedia; nem catapora, nem caxumba, nem dor de cabeça ou febre chegavam até mim.

Mas via meus irmãos e outras pessoas tomando-as e tinha vontade de ficar doente para receber medicamentos, comer maçãs que viriam de Cachoeiro e deitar-me dengosamente na cama de meus pais. Mãe Cinica me dizia que só, quando eu e meus irmãos estivéssemos grandes e minha mãe não mais estivesse precisando dela, é que iria encontrar-se com seu marido e a filha Maria com quem sempre sonhava. Isso para mim iria demorar muito e muito.

Ah! Faltava ainda muito tempo, graças a Deus!Não temia esse acontecimento. Acreditava na continuidade da vida. Quase não se via morte na família nem na cidade . A morte era um acontecimento raro e social.

Toda a cidade se cobria de luto. Quando o enterro passava, fechavam-se as portas e janelas e os vizinhos seguiam o cortejo. Mesmo aqueles que não haviam passado a noite velando, tomando pinga e café.

Havia um retrato da Maria na mesa das mezinhas milagrosas e cobiçadas por mim. Ele ficava perto de uma roliça moringa vermelha Mostrava uma boca fina, um rosto oval, cabelos lisos, partido meio de lado, presos para trás com uma fita, uma pequena mecha cobrindo a parte lateral da testa larga, olhos doces, tristes e firmes. Eu, frequentemente, olhava o retrato dessa moça que havia morrido muito cedo e o reolhava. Era noiva e tinha dezoito anos.

Às vésperas de seu casamento, da janela aberta que dava para o jardim entrou, pela madrugada, uma rajada de vento e chuva. Janela, vento, chuva, flores, respingos de madrugada levaram a única filha de minha avó... Esse quarto até então não havia sido mais ocupado Havia perto da janela dele um antigo e grande pé de minerva rosa, que, quando florido deixava o chão colorido em sua volta. Ele, e os outros arbustos do jardim, um coqueiro, um pé de ciprestes e jasmins deixavam o quarto semiescuro e um pouco úmido.

Saio do quarto de minha tia avó, pois o ressonar de um e a conversa entre ela e o seu irmão não me atraíram, e volto para a

sala de jantar para perto do guarda louça que, como um ímã, hoje, me acenava.

Vejo que a tigelinha está lá, no mesmo lugar de sempre, ao lado da bandeja de prata com as xícaras que foram presentes de casamento de minha mãe...

Minha mãe vigilante, lá da máquina de costura diz: "O que tanto você olha aí? Perdeu o nariz? O que você está fazendo parada, aí, menina? Olha que você está aprontando alguma das suas! Não mexa em nada, porque pode quebrar. Tire a mão da tigela. Você sabe que ela é de sua avó e que ela tem muita história com ela".

Não digo nada. comportamento inabitual. Vou outra vez para o quarto de Mãe Cinica. Aproximo-me da mesa das mezinhas. Volto, olho outra vez para a tigelinha do guarda-louça e penso: ela está aqui mesmo, mas eu vi... Eu vi...

Tenho a certeza que vi essa noite Vi sim. Vi quando uma senhora, não muito jovem, baixinha, com um coque no cabelo, com um vestido preto longo, com mangas compridas e afofadas nos ombros, com renda no peito, vir da cozinha ou do quarto da Maria, parar perto do guarda-louça, abri-lo, olhar o seu interior, como se estivesse procurando alguma coisa e pegar, cuidadosamente, a tigela, rodá-la na mão esquerda e, depois, fechar com a chave, o armário e sair e, devagarinho, com passos miudinhos, ir em direção ao quarto da Maria.

Tive medo e, como estava deitada, cobri o rosto. Ela não parecia com a bela moça do retrato do quarto de minha tia avó, mas tinha dele alguns traços. Agora, para espanto meu a tigela estava ali e não foi levada.

O despertar do fascínio musical

Admirava os seus variados sapatos que o tio José Monte usava. Como gostava quando ele passava por minha casa de calças brancas e sapatos brancos, com pontas pretas, ou marrons! Parecia um daqueles galãs dos filmes a que ia assistir com minha mãe. Ele era como um artista de cinema. Assemelhava-se a eles, sem dúvida.

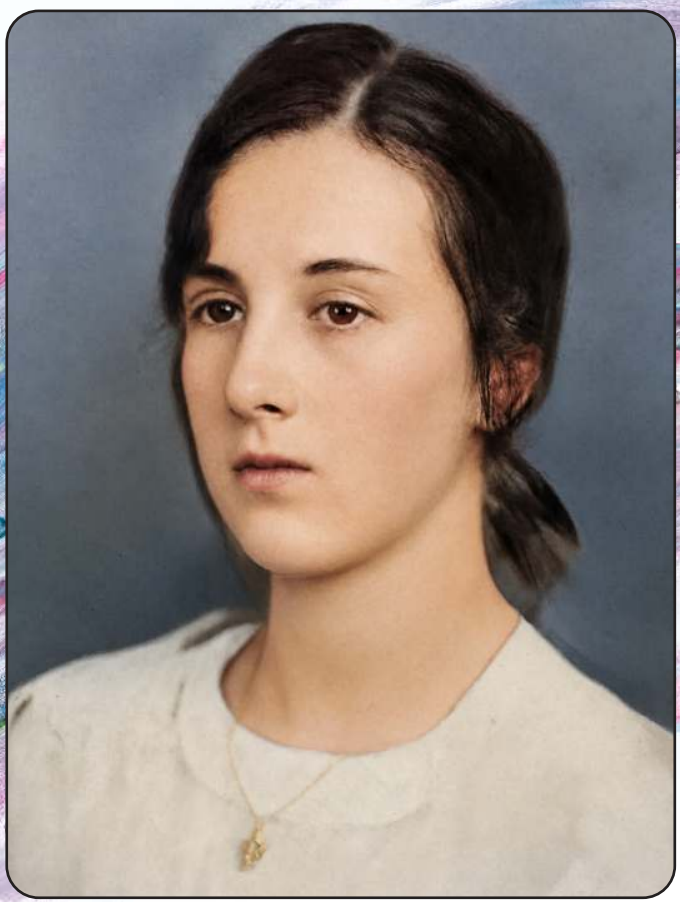
Que alegria era ir à sua casa para brincar de pique, correndo pelo jardim das mais lindas e variadas rosas que trazia de suas constantes viagens ou ir ao terreiro onde ficavam os patos, as galinhas, as saracuras, que o tio trouxera de uma de suas viagens, e o romanzeiro das vermelhas flores e frutas, que se inclinava sobre o lago onde os marrecos nadavam e, muitas vezes seus frutos se abriam como um sorriso de dentes vermelhos que nos convidavam a colher e sugar as pequeninas sementes doces.!...

Era um prazer sentar-me sob o caramanchão e balançar-me nas cadeiras verdes ou nos balanços que pendiam de duas grades como nos parques de diversão e juntar as pernas, firmá-las para trás, jogar o corpo para a frente e quase tocar o pé de lima. Outra diversão era bulir com o louro para vê-lo repetir dá o pé louro, louro quer café, louro quer angu... e vê-lo balançar o seu corpo gritando os nomes das crianças: Teté, Inhinha, Isis, Hélia... Era uma risada só. Que papagaio sabido e querido por todos nós era aquele! Mas se o tio estivesse com o chambre de seda marrom, um lenço na testa, deitado no canapé da saleta, ninguém falava nem brincava. Todos respeitavam a sua dor de cabeça. Nós crianças, também, falávamos baixinho e não demorávamos em sua casa. Porém que prazer sentia quando ele convidava a todas nós, crianças, para um passeio na caminhonete com a tia! Íamos a lugares

interessantes, mas de tudo do que mais gostava era quando divisava plantações, riachos e chegava ao açude, passado o cemitério da família que me proporcionava uma acelerada batida do coração.

Nessa passagem, havia um silêncio geral e um grande esforço meu para não aparentar temor. Mas ali, naquele pequeno lago, o interesse era ver os jacarés, ou os ovos deles, que procurava distingui-los. A curiosidade era para ver se havia jacarezinhos e o medo era vir um pai ou mãe jacaré, pois diziam que os jacarés chocavam com os olhos e corriam para morder os curiosos que os fossem olhar.

Maria Vieira Machado
Foto: Acervo da Autora



Havia outros momentos prazerosos que o tio proporcionava. Eram os passeios à fazenda da Cachoeirinha, onde podia ir à represa natural tomar banho e ao pomar. Porém mais feliz ficava quando escutava o piano da prima tocar. Antevia os momentos de encantamento com a família. Não só se ouviam dali do pomar os sons harmoniosos, mas de toda a colina que circundava a fazenda, pois as ondas sonoras chegavam ecoando nas pedras, nas árvores, no cafezal. Que esplendorosos sons! Se estivesse no pomar, não andava, corria para chegar à sala de visita a tempo do sarau familiar. Aos saltos contornava o moinho, saltava as caneletas de pedra que se direcionavam para o moinho, atravessava o antigo terreiro de pedra, do tempo dos avós, onde o café secava e o Tião (o Nego para os primos) estava, quase sempre, com um rodo repassando-o. Saltava o córrego de sonoras águas cristalinas que passava bem ao lado da casa, espremendo-se por entre os pedregulhos, perto da antiga tulha, antes de fazer uma paradinha no lago dos patos e cair em burburinho pela pendente. Em vez de passar pela cozinha dava a volta pela cobertura, onde estavam, impreterivelmente, os carros de bois descansando da viagem chorosa pelos caminhos de barro e os cavalos arreados, balançando a sua calda, soprando-se para espantar alguma importuna mosca azul, à espera de começar o rápido galopar com o seu dono. Todo esse corte de caminho era para alcançar mais depressa o alpendre, onde, ao chegar, me sentava em um banco, pois, ainda que tivesse usado atalhos, ficava cansada. Fechava os olhos para acalmar a respiração e a ansiedade e melhor apreciar os acordes. Depois, calmamente, entrava na sala em que a família estava reunida e a prima dedilhava com rapidez as teclas brancas e pretas e, rapidamente, movia as páginas apinhadas, verticalmente, à sua frente. Que diferença eram os seus ágeis dedos caminhando pelas teclas do piano dos meus quando me preparava para as aulas de música, exercitando-me dó - ré – mi - fá – sol –lá – si...., dó-fá-lá-sol.... mi-sol... etc, no piano de dona Inhorinha! Que monótonas me pareciam aqueles sons que retirava do manual indicado para a lição da semana! Só quando dedilhava a valsinha, que em segredo ensaiava, com Janete, a professora de piano, para a festa do grupo escolar, eram momentos mais prazerosos. Porém, os sons que ouvia, quando a prima tocava, eram agradáveis e um prazer só era ouvi-los. Mas a alegria

maior sabia que estava para vir. Era sempre assim. Depois de tocar a prima, em uníssono, pediam ao tio italiano que cantasse as suas cantigas napolitanas. Depois de algumas recusas e insistentes pedidos de todos, ele se levantava e de pé, com a elegância que lhe era peculiar, com uma voz vibrante cantava: "Il sole mio"... e "Torna sonriente", entre outras canções. Não entendia o que diziam as palavras, mas a música, a voz e a elegância do tio me fascinavam. E foram esses momentos musicais do convívio familiar que marcaram a minha vida e me despertaram para a inebriante sedução que a música me proporciona até hoje.

Um reino de fascinação e informação

Creio que eu tinha uns cinco anos quando meu tio Gerardo deu ao meu avô Cornélio Abreu um rádio. Era uma peça grande e envernizada, com tela de pano marrom, grandes ponteiros, que só meu avô movia. Esse aparelho nos encantava. Reunia os vizinhos, pois era o único rádio que existia na rua, e toda a família à sua volta em determinados horários.

Era uma peça importada e importante para a família. Às seis horas, impreterivelmente, fazia-se um silêncio respeitoso. Meu avô se dirigia para o buffet de mogno, onde o aparelho se impunha pelo seu tamanho, ao lado dos variados objetos de louças, e ligava-o para fazer ecoar, harmoniosamente a Ave-Maria. Respeitosamente, rezávamos e acompanhávamos o canto. Depois, às sete horas, outro momento de silêncio nos era pedido, mas com energia, pois meu avô punha toda a sua atenção para as notícias da Hora do Brasil. Eram palavras que não eu entendia, ordens, leis... Para mim era uma chatice. A seguir a vos do locutor do Repórter Esso, impunha a atenção de todos.

Passados os anos, o rádio diminuiu de tamanho e, finalmente, passamos a ter um desses aparelhos, até então mágicos, em nossa casa. Foi um acontecimento que nos deu importância. Num suporte perto da porta da sala de jantar ele ficava. Minha mãe costurava ouvindo músicas. Aliás, ao levantar, a primeira coisa que fazia era ligar o rádio. Cedinho não podíamos mais dormir, pois ela o ligava para a "Hora Caipira".

Se o rádio nos aproximava nas noites frias de Muqui e nos alegrava com as músicas, ele também me afastava para lugares mais remotos do pomar, para ler ou estudar, pois a altura em que minha mãe colocava o som, me impedia de continuar deitada, envolta no calor do cobertor ou de concentrar-me na leitura ou na preparação das célebres sabatinas do Colégio de Muqui. Mas dele partiam as vozes mais variadas. Emilinha Borba, "Rainha do Rádio", Orlando Silva, o "Cantor das Multidões"; Francisco (Chico) Alves, "O rei da voz";; Jararaca e Ratinho, " A dupla sertaneja do século"; Dalva de Oliveira, e outras talentosas vozes: Marlene, Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto e Carlos Galhardo.

Naquela época, ouvíamos músicas cantadas em português, e não como hoje acontece, quando acordamos, em que as FMs nos trazem, constantemente, músicas em inglês, com ritmos e letras que não são os nossos. Será que a maioria dos brasileiros alcança as letras dessas canções? Antes, só nas Horas Internacionais, que se ouviam ritmos variados, tangos, boleros, rumba..., principalmente, com as letras em espanhol, inglês, grego, turco, francês. Que diferença entre as músicas da "Hora internacional" daquele tempo e as de hoje! Agora que o mundo está globalizado, estão engessando a nossa cultura com o excesso de música americana... E as brasileiras? Como ficarão?

Os programas eram variados. Na Rádio Cachoeiro ZYL9, Jessé Valadão anunciava músicas. Na Rádio Nacional, havia o programa de maior êxito, o "Balança mais não cai", com os famosos "Primo pobre e Primo rico", vividos por Brandão Filho e Paulo Gracindo. O Programa Papel Carbono anunciava calouros. O Jornal Falado Tupi trazia variadas notícias e Ari Barroso, com voz fanhosa e feia, criticava os cantores. O Repórter Esso fornecia as

mais importantes notícias e foi uma delas que fez meus pais, tios e avós calarem, com o anúncio de ataque de aviões da Alemanha à Normandia, durante a 2ª Guerra Mundial. A credibilidade do noticiário era geral.

Quando Carlos Galhardo cantava: "Um gentil beijo flor que voava sobre as flores de um lindo jardim", eu cantava e imaginava os beija-flores voando. Via um bando de avezinhas graciosas sobrevoarem no jardim, entrarem no quarto de minha mãe, esvoaçarem ou beijarem-se no espelho da *toillette*, e cantava para esses passarinhos. Cantávamos sempre ouvindo os famosos cantores. Assim se fosse carnaval, repetíamos o que ouvíamos na voz de Marlene, Emilinha, Carmem Miranda, mesmo se as letras fossem picantes ou graciosas. Não atinávamos na malícia. As músicas eram piadas, críticas, reflexo de nossa cultura. E a rádio transmitia as músicas representativas do Brasil agrícola e urbano, conselhos medicinais de corpo e espírito: "me aconselha Julio Lousada"; "melhoral, melhoral é melhor e não faz mal", "pílulas de vida do doutor Ross, fazem bem ao fígado e a todos nós".

A música encantava a todos, e até os animais se envolviam com ela. Quando Luis Gonzaga começava o seu acorde de "baião de dois", a maritaca descia do seu poleiro e, no chão, ia pra lá e pra cá mexendo a cabecinha e dando passinhos miúdos. Penso que ela imaginava estar nas verdes matas, ouvindo cachoeiras e ventos, movendo o espaço verde, ou estar tendo um encontro de amor.

Corríamos para casa, acho que depois da Ave-Maria, para ouvir "Jerônimo, "O Herói do Sertão". Sons e ruídos: a sonoplastia reinava na radionovela! Cavalos, os mais lindos, corriam em nossa imaginação, portas batiam, vozes chorosas, alegres, raivosas estremeciam a imaginação. Ouvíamos vozes de imagináveis figuras. Certa vez, fiquei chocada com o retrato que vi de um artista, feio, velho, não tinha nada da figura que imaginei. Do rádio vinham, em viva voz, as mais recentes notícias, mas ele, também, fazia toda a família estremecer, chorar e inquietar-se pela hora de início de novelas (isso mais tarde), como "O direito de Nascer". A hora da grande audiência era depois do Repórter Esso, quando iniciavam as novelas. Chorávamos com a Mãe Dolores, e vibrávamos com a

voz de Paulo Gracindo. Assim era o rádio, provocador de sonhos e imaginação. O som que ele emanava entrava não só em nossa casa mas também nos bares e nas casas de quase todas as pessoas, uma vez que já estava mais comercializado.

Do carnaval à quaresma

Passados os dias de demonstrações de desfiles de apresentações dos diversos clubes e passados os dias festivos do carnaval chegamos à Quarta - feita de Cinzas, em 18 de fevereiro, que deu entrada à Quaresma, trazendo a abertura do tema da Campanha da Fraternidade: "Fraternidade e Moradia", com o tema bíblico "Ele veio morar entre nós (Jô 1,14). Essas efemérides me trazem à memória as Semanas Santas de minha infância, em Muqui, quando todo um misticismo, preconceito, e temor nos envolvia.

A bela igreja neogótica se escurecia com as cortinas roxas cobrindo as imagens e era envolvida por um halo de silêncio e tristeza. Nas casas os espelhos eram cobertos, queimava-se palha benta, os adultos jejuavam, e não se comia carne. Na sexta-feira fazia-se silêncio em casa e na rua. Até os trens não tocavam o sino nem apitavam, e nós íamos dormir mais ccdo com medo da mula sem cabeça que era, segundo a lenda, a transformação da mulher do padre que passava trotando triste e chorosa pela rua, em dias da Quaresma. Na Sexta-Feira Santa não íamos no rio, nem brincávamos de pique ou roda. O acontecimento narrado por Humberto de Campos de uma desobediência dos meninos que insistiram em pescar na Sexta-feira Santa e pescarem botinas, nos inquietava....

O Sábado de Aleluia trazia alegria com as pauladas que davam no boneco representando Judas, mas a festa religiosa e de

casa era no domingo de Páscoa, preparada nas véspera com a pintura dos ovos cozidos de amarelo do urucum e de azul de tinta, da preparação do pudim de leite, e do preparo do pato, do frango ou do leitão e da maça do macarrão.

E havia, durante esse período as procissões. A marcante era a da sexta-feira quando a matraca, movida por um jovem coroinha, quebrava o silêncio e abafava as vozes que rezavam. O sermão de sexta-feira era o mais concorrido. Lá iam até os não frequentadores das missas, como meu pai, para ouvir a pregação do frei que cativava a todos por sua pregação. De todas as procissões a mais triste, era a do encontro da Mãe Dolorosa, vestida com uma túnica roxa e adornos prateados em volta. O canto da Verônica era emocionante. Os andores eram levados por uns quatro ou seis homens, a passo miúdo.

Como a literatura tem o poder de transformar o homem, da simplicidade da Sexta-feira Santa muquiense fui despertada por uma pomposa cerimônia passada em Anadaluzia, quando cursava, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Espírito Santo (FAFI), o Bacharelado em Letras Neolatinas, e a professora Rachel Abreu Lima e Pereira designou para leitura a obra do escritor argentino Carlos Reyes, El Embrujo de Sevilla.

A história se passava numa Sevilla do século XIX. A trama refletia a vida de personagens carregadas de sensualidade e graça mourisca e cigana, num ambiente que hoje consideraríamos machista. As corridas de touro eram um espetáculo à parte na ficção de Reyes. Na história, surge a dicotomia do racional e do dionisíaco, a exaltação dos prazeres, o misticismo andaluz de mouros e ciganos. Três protagonistas: uma bailarina flamenga, um cantor e um toureiro se destacarão nas três características da cultura andaluza: o canto e baile flamengo, a corrida de touros e a procissão da Sexta- feira Santa. Soma-se aos protagonistas um pintor reflexivo. As descrições da Semana Santa começavam desde a preparação que antecipava a procissão do Domingo de Ramos até chegar ao cume das procissões de Semana Santa na madrugada de "Viernes Santo" (a Quinta-feira Santa).

O narrador descreve com uma singular precisão os "pasos", os ricos andores das diversas irmandades, que os homens seguiam com o rosto coberto, acompanhados por penitentes, pessoas descalças com correntes nos pés. A prata, a pérola, preciosas pedras, e o ouro faziam destacar as vestes de veludo da Virgem (a da Esperanza, da Soledad, a da Triana, la del Valle, la Macareña, entre outras). seguida de seus devotos e penitentes.

Durante a passagem do "Paso" da Virgem de Maior Dor, que expressava grande luto, com o corpo curvado com uma coroa, ouviam-se preces e saetas, mas o destaque do narrador é dado ao personagem cantor que canta como um choro, um gemido, sem instrumento: "Llora, llora, morenita/Tu amor fue crucificado/Tu hijo con su sangresita,/lavrará nosos pecados". Essa "saeta", canto flamengo, é o "palo seco", retratado poeticamente por João Cabral de Melo Neto: "Se diz a seco/ o cante sem guitarra;/ o cante sem; o cante;/o cante sem mais nada;/se diz a palo seco/ a esse cante despido:/ ao cante que se canta/sob o silêncio a pino. [...] A palo seco é o cante/ de grito mais extremo:/ tem de subir mais alto/ que onde sobe o silêncio;/ é cantar contra a queda,/ é um cante para cima,/ em que se há de subir/cortando, e contra a fibra". Mas se a penitente estiver vestida de negro e cantar, numa procissão em Andaluzia, pode ser até acompanhada por violão, é outra forma de canto flamengo: "la soleá". Esse canto andaluz é ressignificado pelo poeta granadino Federico García Lorca que fala no poema de "La soleá": "Vestida con mantos negros/piensa que el mundo es chiquito/y el corazón es inmenso./Vestida con mantos negros.//Piensa que el suspiro tierno/y el grito, desaparecen/en la corriente del viento./ Vestida con mantos negros.//Se dejó el balcón abierto/y el alba por el balcón/desembocó todo el cielo.//¡Ay yayayayay,/que vestida con mantos negros!".

Como a literatura é impulsionadora da vida, em 1968 fui passar a Semana Santa em Málaga e pude assistir a uma ostentosa procissão na Sexta-Feira Santa para relembrar o encantamento de El Embujo de Sevilla, lido em meu tempo de estudante. E a comprovação na representação física do esplendor místico descrito por Carlos Reyes deixou extasiada a menina de Muqui. Mas as sensações vividas nas modestas demonstrações do pequeno povoado capixaba certamente me sensibilizaram para sempre e

permitiram que eu recebesse com entusiasmo as demonstrações de cultura e de fé de diferentes povos seja na literatura seja nas representações teatrais religiosas.

Silêncio onírico da casa

Na recordação, a casa e seu entorno adquirem vida. A casa onírica guarda, no interior ou no seu exterior, no seu porão ou sótão, elementos que pertencem à poesia. No devaneio, sua imagem modifica os objetos que traz dentro de si, o passado se atualiza e proporciona à casa uma carga expressiva de significados, e as vozes ecoam de maneira diferente.

Bachelard (1988, p. 13) explica que o "devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos". É produto de uma solidão, que pertence à anima, ao repouso do feminino, signo de doçura, de lentidão, de paz, indicado por Jung para mostrar a dualidade profunda da Psique humana, e que responde ao oposto *animus*, à ação do masculino; à cólera; à audácia. O devaneio nos conduz à infância, que, pelos seus traços, perdura a vida inteira e nunca nos abandona. Ainda que se guarde segredo de um fato ou situação dessa época, isto é, ainda que não se fale do tema, ou mesmo não se pense nele de forma clara, ele forma, no interior, algo distante e vivo que renasce na imaginação com uma força absorvente, forte, num avanço de voos dos sentidos com a força da magia, do poético.

A casa, pelas marcas que deixa no seu habitante, possui uma vasta simbologia. É a Mãe Terra, e, por isso, a sua imagem se une à da nossa mãe. Na poesia religiosa, é símbolo do corpo, morada da alma. Para Pitágoras, Aristóteles ou Fray Luis de Leon (do Classicismo grego ao Renascimento), a alma se une, musicalmente, ao corpo – mescla e síntese de contrários – e vibra harmoniosamen-

te com a música das esferas. A alma é somente um hóspede do corpo. A casa desabitada simboliza a morte, ou a partida da alma para sua verdadeira moradia. Para os místicos, ela está entre os elementos femininos do universo. Os psicanalistas se servem de desenhos de casa para explicar os estados da alma. Assim, a frente da casa é a máscara, o lado manifesto do homem; os andares simbolizam a verticalidade e o espaço, o teto representa a cabeça, as funções conscientes, e o porão corresponde ao inconsciente. Jung utiliza a dupla imagem do porão e do sótão para analisar os temores que habitam a casa. A escada é o meio de união dos vários planos psíquicos. Ela conduz ao porão, ao sótão ou aos quartos. Ela traz o signo da descida e da subida e (apoiando-me em Bachelard, 1989, p. 44), "tudo o que desce recomeça a viver dinamicamente".

Bérgson (1990) nos ensina que, quando se abrem os sentidos, as imagens se tornam presentes e agem umas sobre as outras, segundo as "leis da natureza", mas há sempre uma que prevalece sobre as demais, e em todos os dados do presente se misturam experiências passadas. O corpo escolhe as lembranças armazenadas do passado para levá-las à consciência do presente. As imagens estão relacionadas com o exterior e o interior do indivíduo, e toda percepção está acompanhada de lembranças que têm algo de sonho.

Assim, sempre me lembro de minha casa de Muqui, modificada pelo tempo e pelos moradores. Amava-a com suas portas e janelas verdes e paredes com a cor anual que minha mãe propunha: branca, amarela, ocre, azul claro... Rodeada de verde, pincelado das coloridas buganvílias que adornavam a janela da frente, sempre com suas ramas podadas, e dos jasmins, acácias, rosas, entre outras flores. Minha casa era perfumada, em maio, pelos monsenhores, que minhas irmãs e eu despetalávamos para jogar na Virgem durante a cerimônia da Coroação.

Era a casa o meu refúgio, o lugar de meus sonhos, alegrias. Lindo, lindo lugar. Nunca desejei morar em outra casa. Ela satisfazia o meu desejo e minha imaginação. Sempre cheia de vozes de pessoas, do rádio, e dos animais: canários, galos, galinhas, porcos, patos e do murmúrio suave das águas do rio que limitavam o nosso quintal.

Bachelard (1989, p. 24) considera a casa o "nosso canto do mundo", o primeiro universo, um verdadeiro cosmos, o abrigo e a

proteção. O ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo e vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, por meio do pensamento e dos sonhos. E, assim, era a minha casa, meu cosmos e meu abrigo. Se ela me proporcionava sonhar, fantasiar a vida, no seu pomar transformava-me e a minhas amigas em cowboy, correndo sobre cabos de vassoura, saltando obstáculos imaginários, ou em Dorothi Lamour, cantando nas praias do Pacífico: nosso *sarong* eram ramas de melão e folhas de manga presas por grandes espinhos de laranjeiras. Pulando de galho em galho, de uma mangueira para outra, eu era Jane ou Tarzan, ou podia ser um pirata, realizando viagens por navio, nos galhos de uma mangueira, naves de meus sonhos, sofrendo os tormentos de tempestades em mares bravios ou recebendo a aragem de uma bonança. Podia ser um piloto, balançando-me nas flexíveis ramas de uma goiabeira, nave imaginária, e, cantando, fingia chegar ao céu, voando sobre as nuvens, mas podia ir ao chão, num dolorido lamento. Às vezes era um padre ou um padrinho, festejando um batizado de boneca; ou uma dona de casa, brincando de casinha ou de cozinhado. O quintal era o palco para a representação dos sonhos. Sobre os galhos da mangueira, que ficava na beira do rio, lia. Era meu escritório. De lá de cima podia ver uma cobra cruzar o rio ou outro animal e ouvir o murmuro das águas. Dentro de casa, ouvia histórias contadas por nossos pais ou Mãe Cinica, junto com meus irmãos. Ao redor da grande mesa, a família conversava, comia a deliciosa comida que impregnava a casa de aroma, e nós, crianças, estudávamos. Porém, da casa, podia ver o mundo e transformá-lo ou compreendê-lo. Assim, deitada, à noite, sabia, pelos passos e a hora, quem passava pela rua. Pelas frestas do telhado e o canto dos pássaros, reconhecia a hora do amanhecer. Da janela do meu quarto, apreciava caírem as gotas d'água e formarem-se os pequenos córregos que se transformavam em soldados, batalhões e, depois de serem jogados os barcos de papel de jornal, em um mar imenso, cheio de uma frota invencível. Da janela, via o transitar das pessoas e o passar do trem. Também via o prédio dos Rambalducci, que me proporcionava devaneios pela sua visível arquitetura e pelo que ouvira contar sobre seus antigos habitantes...

O casarão, com seus muros (muralhas) e sua imponência castelar, provocava o sonho do olhar. Minha imaginação inteira se

apoiava no tempo ou se unia em torno dessa ilha suspensa entre o céu e a terra, o bálsamo de meus sonhos fantasiosos. Na minha infância, vi-o abandonado, ouvi suas janelas bater com a força do vento, nos dias de trovoadas, vi os coriscos chicotear os seus para-raios. Com minha irmã e amigas, aproveitava o abandono do prédio pelos proprietários e dos rombos em determinada parte do muro ou de os grandes portões de ferro estarem abertos para escalar as principescas escadarias de mármore, saltar o portãozinho e entrar nas salas onde, abandonados, estavam as bonitas cadeiras, o piano, as altas e finas cantoneiras, as mesas, tapetes e os quartos, onde nós, crianças, pulávamos nas camas de mola. Não havia um livro sequer.

Nunca, nós, meninas, mexíamos ou retirávamos nenhum objeto do casarão. Mas nosso coração palpitava de medo de almas de outro mundo e do mistério que envolvia todo o ambiente. O silêncio interior nos sufocava. Mas o aperto no coração não impedia a nossa investigação. Eram horas de aventuras, perigosas, pois nossos pais de nada sabiam dessas nossas escaladas. Dia a dia sentíamos que, pouco a pouco, iam desaparecendo, misteriosamente, para nós, alguns móveis. Pensávamos que alguém da família fora ali apanhar o que víamos desaparecer. Havia um mistério que nos amedrontava, no silêncio das habitações e nas portas fechadas de alguns quartos, mas que nos estimulava a continuar na pesquisa do mistério. Passados os quartos, chegávamos a um corredor com tábuas soltas, rangentes, protegido por vidraças quebradas, por onde passávamos cuidadosamente para chegar à cozinha grande e espaçosa e ao enorme banheiro com banheira e bidê, este tão grande que parecia uma enorme bacia. Ali chegando, descíamos a escada dos fundos para saltar o muro que dava para o pau-d'alho. O enorme porão era abrigo das reproduções das cabras, e, algumas poucas vezes, era o lugar que nós o utilizávamos para representações teatrais, às quais alguns adultos, ocasionalmente, iam assisti. Suas muralhas dividiam o terreno em plataformas, ou planos.

No segundo, ficava o jardim, com as grandes alamandas amarelas, os pés de romãs e brincos de princesa que se balançavam ao vento colorindo a escada. No primeiro, estava o pomar, onde se abrigavam pássaros nos enormes abricozeiros e nas mangueiras, e, para nosso espanto, havia macieiras e pereiras, frutas não regionais, nas quais nunca havíamos visto frutos.



Quintal da casa de Ester Abreu na Fazenda do Entre Morros
Fonte: Acervo da autora

Era o prédio dos Rambalducci, de quem ouvíamos dizer que foram para o Uruguai, onde havia as mais lindas maçãs, e de quem ouvíamos contar histórias de namoros, ao longe, de moças recatadas e guardadas pelo pai.... Era ali que se identificavam os atos falhos de minhas realizações de desejo sinônimo de luxo, semelhante aos castelos onde viviam as princesas das historias que Mãe Cinica me contava ou que eu lia. Certo dia tudo mudou. O meu castelo virou uma escola de freira. E lá ia assistir à missa e estudar.

A Madrezinha era gorda e carinhosa. No porão, eram ministradas as aulas. Minha professora era linda, alta e elegante. Ela ensinava com muito afinco a fazer contas. Como gostava de que os alunos fizessem enormes contas de dividir e multiplicar !... E as frações , pareciam não terminar o meio , o terço e o quinto de alguma coisa. Mas o colégio durou pouco. As irmãs foram embora, fechou-se o colégio, e lá fui eu para o grupo escolar estudar com dona Amélia, sob a direção de Senhor Afrodísio; mas isso foi outra coisa. Vamos ao meu castelo sonhado.

Novamente, o meu castelo ficou abandonado e utilizado por nós, crianças, pelos morcegos e pelas cabras. Dava pena tanto abandono! Pensava: "Será que vai ruir?" Mas, lá pelo final da década de1940, já em 1950, ouvi que um senhor muito rico, fa-

zendeiro da Gironda, Sr. Dico Bernardo, havia comprado o prédio. Começaram as modificações e transformações do casarão dos meus sonhos... Se cresci, crescemos, olhando aquele útero vertical, admirando aquele onírico casarão que nos estimulava a visitas clandestinas e à utilização para nossas brincadeiras, agora, com os novos donos, lá não mais poderíamos sonhar com um castelo nem tirar retratos. Nossas visitas sofreram o impedimento da timidez, com os reais proprietários. Íamos visitá-los e lá encontrávamos, agora, livros e encontramos abrigo durante a calamidade da enchente, mas não era mais o lugar de nossos sonhos. Também nós nos tínhamos modificado, passando da infância para a juventude, e outros sonhos nos acalentavam.

Mas lá, hoje, continua o meu castelo, majestoso, impondo-se no Entre Morros e na cidade, no sopé do morro à beira linha. Não mais com a complexidade do outro tempo. E minha casa perdeu todo o encanto e majestade, e o quintal dividido por vendas de lotes e modificações do curso do rio, diminuiu e perdeu muitas de suas árvores. A importância do prédio para mim, no meu devaneio, provocou, há algum tempo, o poema "Balada ao solar" (p. 82 deste livro). Mas a minha casa natal continua habitada em minha mente, inserida dentro de mim com seus valores de intimidade e lembranças de meus entes queridos e vozes de todos os que por lá passaram. E todos os gestos, desde o fechamento da porta da sala com tranca horizontal à da cozinha com a tranca vertical, estão gravados em minha mente. Como em um filme, vão passando imagens em movimento, vejo o interior e o exterior de minha casa. Minha memória vai mostrando os redutos dos meus devaneios.

Segundo Bachelard (1989. p. 34), existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além passado verdadeiro [...], e é devido ao plano do devaneio que a nossa infância permanece em nós viva e poeticamente. Para esse autor, mais que o valor de um abrigo e proteção, a casa natal tem o valor de estabelecer os valores de sonho: "últimos valores que permanecem quando a casa não mais existe".



Saídas e retornos

Nasci à beira linha. Durante a infância e a juventude, alegres eram os apitos de trem ao entrar na cidade. Festivos eram os ruídos da passagem dos trens da Leopoldina Railway correndo pelos trilhos, soltando fumaça e tocando o sino quando entrava na cidade. Felizes os adeuses dos que sorriam das janelas do trem ou das casas.

Os encontros, esperas e despedidas aconteciam na Estação de Muqui. Ali, sentia-se o perfume da vida e viam-se roupas novas, sorrisos, olhares curiosos dos viajantes e dos espectadores.

Viajar era sair e retornar. Em toda viagem há um deslocamento físico e um interior, que antecede à partida. Na estação, aconteciam as despedidas felizes dos que partiam e o recebimento caloroso de quem chegava. Sair era ter a esperança de ver coisas novas. Retornar era dizê-las aos que ficavam ansiosos pela chegada de quem partiu. Chegar era ter, nos olhos, a alegria da saudade curada, ter as faces beijadas e receber um caloroso abraço. Era a satisfação de oferecer uma lembrança aos que permaneciam. Era entregar, nos presentes trazidos dos recantos desconhecidos e desejados nos olhares dos que escutavam o relato da viagem, um pedaço das belezas vistas. Era mostrar aos que ficavam que sua presença havia sido constante no decorrer da viagem. Assim, chegar era fazer o outro partilhar, durante as longas e intermináveis conversas, das visões encantadoras que haviam sido presenciadas pelo viajante. Mas depois de algum tempo, partir foi descobrir, na elegância fria dos aeroportos, um mundo curioso e, muitas vezes, exótico. Porém eram despedidas e chegadas alegres, porque viajar era partir para retornar com

conhecimento e trazer uma bagagem de curiosidades. Era visitar cidades perdidas, desconhecidas, e fazê-las viver na mente e no desejo de outros de conhecê-las.

Fui crescendo nesse afastar-se dos entes queridos e voltar a encontrá-los. E a vida se transformou na convivência com os demais, na alegria de conhecer novos horizontes e nos beijos calorosos e abraços da chegada. Porém, agora, chegou-me a vez de iniciar uma despedida na Estação da Saudade. Será uma ida sem retorno em direção à Cidade de Deus.

Viagem sem volta de uma cidade de flores mortas, sem primavera ou verão. Nessa Estação, a gente se despede para retornar sem a esperança de ouvir as intermináveis e amigáveis conversas do viajante que retorna. Nessa Estação, diferente da primeira conhecida, a de Muqui, choro as minhas mais amargas mágoas. Por fim, nessa despedida sem tempo de retorno, no ritual de saída, só nos resta situá-la no tempo mítico de "Era uma vez, numa cidade em que viviam...". Dessa forma, o tempo pode ser invertido de passado para presente. E o tempo mítico, segundo Octavio Paz, nos mostra um "presente que desposa o passado com o futuro, porque o mito "contém a vida humana em sua totalidade".

Fazenda Entre Morros
Fonte: Acervo da autora



ECOS

Ai ecos de antigamente
tempo de dias felizes
quando nas noites estreladas
São Jorge no seu cavalo
passava jogando prata
Três - Marias e Cruz – do céu
adornavam o velho véu
quando de outras galáxias
nada se ouvira falar
quando todos conheciam
o nome de seus vizinhos
quando os velhos violões
cantavam em serestas
quando o pequenino mundo
era de ouro e esmeralda
quando a poluição chegava
com o rodar da ciranda
e com a alegria do pique
para quem será?



Ester Abreu na Praça de Toros em Madri
Fonte: Acervo da autora

Ester Abreu em La Paz (Bolívia)
Fonte: Acervo da autora





Ester Abreu em sua casa em Vitória, ES
Fonte: Acervo da autora

Sob as hélices do destino
(Tragédia nos ares de Muqui)

Josina Drumond



Inauguração do Aeroporto de Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora

Nos anos 50, quando o céu ainda era território de espanto e privilégio, a tradicional família Fraga, de Muqui, possuía um avião, raridade quase mítica naquelas lonjuras capixabas. Era um pequeno turboélice, desses que riscavam o azul com modéstia, pousando em pistas de terra como quem tateia o chão.

Para conduzi-lo, contrataram Juarez, piloto vindo de outras paragens. Mal chegou, perdeu-se, não nos mapas, mas nos olhos de Maria Alzira, uma das jovens mais belas da região. A bela professorinha trazia nos gestos a elegância das palavras bem escolhidas. Entre um voo e outro, enamoraram-se. O noivado veio como promessa selada em ouro e consentimento. Mas o destino, que não assina pactos humanos, já afiava suas lâminas invisíveis.

Certo dia, vindo de Minas, o avião pousou em Muqui. Mal as hélices cessaram seu giro, o proprietário ordenou nova decolagem, rumo a Vitória. Juarez hesitou. Falou do calor do motor, da necessidade de uma revisão no motor, da prudência que os céus exigem. Mas a autoridade insistiu. E o piloto, dividido entre o dever e o pressentimento, cedeu.

Antes da partida, um homem surgiu, aflito, suplicando por um lugar no voo. Urgência de vida ou morte, dizia. A bordo, já se acomodava o senador Perceu Moroso. Com gesto raro, cedeu-lhe o assento. Foi sua salvação. A morte, essa antiga espreitadora, já rondava o aparelho como ave agourenta.

Logo após a decolagem, o céu se rompeu em fogo. A aeronave explodiu no ar, espalhando estilhaços e destinos interrompidos. Nenhuma alma regressou.

Ao saber da tragédia, Alzira, ainda incrédula, acorreu ao local dos destroços, mas não se aproximou. Acabava de perder o primeiro e grande amor de sua vida. Não teve coragem de ver com seus próprios olhos o que o coração se recusava aceitar. Manteve-se afastada, remoendo as dores que os olhos não suportavam confirmar. Ficou à distância, abraçada ao próprio abismo, tentando sustentar o que restava de si.

O velório foi coletivo. Caixões alinhados como notas fúnebres de uma mesma canção. Entre eles, o de Juarez. Alzira foi a primeira a chegar. Vestida de negro, terço entre os dedos, posicionou-se ao lado do esquife, não como noiva, mas como viúva de um futuro que não chegou a existir.

Foi então que o improvável irrompeu. Do nada, ou de algum lugar onde as verdades se escondem, surgiu uma jovem desconhecida. Seus passos eram firmes, como quem carrega um direito. Percorreu os caixões até deter-se diante de Juarez. Ali, desfez-se em lágrimas. Beijava-o, chamando-o de "meu amor". No dedo anular direito, uma aliança cintilava. Seria ele duplamente noivo?

O silêncio pesou mais que o luto. Alzira recuou, como quem percebe, tarde demais, que o amor também pode ter sombras. Não disse nada. Não perguntou. Apenas se afastou, ferida não só pela morte, mas pela dúvida.

O acontecido tornou-se o assunto preferido de comadrices durante muito tempo. Alzira, desde então, recolheu-se. Muito abalada, afastou-se dos eventos sociais.

Passou a viver entre o dever e o silêncio. Da casa à escola, da escola à casa. Evitava festas, olhares, murmúrios. Até a igreja abandonou, como se Deus também participasse da conspiração do destino.

Guardou sua beleza como quem guarda um relicário fechado. Nunca mais amou. Permaneceu intacta, não por pureza, mas

por suspensão. Como se aguardasse o desfecho de uma história que lhe fora arrancada antes da última página.

A hélice daquele avião repousa, ainda hoje, próxima ao colégio de Muqui. Há quem jure que, em certas tardes de vento, ela ainda gira levemente — como se o tempo, arrependido, tentasse recomeçar o voo.

Ester Abreu na inauguração do Aeroporto de Muqui, ES
Fonte: Acervo da autora.





Pânico no milharal

Josina Drumond

Na zona rural de Muqui, quando a morte ainda era um acontecimento partilhado e o luto se organizava em mutirão, faleceu um chefe de família muito humilde. Coube a um vizinho mais abonado a tarefa de buscar, na cidade, o caixão, esse último endereço do corpo.

A caminhonete partiu levantando poeira. Na volta, sobre a carroceria, o féretro seguia solto, entregue aos solavancos da estrada de chão, como se já ensaiasse sua travessia definitiva. Tiãozinho, ajudante fiel e destemido, ofereceu-se para ir atrás, escorando o caixão com mãos e pés, numa espécie de vigília improvisada contra o desmantelo.

No meio do caminho, o céu virou do avesso. Desabou uma chuva fria, dessas que parecem atravessar a roupa e alcançar os ossos. A carroceria, nua de proteção, tornou-se território inóspito. Foi então que, num gesto entre o prático e o impensável, Tiãozinho abriu o ataúde e ali se recolheu, como quem pede abrigo à própria morte. Fechou-se dentro do caixão e, embalado pelo balanço da estrada, adormeceu.

Enquanto isso, alguns lavradores, cansados do lavor campesino, aproveitaram a passagem da caminhonete e subiram na carroceria. Lançaram olhares desconfiados ao esquife — mas, naquela região, era coisa comum: caixão que vinha da cidade, vinha vazio. Assim ditava a lógica dos vivos. Seguiram viagem, até que, em dado momento, o silêncio do caixão se rompeu. A tampa rangeu. E, de dentro do esquife, onde deveria morar apenas a inércia, surgiu movimento. Para os olhos já fatigados e a imaginação sempre pronta, o morto despertara.

O pânico foi imediato. Não houve tempo para ponderações. Saltaram todos. À esquerda e à direita, lançaram-se ao milharal como quem foge do próprio juízo. O milho vergou sob o susto: espigas quebradas, passos desordenados, corpos tropeçando no medo. Alguns se feriram. Outros perderam chapéus, ferramentas e a compostura.

Tiãozinho, ainda meio atordoado de sono, ao emergir do caixão encontrou o mundo em debandada. Ao botar a cara para fora, só viu rastro de gente fugida.

Não havia morto algum, mas o medo, esse sim, estava bem vivo. Por muito tempo, contaram e recontaram o fato, rindo do ocorrido. Mas, no instante do susto, deram asas à imaginação e pensaram com as pernas.



Ester Abreu e Josina Nunes Drumond
Fonte: Acervo da autora.



Infância no Caparaó

Francisco Aurelio Ribeiro

Nasci em Ibitirama, aos pés da Serra do Caparaó, no mesmo ano em que o distrito de Santa Bárbara do Caparaó passava a ter o nome que, em tupi, significa "cadeia de montanhas". Prefiro o nome original e até hoje, no dia 04 de dezembro, me lembro do hino que cantávamos à padroeira, em seu dia: "À Santa Bárbara juramos, proteger com justiça e louvor"... Meus pais eram filhos de imigrantes, italiano, por parte de mãe e português, por parte de pai. Estavam sempre em viagem: ele, comerciante: ela, para tratamento de saúde. Acostumei-me, desde cedo, que o mundo não se limitava às montanhas que nos aprisionavam; ao contrário, o desafio era transpô-las, sempre. E Guaçuí foi o primeiro destino de viagem do meu imaginário. Minha casa era em frente ao ponto de ônibus que fazia o trajeto de Iúna a Guaçuí.

Naquele tempo, era um longo trajeto de três a cinco horas, dependendo das condições da estrada. No período das chuvas, a lama poderia atrasar a viagem em horas: enxadas e enxadões eram instrumentos obrigatórios aos motoristas e cobradores, para desatolar as rodas do veículo e eu os via sempre chegar cobertos de poeira ou de lama, conforme a época do ano. A bagagem era transportada em cima dos ônibus, em sacos de lona ou de estopa e, a cada descida de passageiro, o cobrador subia e descia a escada para pegar a do passageiro. Por isso, eram todos magros, ao contrário dos de hoje, que passam o dia sentados atrás das roletas dos ônibus.

Para um menino de Ibitirama, as viagens a Guaçuí eram uma festa. Ia, de vez em quando, ao pediatra, o Dr. Abelha. A primeira vez foi temerosa, pois o nome inspirava medo a uma crian-

ça acostumada a ferroadas; depois da primeira consulta, via que nada disso acontecia. E o pós-consulta era a melhor parte, pois papai passava na fábrica de doces do Nabor e comprava doce de laranja, de goiaba, de leite, requeijão e as caixinhas de uvas secas, as passas da Califórnia, guloseima que adorava. Durante dez anos, vivi em Ibitirama, onde passei a infância. Lá, a vida era um eterno brincar. Pique, queimada, ferrinho, pião, todos os dias era uma brincadeira nova com os primos e os colegas da rua.

À noite, juntavam-se todos, meninos e meninas, para brincarmos de roda. Sempre havia uma menina mais velha que sabia todas as cantigas e as iniciava. A cada momento, a roda crescia. "Em um rochedo bem alto, ninguém podia alcançar, sentou-se a pobre viúva, sentou-se e pôs-se a chorar". Cada cantiga era dramatizada por uma criança e por todos. "Rolinha, andou, andou", "Sereno, eu caio, eu caio", "O cravo brigou com a rosa", "Escravos de Jó", eram tantas e de todas ainda lembro letra, música e a encenação que fazíamos. Tive uma infância feliz. Uma pena as crianças de hoje não mais brincarem de roda.

Mais tarde, aos dez anos, mudamo-nos para Guaçuí e a primeira casa foi alugada num prédio do Sr. Carneiro, dono de um restaurante que servia uma comida deliciosa. Vivemos ali pouco tempo, pois nos mudamos para uma rua que tinha dois nomes: Emiliana Emery, mulher importante, a primeira eleitora capixaba, avó da tia Carmen, com quem tentei aprender a tocar piano, e Benjamin Constant, o nome antigo pelo qual todos a conheciam. Rua Benjamin, 40, era o endereço e o telefone, 296, uma novidade para um menino que tinha saído da era do rádio a pilha. Guaçuí tinha luz elétrica, telefone, televisão, cinema, trem da Leopoldina e uma estação rodoviária com saídas diárias para Cachoeiro, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo. Cidade conectada aos principais centros, recebia jornais diários, lançamento de filmes.

As sessões do cine Éden eram disputadíssimas. Meu maior desafio era conseguir assistir aos filmes proibidos para menores de 14 anos, os melhores, mas o Badaró era intransigente e nada passava aos seus olhos de bilheteiro e lanterninha. Dona Áurea, tia da Milena, com seus cabelos azuis, era, para mim, a imagem do paraíso, ao vender passagens para o Rio e São Paulo, naqueles ônibus que tinham um galgo pintado nas laterais. Se Guaçuí era meu sonho de

menino em Ibitirama, Carangola, Itaperuna, Rio e São Paulo foram os de minha adolescência.

Tanto em Ibitirama quanto em Guaçuí, passava as férias em Muqui, onde morava meu avô italiano Aurélio Ricci, cuja casa, no Entre Morros, era em frente à dos pais da Ester Abreu, professora formada nos primeiros cursos de Letras da Ufes e que viria a ser minha colega no Departamento de Línguas e Letras da mesma universidade e minha amiga e confreira na Academia Espírito-santense de Letras, onde entrei em 1993 e ela, em 1996.Fiz o discurso de recepção a ela, mas não o pude ler, em sua posse, pois estava entre a vida e a morte, no hospital. Miguel Deps Tallon, nosso amigo em comum, leu o meu discurso discurso em sua posse festiva na Rede Gazeta, no dia 31 de maio.

Chegávamos a Muqui pela serra da Aliança e, logo após passarmos o cemitério, onde estão enterrados meus avós, minha mãe e meus tios, avistávamos o casarão da fazenda dos fundadores da cidade, antepassados da Ester. O casarão, infelizmente, foi demolido, mas ficou eternizado em nossa memória e reproduzido num quadro a óleo do "Solar da Ester".

Ela diz que se lembra de mim, garoto em Muqui, brincando na rua ou na linha de trem, como faziam todas as crianças do bairro. A chácara do meu avô era grande, repleta de árvores frutíferas e ali comia as deliciosas mangas de vários tipos, que não davam no Caparaó, terra fria. Também lá pude ler as diversas revistas da Pequetita, na casa do sr. Marcondes, que as guardava embaixo do sofá da sala, e os livretos de cordel dos meus tios, além das fotonovelas da tia Terezinha. Lá, também, assisti aos primeiros filmes no cinema, que ficava bem perto do rio, e aonde minha tia me levava às matinês, aos domingos à tarde, e às saídas do boi pintadinho e das folias de reis, entre o Natal e o Carnaval. Muqui, terra da Ester e da minha mãe, foi o meu encontro com a literatura e formou o imaginário da minha infância.

É cenário de meus livros "A casa mal-assombrada", "Pelas mãos dos avós", "Seu Miséria e Dona Pobreza" e "Fantasmas da Infância". Agradeço à Ester por poder compartilhar algumas lembranças de sua cidade natal, e minha de memória afetiva, neste seu livro de memórias tão preciosas.

Ester Abreu Vieira de Oliveira e Francisco Aurelio Ribeiro na posse de Ester como presidente da AEL em 19 de dezembro de 2019
Fonte: Acervo do autora





Reminiscências de Muqui

Wilbett Oliveira, um amigo poeta e editor, procura me retratar como deveriam ser minhas recordações de Muqui, ES. Algumas vezes vai a um pedaço de meu passado, em outras, cita um "depois" de minha infância percorrendo a história da cidade, como o Monumento a Santo Agostinho que não existiu na minha juventude, e imagina situações possíveis de uma enamorada de sua terra natal.

Segue seu texto para um outro olhar.

"Nasci em Muqui como quem nasce dentro de um vale guardado por mãos de pedra. Cresci sob o olhar silencioso dos Dois Pontões, aquelas duas elevações que, na minha infância, não eram formações rochosas — eram sentinelas. Eu acreditava que elas protegiam a cidade do mundo, e talvez protegessem mesmo. Havia nelas uma permanência que me ensinou, muito cedo, que algumas coisas não passam.

Diziam que Muqui começou pequena, nascida do ciclo do café, aberta na marra das enxadas e na esperança dos que vieram antes de nós. Os primeiros arruamentos seguiram o curso do rio, como se a água soubesse o caminho da fundação. Eu gostava de imaginar homens e mulheres abrindo clareiras, erguendo casas de portas largas, desenhando a cidade no pó da terra vermelha.

Do alto — como naquelas fotografias antigas que guardo comigo — a cidade parecia um presépio espalhado entre montanhas. Telhados alinhados, ruas estreitas, a torre da igreja marcando o centro exato da paisagem. A vista panorâmica era a prova de que pertencíamos a um vale íntimo, quase secreto. Nada ali era grandioso demais; tudo era humano.

A primeira praça — que mais tarde aprenderia ter sido o coração urbano da fundação — foi onde descobri o movimento da vida. Coreto, bancos de ferro, crianças correndo em volta das árvores. Era ali que a cidade se encontrava. As festas religiosas começavam na igreja e desaguavam na praça como procissão de vozes.

A Igreja Matriz de São João Batista de Muqui sempre me pareceu maior do que era. Sua fachada clara, suas torres, o relógio que insistia em organizar os dias. Eu subia as escadas com a sensação de estar atravessando um limiar invisível. O sino marcava não apenas as horas — marcava as estações da vida. Batizados, casamentos, despedidas. A cidade respirava no compasso daquele bronze.

A prefeitura — prédio de fachada firme, linhas sóbrias — representava o lado adulto da cidade. Eu passava diante dela com a impressão de que ali se decidiam os destinos invisíveis das ruas: o calçamento novo, a festa do padroeiro, a escola que se ampliava. Era o lugar onde o papel virava decreto e o decreto virava cotidiano.

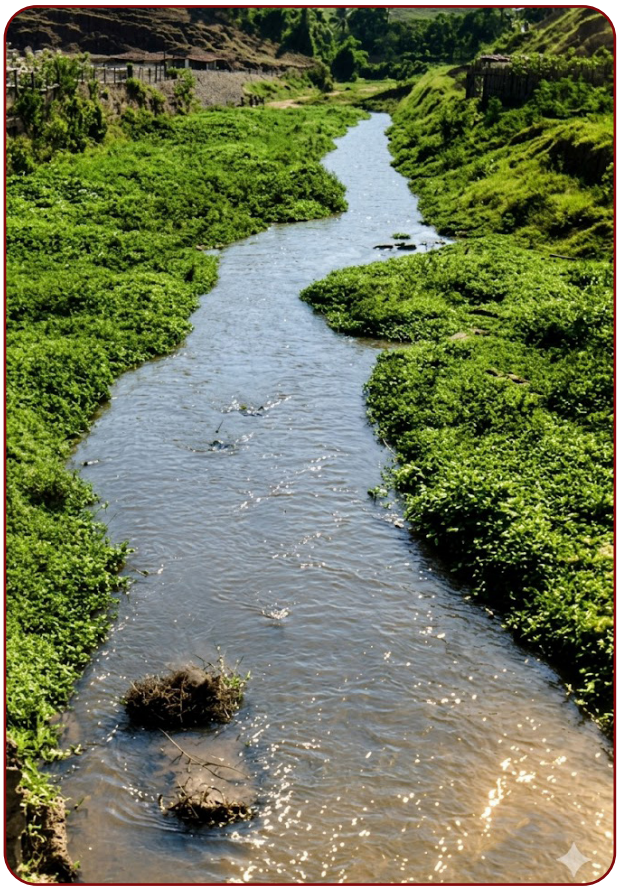
E a escola… a antiga Escola de 1º e 2º Graus Avides Fraga, de janelas amplas e corredores ecoantes. Foi ali que escrevi as primeiras redações sobre a própria cidade, sem saber que já estava tentando fixá-la na palavra. O prédio, com seu ar austero e tijolos aparentes, parecia afirmar que o futuro também tinha endereço.

Fazenda do Entre Morros do Sr. João Pedro Vieira Machado
Fonte: Acervo da autora.



O rio — sempre ele — corria como uma veia aberta na geografia de Muqui. Próximo ao Parque das Lavadeiras Dona Minervina, a memória das mulheres que lavavam roupas nas pedras permanecia suspensa no ar. Eu imaginava as saias molhadas, as conversas atravessando a correnteza, o sabão escorrendo como espuma de história. A água levava a sujeira e guardava os segredos. As ruas ladeadas de palmeiras, como na Avenida do Contorno, davam à cidade uma elegância inesperada. Havia algo de procissão vegetal naquelas árvores altas, alinhadas como se esperassem um desfile que nunca terminava.

Rio Muqui do Norte
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)

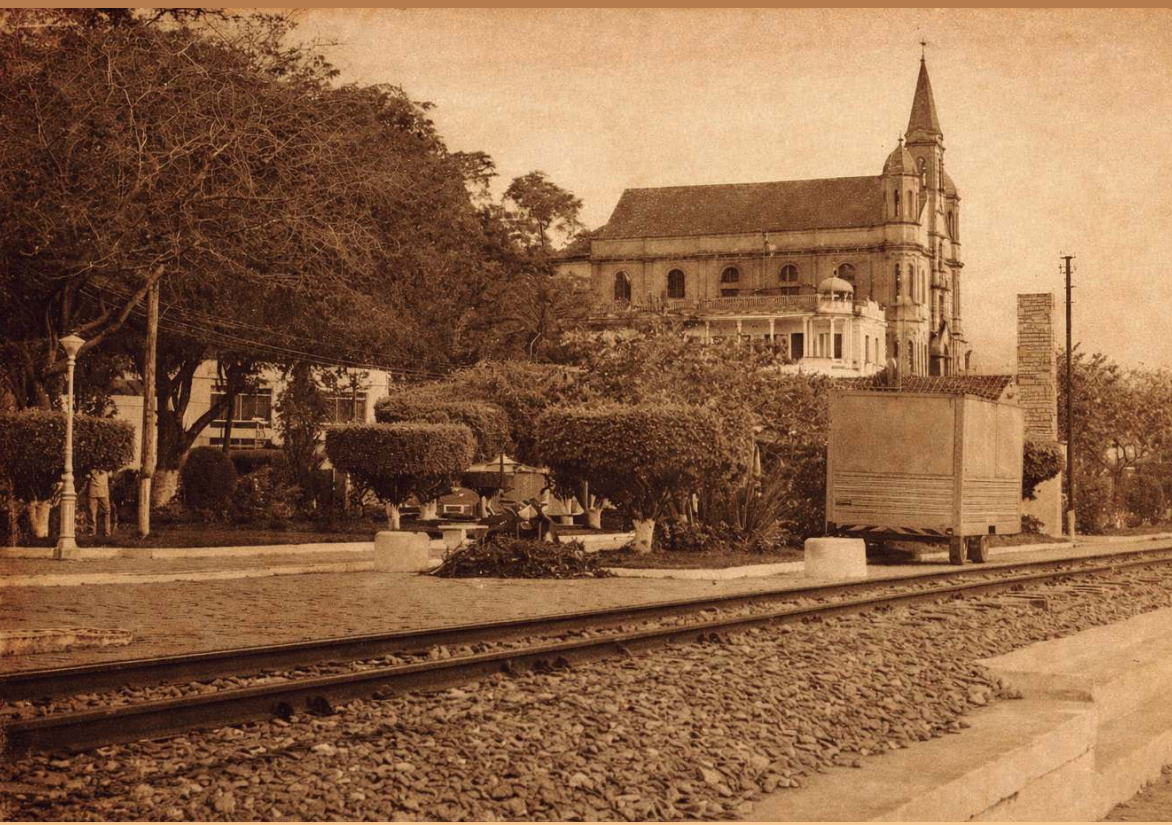


No fim da tarde, a luz atravessava as folhas e desenhava sombras longas no asfalto — e eu aprendia que o tempo também se projeta no chão. As casas antigas, semelhantes àquela que chamavam de casa do lavrador, tinham varandas amplas e portas sempre entreabertas. Elas carregavam na arquitetura a marca do trabalho rural que sustentou a fundação do município. Café, suor, fé e comércio — a cidade se ergueu desse entrelaçamento. E eu cresci ouvindo histórias de tropeiros, colheitas fartas e crises silenciosas.

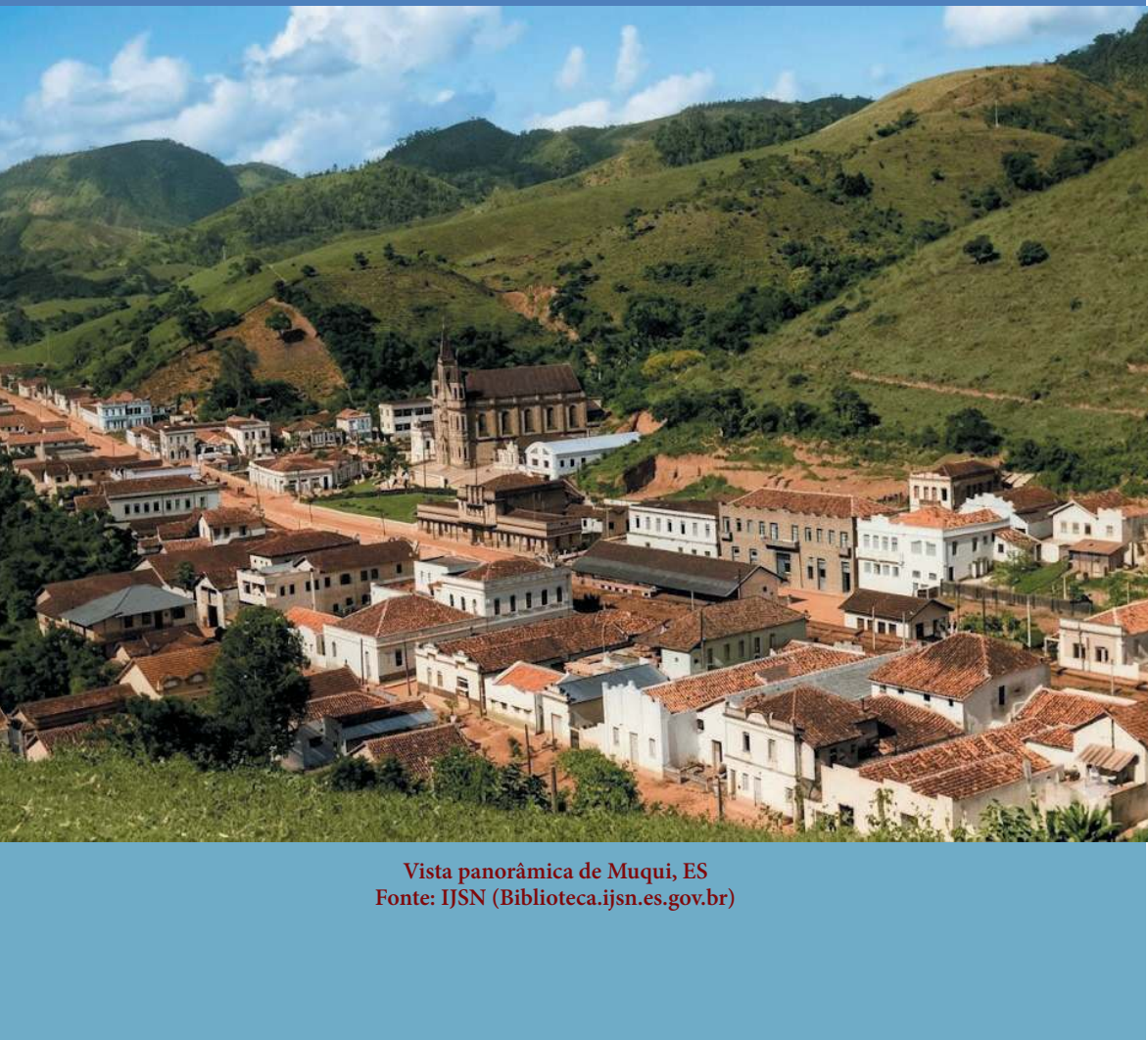
Muqui, fundada oficialmente no final do século XIX, aprendeu cedo a equilibrar tradição e resistência. Mas, para mim, ela nunca foi uma data no calendário — foi sempre uma sensação. Um modo de caminhar devagar. Um jeito de cumprimentar pelo nome. Um silêncio que não pesa.

Hoje, quando olho aquelas fotografias antigas — os morros ainda despidos, a igreja ainda imponente, o parque simples, a escola sólida, as ruas quase vazias — percebo que minha infância não foi apenas vivida: foi arquitetada pela própria cidade.

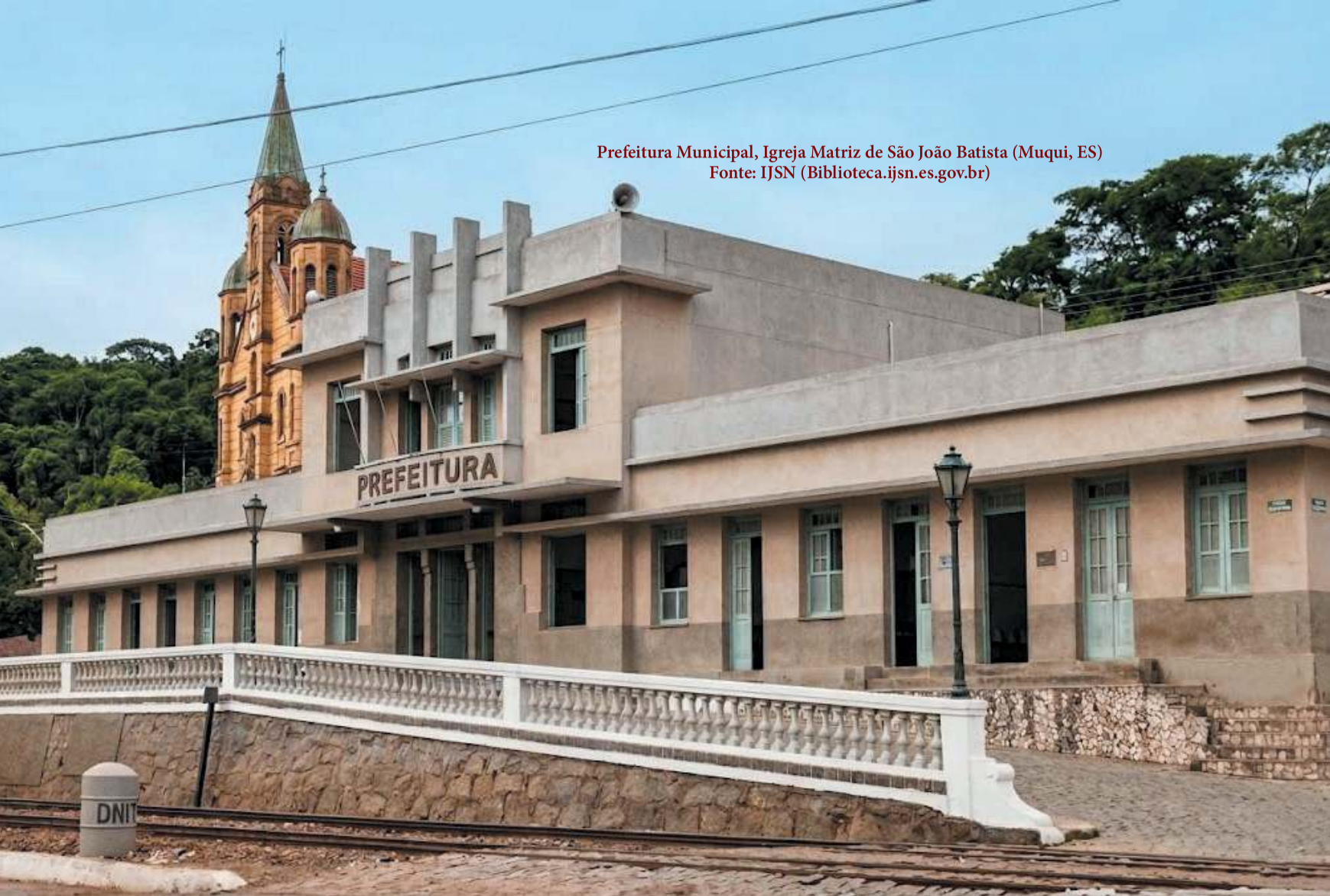
Eu me tornei adulta, mas Muqui permanece dentro de mim como permanece o eco do sino na torre. As montanhas continuam de pé. O rio continua correndo. A igreja continua marcando as horas. E eu continuo sendo aquela menina que acreditava que as pedras respiravam. Talvez ainda respirem.”



Vista parcial de Muqui, ES
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Vista panorâmica de Muqui, ES
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Prefeitura Municipal, Igreja Matriz de São João Batista (Muqui, ES)
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)



Vista parcial da cidade de Muqui, ES
Fonte: IJSN (Biblioteca.ijsn.es.gov.br)

Referências

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MENDONÇA, Paulo Henrique de. *Muqui*: cidade menina . 1850-19889. Vitória: Sagraf Informática, 1989.

OLIVEIRA, Estar Abreu Vieira de. *Momentos*. Vitória. O Autor, 1989. p. 22-23.

_____. *Recordações de Muqui*: cidade menina em prosa e verso Vila Velha, ES: Opção Ed. 2010.

_____. *Epifanias como fossem crônica:* Espírito Santo, Brasil: Formar, 2020.

_____. *Debates em rede*.

RAMBALDUCCI, Ney Costa. *Muqui*: passado de glória. Futuro de Esperança. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda [1999?].

editora
NAMÍBIA

Impresso em maio de 2026 em papel couchê 115g/m², fonte Minion Pro 12/14,4 em São Paulo, SP